

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Coletânea PPE Letras

Ano 18

**Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)**

2022

2022

2022

2022

Niterói – RJ

Revista Querubim 2022 – Ano 18 – Coletânea PPE Letras – 95p. (agosto – 2022)
Rio de Janeiro: Querubim, 2022 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos.
I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

Apresentação

A presente coletânea faz parte de um conjunto de etapas no processo de formação de professores na área de Letras, especificamente em turmas de Pesquisa e Prática Educativa nos semestres letivos do ano de 2021.

A escritura de artigos e resenhas é um exercício de leitura e compreensão não só do discurso que resulta de uma pesquisa, mas também do conteúdo específico desenvolvido ao longo dos debates e exposições nas aulas.

A produção de resenhas significa circunscrever e apresentar o que há de mais significativo no texto produzido por um determinado autor. Além disso, significa analisar de forma sucinta o conteúdo referencial do texto, o que configura um exercício de leitura crítica.

A produção de artigos significa apresentar uma reflexão a partir de observações realizadas no estágio e de leitura de artigos que fazem parte da dinâmica das aulas, e que contribuem no processo de formação de pesquisadores.

Espera-se estar contribuindo de forma significativa para que a relação entre pesquisa e prática de ensino ou prática educativa possa ser desenvolvida pelos estudantes de Letras conforme prevê o PDI da UFF.

SUMÁRIO

01	Ana Letícia Monteiro Barbosa da Costa e Daiana Gomes Queiroz Muniz – Análises e perspectivas entre ensino público e privado	05
02	Arthur Henrique Fernandes de Almeida – A capacidade humanizadora do ensino de literatura	10
03	Luciana Brandão Nabarro e Bruna Bazhuni Silva – Um novo olhar sobre o ensino de Literatura no Ensino Médio	15
04	Camila Fontes, Mariana Oliveira Brito e Rafael de Freitas Conceição – Novos caminhos para o Ensino de Literatura no Ensino Médio: a comparação entre textos como um meio prático de ensino	20
05	Cecylia Missae Odate e Marcos Santos Carlos – Estratégias do Ensino de Literatura em Tempos de Pandemia	25
06	Fernando de Lima Rodrigues – O ensino de leitura, a produção da miséria e a escola: reflexões.	31
07	Gessylene Adriely Lemos Brasil e Gabriella dos Santos Rangel Maués - O <i>SLAM</i> como proposta de ensino de literatura marginal no ensino médio da rede pública	38
08	Izabelle Conceição da Silva – As contribuições da literatura para a formação social dos alunos	45
09	Janaína Andréa Pinheiro – A contribuição da literatura no ensino médio e para a formação do leitor crítico	48
10	Jennifer Guimarães Gomes e Marceley Alves da Rosa – O ensino de Literatura na Educação Básica: a literatura no ensino fundamental, anos finais	59
11	Júlia Raquel Muniz Percilio e Samara Coelho Barros – A importância da pesquisa literária para a formação de sujeitos e leitores críticos	62
12	Larissa Ferreira da Silva – Análise comparativa do ensino do português e da literatura em realidades diferentes	69
13	Lorraina Almeida Serrão de Souza – A importância do ensino de Literatura em sala de aula	74
14	Mariana Souza Paiva de Barros – A contribuição da literatura brasileira contemporânea para a formação de alunos críticos	77
15	Nicole Pereira Ribeiro – Clube de leitura: o trabalho com contos na sala de aula	82
16	Raquel Barros do Amaral e Isabella Rocha Pontes – A literatura de autoria feminina no ensino médio	87
17	Tamires Marcello Rodrigues – A pandemia e o ensino de literatura nas escolas	93

ANÁLISES E PERSPECTIVAS ENTRE O ENSINO PÚBLICO E PRIVADO

Ana Letícia Monteiro Barbosa da Costa¹

Daiana Gomes Queiroz Muniz²

Resumo

Este artigo discorre sobre a importância do ensino de literatura nas escolas. Dessa forma, mesmo com a matéria instalada nos sistemas de ensino brasileiro é necessário questionar a maneira com que é imposto, pelo Ministério da Educação, os conteúdos programáticos obrigatórios. Com isso, deve-se analisar e criticar a proposta pedagógica delimitada e forçada para que a Literatura seja apresentada sobre um novo modelo amplo, reflexivo e crítico para os estudantes. Além disso, é apresentado entrevistas com estudantes do Ensino Médio tanto do ensino particular quanto do privado e análise de uma aula assistida de Literatura e Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Educação. Literatura. Ensino Médio. Público. Privado.

Abstract

This article discusses the importance of teaching literature in schools. In this way, even with the subject installed in Brazilian education systems, it is necessary to question the way in which the mandatory syllabus is imposed by the Ministry of Education. With this, one must analyze and criticize the delimited and forced pedagogical proposal so that Literature is presented on a new broad, reflective and critical model for students. In addition, interviews with high school students from both private and private schools are presented, as well as an analysis of an assisted class of Literature and Portuguese Language in Elementary School.

Keywords: Education. Literature. High school. Public. Private.

Introdução

Este artigo explicita a respeito do ensino de Literatura a partir de entrevistas e análise de uma aula do conteúdo integrado à Língua Portuguesa. Cabe salientar que a literatura se torna uma disciplina obrigatória pela sua importância no desenvolvimento humano do aluno e sua capacidade de estabelecer diálogos entre textos e pessoas de diferentes épocas, ocasionando uma modalidade privilegiada de comunicação. Na realidade do ensino médio escolar, a literatura se dá de forma muito engessada por conta do condicionamento dos conteúdos, gerando assim um desinteresse por parte dos alunos. Levando isso em conta e considerando o apagamento da disciplina nos documentos de base da educação (LDB/PCN), pesquisadores da área buscam alternativas para otimizar o ensino de literatura nas escolas. Por isso, o artigo apresenta um projeto de pesquisa metodológica, desenvolvido no UCS, fundamentado na linha de estudos de Vygotsky, que busca o ampliamiento dos estudos acerca do ensino de literatura no ensino médio.

Esta entrevista consiste na análise das respostas de um aluno do Ensino Médio. Algumas perguntas foram elaboradas pelas alunas Ana Letícia Monteiro e Daiana Gomes e outras seguem o formulário que o professor da disciplina disponibilizou, a fim de saber mais informações sobre as aulas de Literatura sobre a perspectiva do aluno. Os entrevistados para este artigo são jovens de 18 e 17 anos. A primeira é moradora do interior de Magé, concluiu os estudos na escola pública e

¹ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

² Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

enfrentou um ano de estudo presencial e dois na pandemia como ensino remoto e concluiu o ensino básico em 2021. O segundo é morador de Niterói, estudante do 3º ano do Ensino Médio em 2022. Analisaremos, portanto, as respostas de ambos instigando reflexões sobre o ensino de Literatura nas escolas. Além disso, está presente neste artigo a análise de uma que nós, estudantes da matéria de PPE IV observamos em um colégio particular de Niterói.

O ensino escolar da Literatura: entrevistas e reflexões

● **Análise dos alunos**

Estas entrevistas consistem na análise das respostas de dois alunos do Ensino Médio. Algumas perguntas foram elaboradas por duas alunas da matéria PPE IV da Universidade Federal Fluminense entrelaçadas com o formulário que o professor da disciplina disponibilizou, a fim de saber mais informações sobre as aulas de Literatura sobre a perspectiva dos alunos.

A) Escola pública

Essa análise foi desenvolvida a partir da entrevista realizada com uma aluna que terminou o ensino médio no ano de 2021, na escola pública estadual Joaquim Leitão. Como possui finalidade acadêmica, a entrevista seguiu os padrões estabelecidos pelo professor da disciplina de ppe IV. As perguntas foram propostas e trazem como tema o ensino de literaturanas escolas.

A aluna escolhida para a entrevista sempre estudou em escola pública e teve contato com a literatura nos três anos do ensino médio. A escola da entrevistada se localiza em um bairro pequeno e isolado, no interior de Magé. A aluna estudou o primeiro ano presencialmente e os dois últimos anos remotamente. Por isso, teve contato com a literatura nos dois tipos de ensino, presencial e remoto.

No início da entrevista, a questionada se apresenta e conta um pouco sobre sua escola e ano de escolaridade, como mencionado anteriormente. A aluna conta que a escola possui uma boa administração geral, onde os professores e a direção se importam de verdade com o bem estar e desenvolvimento do aluno. Depois, ela explica como funciona o ensino do colégio que é dividido em dois cursos: o ensino médio regular e o ensino médio integral, que tinha foco em empreendedorismo. Cabe ressaltar que a entrevistada cursou o ensino médio integral com ênfase em empreendedorismo, por isso, tinha uma carga horária maior.

Quanto à questão cultural da escola, a aluna comenta sobre os passeios organizados pela instituição de ensino, passeios para cinemas, museus e parques, por exemplo. E também discorre sobre os projetos organizados internamente na escola, como a feira de ciências e a explosão cultural, que são atividades abertas à escola e à comunidade. Na visão da aluna, esses projetos ajudam no trabalho em equipe e promove mais interação.

Ao falar da disciplina de literatura, a aluna conta que não tinha muito interesse mas gostava. Para ela, era maçante ficar estudando os movimentos literários. Tratando-se do conteúdo, Estefani diz que a maior dificuldade era analisar os textos literários. Contudo, como a professora era bem didática, os conteúdos eram abordados de forma dinâmica e prazerosa.

Quando questionada sobre a melhor forma de ensinar literatura, a aluna comenta que acha que deve ser como ela aprendeu na escola. Conta que a professora de língua portuguesa e literatura era a mesma, por isso, alternava os dias e distribuía bem a carga horária sem ficar massante. Além disso, a professora também variava a forma de ensinar, levava obras, vídeos explicativos e outros recursos que despertavam o interesse do aluno. E conclui dizendo que essa, sem dúvidas, é a melhor forma de ensinar e aprender.

B) Escola privada

O aluno entrevistado foi o L, de 17 anos e estudante do 3º ano do Ensino Médio em 2022. A escola em que está matriculado é particular e dispõe do ensino infantil ao ensino médio. Ele é estudante dessa instituição desde 2018. O aluno possui laudo médico de TDAH e utiliza o sistema de monitoria, durante as provas, ofertada pela escola. No primeiro ano do ensino médio foi on-line e por isso a pouca interação acarretou em um desinteresse das aulas, tiveram poucas aulas (menos que o normal por conta da redução dos horários). No segundo ano a professora relaciona os temas com o cotidiano dos alunos e dela. No terceiro ano, só teve uma aula.

A primeira pergunta decorre a respeito da quantidade de aulas de literatura que o aluno tem na semana e foi respondido que são 2 aulas de 50 minutos cada. O aluno descreve que a instituição onde estuda é maravilhosa e tem como um dos principais focos a inclusão social. Mesmo com toda a organização e bom desempenho da escola, é relatado que há questões que precisam melhorar no atendimento a esses alunos.

O aluno discorre sobre as atividades culturais como maneiras de adquirir maior conhecimento sobre assuntos que permeiam a sociedade brasileira. Como exemplo tem-se um projeto de inglês e espanhol que serve para maior conhecimento sobre os países africanos que envolve danças, culinária, história, cultura e tradição.

Quando questionado sobre as disciplinas tanto de língua portuguesa quanto de literatura, é relatado que são disciplinas específicas que precisam de atenção na explicação e no uso cotidiano. Com isso, o aluno explicita que se obter uma interpretação errada, perde todo o contexto solicitado. Porém, as professoras auxiliam nas disciplinas, explicam bem e trabalham de forma lúdica para maior entendimento dos estudantes. O aluno demonstra ser um aluno que tem a atenção dispersa com facilidade, precisa de acompanhamento especializado nos momentos avaliativos. O conteúdo é passado de maneira explicativa e clara para entendimento de todos os alunos, mas, é considerado difícil e devido às regras gramaticais exigidas e trabalhadas na língua portuguesa.

Os textos trabalhados não foram relatados e lembrados pelo aluno, pois as aulas voltaram na semana passada, logo, só ocorreu um contato entre a literatura do 3º ano do EM com os alunos. Entretanto, quanto aos conteúdos programáticos anteriores, não foi lembrado de nenhum texto e tema.

Ser aluno para L é um sentimento satisfatório e bom porque são nesses momentos que ele adquire mais conhecimento sobre a matéria e descobrimento de si mesmo para o mundo. Além disso, guia e abre portas para o futuro profissional e humano social.

● **Análise da aula**

Observamos a aula da professora do 4º ano do Ensino Fundamental e coordenadora de série de um colégio particular localizado no município de Niterói – RJ. As aulas foram observadas no início do ano letivo e a discente trabalhou de diversas formas a proposta literária. Mormente, o projeto foi intitulado com referências a elementos gastronômicos no qual conteúdos de diversas áreas do conhecimento foram trabalhados a partir dessa temática. Na primeira aula a professora apresentou o projeto e levou para a sala de aula uma folha com alguns alimentos.

Após essa apresentação, foi solicitado que os alunos pegassem o seu caderno de Língua Portuguesa e escrevessem em quais contos de fadas os alimentos que aparecem na imagem pertencem. A professora deu alguns minutos para que os estudantes pudessem fazer essa atividade sozinhos. Depois desse tempo, a discente debateu o tema com os alunos e escutou as respostas de cada um. Pude perceber a empolgação de cada aluno tanto no momento da escrita quanto na

correção. Em seguida, a professora apresentou um livro de receitas baseado nos contos de fadas chamado **A Cozinha Encantada dos Contos de Fadas**. A professora explicou aos alunos que os contos de fadas antigamente eram contados pelos camponeses e que nessas histórias orais eram postos fatores que esse grupo social almejava. Com isso, a autora Katia Canton percebeu que os alimentos aparecem em todos os contos de fadas pois eram desejados pelos camponeses. A partir dos estudos da autora, ela escreveu esse livro com várias receitas a partir dos alimentos encontrados em cada conto, como por exemplo: A salada da mãe da Rapunzel.

No segundo dia a professora fez a dinâmica de relembrar a história da Rapunzel. Dessa forma, ela lembrou a história com os estudantes e após isso recontou a história com a turma. Essa prática começou com a professora iniciando a história e passando por vez para que cada aluno completasse a história de acordo com o contexto já criado por outros colegas. À vista disso, a turma criou uma história da classe. Nesse dia a docente leu com os estudantes uma entrevista que a autora Katia Canton deu para uma revista explicando a elaboração do livro.

No terceiro dia foi oferecido aos alunos uma aula de culinária com a nutricionista da escola na qual eles fizeram um biscoito amanteigado chamado popularmente por Biscoitinho 1,2,3,4 em que são utilizados apenas 4 ingredientes. Essa receita também aparece no livro **A cozinha encantada dos Contos de Fadas** relacionada ao conto *João e Maria*. Para mais, foi entregue uma folha para que fossem atribuídos adjetivos aos alimentos vistos nos contos de fadas.

No último dia do projeto, foi passado um vídeo de contação de histórias da Rapunzel e entregue uma folha de produção textual. Nela, havia vários quadrinhos com a história e os estudantes deveriam criar as suas histórias da Rapunzel a partir das cenas expostas na folha. Os alunos amaram essa proposta e fizeram com êxito.

A análise da aula é consolidada através das afirmações do educador e filósofo Paulo Freire que explicita que a linguagem e a curiosidade conduzem a sociedade. Portanto, pode-se afirmar que, à medida que os indivíduos leem, eles constroem o seu conhecimento literário e são capazes de analisar as situações cotidianas no qual solidifica as suas atitudes através das experiências leitoras. Por isso, as práticas de leitura são extremamente importantes na construção educadora dos professores e educacional dos estudantes. Ler um bom livro pode modificar o ser humano e a sociedade, além de aprimorar ideias, imaginações e desejos.

Professores, leitores e autores na formação de outros leitores e autores, articulemos ao cotidiano de nosso trabalho a construção de uma compreensão de nós mesmos e de nossa sociedade, forjando os caminhos de uma mudança, porque, como ensina Paulo Freire (1993), a tarefa do ensinante [...] É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de desistência. (GERALDI, 2009, p.86)

Nesse contexto, é na leitura que os alunos têm contato com diversas culturas. À vista dessa abordagem, os professores precisam escolher bons livros, investir em diversos gêneros literários levando em conta o gosto dos seus estudantes. Além dos professores, faz-se necessário que a escola invista em bibliotecas, salas de leitura para atrair essa rotina ao aluno.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que a semana da aula analisada foi muito produtiva para a aprendizagem estudantil visto que saiu do tradicional arcaico da sala de aula e foi expandido para outros ambientes da escola. Notamos que os alunos amaram as propostas e pediram que a professora trouxesse outras atividades parecidas com essa. Essa turma tem características marcantes que solicitam através do comportamento atividades modernas e integradoras dos conteúdos. Logo, foi uma semana rica de conhecimento e experiências concluídas com sucesso. Para mais, foi

interessante perceber as respostas de ambos os alunos sobre o ensino da Literatura nas escolas. As respostas foram parecidas e apontaram melhorias para as instituições que estudavam. Infelizmente, a quantidade de aulas é reduzida e introduzida somente no Ensino Médio, o que, do ponto de vista da dupla, é tarde e reduz os conteúdos trabalhados. Ambas as escolas promovem propostas e passeios que estimulam a cultura, fator de extrema importância que afirma o legado dos estudos literários.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 56ª edição, 2018.
- GERALDI, João Wanderley. *Políticas de inclusão em estruturas de exclusão*. Mercado das letras, Campinas, São Paulo, 2009.
- ZINANI, Cecil. SANTOS, Salete. *Ensino de literatura: possibilidades e alternativas*. UCS 2002.

A CAPACIDADE HUMANIZADORA DO ENSINO DE LITERATURA

Arthur Henrique Fernandes de Almeida³

Resumo

O texto discute algumas problemáticas acerca do ensino de literatura que vão desde a formação da literatura enquanto disciplina até a recepção da literatura pelos jovens que estão em sala de aula. Ainda hoje, a maneira como se ensina literatura pouco se transformou, e as consequências disso são visíveis frente ao desinteresse dos jovens cuja realidade não dialoga com os conteúdos abordados na disciplina. Nesse sentido, o professor deve entender que formar leitores é despertar o desejo pela literatura e pela leitura e isso passa por entender como a literatura é um direito do ser humano e tem capacidade de transformá-lo.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Literatura.

Abstract

The text discusses some issues about the teaching of literature, ranging from the formation of literature as a discipline to the reception of literature by young people in the classroom. Even today, the way literature is taught has changed little, and the consequences of this are visible in the face of the lack of interest of young people whose reality does not dialogue with the contents covered in the discipline. In this sense, the teacher must understand that training readers is to awaken the desire for literature and reading and this involves understanding how literature is a human right and has the ability to transform it.

Keywords: Literature. Reading. Teaching.

Resumen

El texto aborda algunas cuestiones sobre la enseñanza de la literatura, que van desde la formación de la literatura como disciplina hasta la recepción de la literatura por parte de los jóvenes en el aula. Aún hoy, la forma de enseñar literatura ha cambiado poco, y las consecuencias de ello se hacen visibles ante el desinterés de los jóvenes cuya realidad no dialoga con los contenidos abordados en la disciplina. En este sentido, el docente debe comprender que formar lectores es despertar el deseo por la literatura y la lectura y esto implica comprender cómo la literatura es un derecho humano y tiene la capacidad de transformarlo.

Palabras clave: Enseñando. Leer. Literatura.

Introdução

O ensino de literatura enfrenta muitos problemas, que datam a sua institucionalização enquanto disciplina em 1892, quando o objetivo, àquela época, era a consolidação de uma identidade nacional. Por meio deste processo, dava-se prioridade ao ensino da história da literatura e ao cânone literário brasileiro. Este ensino deu-se, majoritariamente, ao estudo do texto literário deslocado de sua integridade, utilizado como pretexto para outros fins que não a fruição, a experiência e os benefícios que a leitura literária pode trazer, sobretudo em relação ao seu potencial humanizador e crítico.

Além disso, frente às novas tecnologias, os jovens mostram-se cada vez mais distantes do texto literário. Este distanciamento provoca uma indiferença difícil de ser ultrapassada, já que existe um apartamento significativo entre a realidade dos alunos e o conteúdo abordado em sala de aula. Nesse sentido, estes obstáculos produzem um verdadeiro desafio ao professor, que deve reinventar-

³ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense.
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

se cada vez mais para despertar o prazer de ler em seus alunos.

Dessa forma, o ofício do professor é, ao mesmo tempo, mostrar os efeitos estéticos e fazer viver a experiência literária, de maneira que uma vez ampliado o olhar para as possibilidades da literatura, a leitura se dê como processo emancipatório e capacitador de um leitor mais experimentado. Cabe, então, ao professor servir como uma espécie de mediador, aquele que vai “desmitificar a leitura literária como uma atitude improdutiva para os jovens” (ZAFALON, 2013, p. 2).

O direito a literatura

Em seu ensaio *O direito à literatura*, Candido (2011) fala sobre a relação entre os direitos humanos e a literatura. Para tanto, o crítico discorre sobre alguns avanços em discussões sociais àquela época, embora insuficientes no que concernia mobilização para de fato resolvê-los. Com efeito, ele nos mostra que junto a outros direitos aos quais todas as pessoas deveriam ter por excelência — posto que deveriam ser direitos de todos — a literatura imperaria como um direito básico e intrínseco à vida, como são “a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.” (CANDIDO, 2011, p. 176). A estes direitos básicos, que não podem ser negados a ninguém, Candido os chama bens incompreensíveis. A princípio, a linha que separa o bem compreensível e bem incompreensível parece óbvia, “mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar” (CANDIDO, 2011, p. 175).

Quando pensamos nessa definição, é importante ter em mente que cada sociedade definirá quais bens são considerados indispensáveis e dispensáveis, e isto tem um efeito profundo numa sociedade estratificada como a brasileira, cujas desigualdades esbarram em quais direitos cada pessoa pode ter. Mas por que a literatura seria considerada um bem incompreensível? Ora, não é difícil entender o porquê de tal categorização quando se observa a capacidade transformadora que a literatura pode empenhar na vida de alguém. Como afirma Candido (2011, p. 178): ela [a literatura] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco.

O papel mediador do professor

Tal força insuspeita que brota à oportunidade do olhar atento, no entanto, não é uma potência inata senão pela curiosidade com a qual desbravamos o mundo. A leitura literária precisa ser exercitada a fim de ganhar corpo, alma e substância. Para tanto, um profissional competente é essencial para que os alunos possam apreender, por meio da leitura, os mecanismos necessários a uma boa leitura literária, crítica, que desconfia dos discursos impostos e é capaz de elaborar reflexões sobre o objeto de estudo.

Este papel mediador, ao qual o professor está imbuído, é centro irradiante de questionamentos e vicissitudes, porque é dele que a apreciação pelo texto literário presidirá, em virtude de seus estudos e sua formação. Para isso, o professor deve ser um bom leitor, que saberá selecionar os textos que dialogam com a realidade de seus alunos, os quais poderão traçar, por meio de sua experiência de mundo, paralelos com a literatura e, assim, compreender o vínculo imanente ela compartilha com a vida.

O papel do professor de literatura também é ensinar ao aluno a beleza das coisas: da arte, da canção, da literatura, da leitura literária — que não é uma simples leitura comum de decodificação; pois envolve nossa sensibilidade, sentidos, subjetividade. A literatura, desse modo, possui um papel

fundamental como mediadora do olhar e das múltiplas e complexas realidades; ela não só ajuda a perceber o mundo e enxergar no sentido metafórico, como também "a tirar as palavras de seu lugar habitual. E ler é também perceber que as coisas podem ser vistas de outras formas" (JULIÃO, 2013, p. 110).

Esta função assemelha-se muito com a crônica do escritor Eduardo Galeano, que em "A função da arte/1" narra a experiência de Diego em sua primeira vez vendo o mar:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002, p. 12)

Assim como boas perguntas são aquelas que nos devolvem a dúvida, o texto de Galeano nos propõe o exercício do olhar; mas não olhar como que já estamos acostumados, antevendo o mundo com base em experiências anteriores. Antes, emerge o questionamento de como o olhar, eventualmente, necessita de auxílio para compreender o que está diante de si.

Para tal, o estímulo da leitura como prática social é importante para o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia. Isso acontecerá na medida em que se coloca o aluno no centro do ato de ler, como protagonista da ação, que terá um papel ativo na recepção da obra literária e pela qual conseguirá expandir seu horizonte de leituras. Nesse sentido, Julião (2013, p. 107) reitera: ensinar literatura é, antes de tudo, treinar a fluidez do olhar, revelar que a verdade pode ter várias facetas. Isso tudo é muito difícil para um aluno que ingressa no Ensino Médio, no auge de seus 14 para 15 anos, cheio de verdades cristalizadas e imerso em um cotidiano pré-significado, que dá pouca margem à imaginação.

Além disso, outros problemas se apresentam no caminho. Não apenas os jovens estão e são afastados dos textos literários — seja pela falta de diálogo com sua realidade; pela falta do hábito de leitura; pela falta de estímulo que encontra na sala de aula —, mas também alguns professores não cultivam a leitura como parte de sua formação continuada e como compromisso para com a educação. a Universidade precisa cumprir seu papel de formar professores, os quais, no espaço escolar, enfrentarão diferentes desafios na tentativa de fazer de seus alunos leitores de literatura, isto é, sujeitos críticos capazes de interagir com os textos literários ultrapassando os limites de uma leitura impressionista. (VIEGAS, 2014, p. 257)

Cabe ao professor, portanto, muitas responsabilidades. Ele deve ser capaz, ao mesmo tempo, de transpor os limites que preveem o ensino da história da literatura em detrimento da leitura integral do texto, além de instigar em seus alunos o gosto pela pesquisa e investigação e como elas podem ajudar a compreender determinada obra. Ainda, o livro didático ofertado pela maioria das escolas, sempre alvo de diversas críticas, contribui para o engessamento do ensino, uma vez que detém em si uma perspectiva cristalizada e pouco diferente de sua concepção.

O profissional que se atém (ou que tiver de seguir) ao livro didático pode encontrar severas dificuldades em cruzar a barreira de indiferença de seus alunos, já que o livro trabalha apenas com fragmentos de literatura para ensinar escolas literárias e/ou algum conteúdo de português. De acordo com Viegas (2014, p. 257):

os estudos literários continuam tendo como foco a historiografia da literatura

brasileira, o que pode ser facilmente constatado nas coleções que compõem os guias de livros didáticos do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Se considerarmos que grande parte dos professores da Educação Básica orientam suas aulas pelos livros didáticos, somos levados a concluir que a mudança de perspectiva teórica precisará acontecer nesse material a fim de que se efetive nas escolas.

Como a literatura humaniza

Mas o que é a literatura? E para que ela serve? Podem ser perguntas comuns e para as quais respostas simplistas não dão conta de esgotá-las. Na verdade, tentar encontrar utilidade na literatura seria uma armadilha, tanto pelo caráter utilitarista quanto pelo esvaziamento de sentido que tal procura empreenderia descobrir. De fato, essas questões podem, até mesmo, inquietar os alunos, já que nossa sociedade está sempre preocupada em achar um objetivo para tudo.

Antes de mais nada, o professor deve ser aquele que despertará em seus alunos o prazer pela leitura, a necessidade do prazer estético, sem precisar dizer que é importante por conta de um fim. A literatura pulsa em si mesma como potência humanizadora, já que nos ajuda a perceber a complexidade da vida. Nesse sentido, Candido (2011, p. 182) assinala:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensíveis e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Ora, isto é conhecer o caráter transformador na vida dos leitores de literatura e não torná-la veículo para um fim. Ao mesmo tempo, é atribuição do professor ajudar a criar um leitor crítico capaz de ler de forma criteriosa, sabendo selecionar os livros, conhecer os alunos, a turma, para eleger os textos certos. É importante ter a sensibilidade aguçada, prestar atenção à idade, à turma e ter o tato da adequação de suas escolhas, caso necessário.

É importante também entender que quando o aluno não lê o texto não significa que foi por preguiça. Antes, é desinteresse. O prazer ainda não foi despertado. Simultaneamente, a quantidade de conteúdo esgota este aluno. Tomar a literatura acessível para ele é, muitas vezes, sair da sala de aula e ocupar os outros espaços da escola. Torná-la próxima é mostrar a acessibilidade e as diversas formas como ela se manifesta. Como professores, somos mediadores do mundo da literatura e desse aluno. Julião (2013, p. 108), a esse respeito, diz:

Devemos entender que o aluno só terá clareza sobre o que é a literatura e para que ela serve, quando descobrir que o mundo a sua volta está dotado de possibilidades insuspeitadas e que a capacidade de enxergá-las torna a existência mais ampla, confortável, criativa e prazerosa.

Assim, compreender a importância do papel da literatura na vida, sua capacidade transformadora diante da indiferença ou intolerância que muitas vezes se apresenta diante de nós, é fundamental se quer despertar em seus alunos um leitor comprometido e apaixonado. (Zafalon (2013, p. 2-3) exprime:

Um texto não é um objeto fixo num momento histórico; ele lança seus sentidos e tem sua continuidade nas composições de leitura que suscita. Não cabe ensinar literatura perguntando apenas “O que o texto pode querer dizer?”, mas sim, e especialmente, “Como o texto funciona em relação ao que quer dizer?”. O leitor

ou interlocutor interage com o texto, constrói sentidos, expõe suas relações com a língua, exterioriza seus conhecimentos prévios, preconceitos, pontos de vista. Ao final de cada leitura, o texto já é um novo texto.

Palma Filho (1988, p. 1) atesta que "a educação sempre está a serviço de um determinado tipo de cidadania, mesmo que, em alguns casos, de modo não explícito. Dessa maneira, a educação nunca é neutra". Nesse sentido, um bom ensino de literatura deve prezar por um aluno que seja capaz de se posicionar de forma crítica, que possa exercer não apenas sua emancipação e autonomia, mas também sua cidadania:

Refletindo sobre o papel da leitura na escola e a importância da formação do aluno como leitor, entendemos que o professor deve compactuar com essa formação, buscando estimular a capacidade do discente de interagir com o conhecimento de forma autônoma, o que o beneficiará, depois, no cumprimento de seu papel de cidadão. (BUSE, 2011, p. 3)

Referências

- BUSE, Bianca. A disciplina de literatura no ensino médio e a (de)formação do leitor. In: COLÓQUIO "ENSINO MÉDIO, HISTÓRIA E CIDADANIA", nº 6, 2011, Florianópolis. Anais do VI Colóquio "Ensino Médio, História e Cidadania". Florianópolis: UDESC/FAED/Grupo de Pesquisa Sociedade, Memória e Educação, 2011. p. 1-13. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/2343>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 169-193.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. – Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 12.
- JULIÃO, R. ENTRE LENTES – O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Revista Moinhos*, [S. l.], n. 2, p. 106–116, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2363>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- PALMA FILHO, João Cardoso. Cidadania e educação, Cad. pesq., n. 104, p. 101-121, Julho 1998.
- VIEGAS, A. C. C. Alguns desafios do ensino de literatura na educação básica. *Gragoatá*, v. 19, n. 37, 19 dez. 2014.
- ZAFALON, Míriam. Leitura e Ensino da Literatura: reflexões. 18 f. Resumo (mestranda – PLE – UEM). 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/mestrado_alice_artigo.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

Enviado em 22/02/2022

UM NOVO OLHAR SOBRE O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Luciana Brandão Nabarro⁴
Bruna Bazhuni Silva⁵

Resumo

Este artigo irá abordar a problemática do ensino de Literatura no Ensino Médio, apontar suas raízes e trazer uma nova perspectiva para o ensino nas escolas, tomando como base o texto de Flávia Brocchetto Ramos e Taciana Zanolla, “Repensando o ensino de literatura no Ensino Médio: a interação texto-leitor como centro”. Apresenta-se um trabalho voltado para a importância do contato com o texto no processo de apresentação da disciplina aos alunos e a descentralização do foco metodológico retrógrado presente nas escolas. Os resultados observados, ao analisar métodos de incentivo à leitura e escrita em uma escola particular de Niterói, irão apontar a importância do contato prévio dos leitores com obras que se associam à linguagem e temáticas conhecidas pelos alunos.

Palavras-chave: Literatura. Ensino Médio. Texto.

Abstract

This article will address the problem of teaching Literature in High School, point out its roots and bring a new perspective to teaching in schools, based on the text by Flávia Brocchetto Ramos and Taciana Zanolla, “Rethinking the teaching of literature in High School: the text-reader interaction as a center”. It presents a work focused on the importance of contact with the text in the process of presenting the subject to students and the decentralization of the retrograde methodological focus present in schools. The results observed, when analyzing methods of encouraging reading and writing in a private school in Niterói, will point out the importance of the readers' previous contact with works that are associated with the language and the mesk nown by the students.

Key words: Literature. High school. Text.

O ensino de Literatura nas escolas é um tema bastante atual e, de certa forma, alarmante na sociedade brasileira. Com o advento da tecnologia e a sua evolução, observou-se cada vez mais o desinteresse dos jovens pela leitura de livros. Tal fator se associa também à não reformulação dos métodos de ensino de Literatura nas escolas, o que, por sua vez, acaba dificultando ainda mais o resgate dos jovens ao interesse literário.

Nesta pesquisa, foram observadas as relações dos alunos de segmentos do ensino fundamental e do Ensino Médio, de acordo com uma metodologia de ensino aplicada em uma escola particular de Niterói/RJ, a qual trabalha a literatura de forma gradativa com os alunos. Pretende-se demonstrar a importância da linguagem comum aos alunos, o que demanda uma reformulação do sistema de ensino de Literatura nas escolas que não seja pautada única e exclusivamente dos fatores históricos dos movimentos literários.

Fundamentação teórica

Para ir de encontro à temática proposta nesta pesquisa, foi utilizada a análise do trabalho apresentado por Flávia Brocchetto Ramos e Taciana Zanolla, “*Repensando o ensino da literatura no Ensino Médio: a interação texto-leitor como centro*” (2009), ao qual trata sobre a defasagem do ensino de Literatura

⁴ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

⁵ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

nas escolas e formas cabíveis de reestruturação do ensino que de fato estreite as relações entre o leitor e o texto.

Metodologia

No estudo em questão foi analisada a rotina de leitura de alunos em uma escola particular de classe média alta da cidade de Niterói, com o objetivo de atestar a metodologia por eles utilizada para, de forma gradual, despertar o interesse dos jovens pela leitura. Foi realizada a análise de aulas, bem como da grade horária e do conteúdo programático de turmas desde o 6º ano até as primeiras séries do Ensino Médio. Percebeu-se que, apesar da escola não fornecer uma biblioteca física, o que já gera um ponto de atenção sobre até que ponto os jovens de fato estão sendo influenciados à prática da leitura, não só dentro como fora de sala; ela apresenta, desde as séries do fundamental anos finais uma disciplina voltada única e exclusivamente para o contato com a leitura.

Na escola analisada, os alunos só possuem contato com a disciplina de Literatura de fato no Ensino Médio, mas, apesar disso, desde séries anteriores já vêm tendo contato com a leitura de livros, sendo eles, inicialmente com temáticas e modelos mais próximos da sua realidade e linguagem, para, posteriormente, virem a ter contato com obras mais complexas.

O gosto pela leitura é desenvolvido de maneira gradual, tendo seu início através da disciplina de Oficina de Leitura. Nela o professor irá trabalhar com os alunos livros paradidáticos para além da compreensão da história contada no livro. Irá associar a temática das obras com situações cotidianas e também com outros livros conhecidos, o que levará o aluno a, aos poucos, reconhecer as relações e ir desenvolvendo sua capacidade de análise literária. Na disciplina os alunos recebem uma lista de livros específicos que irão trabalhar ao longo do ano letivo, aos quais, em cada bimestre, irão aumentando o nível de complexidade ao passo que a capacidade interpretativa e o interesse dos alunos vai se desenvolvendo. Dessa forma, podem ter contato com obras infanto-juvenil e clássicos como Harry Potter, ou Percy Jackson, que se fazem presente na rotina dos alunos, e gradualmente chegam a analisar obras clássicas como Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus.

Na escola em questão, conforme mencionado, a disciplina de Literatura passa a existir apenas no Ensino Médio, no entanto, devido ao contato prévio dos alunos com as aulas de Oficina de Leitura em que se estimula o contato com as obras e se trabalha associações de obras com temáticas atuais e comuns a eles, os alunos acabam por chegar ao Ensino Médio familiarizados com o contato com a leitura, o que torna cada vez mais fáceis e dinâmicas as aulas onde são aplicadas alguns embasamentos teóricos e históricos para complementar a compreensão de todo contexto que engloba a literatura brasileira. Além disso, possibilita os alunos a aprenderem a extrair dos textos tudo aquilo que se espera e aprimorem tanto a sua escrita e fala, quanto a sua capacidade interpretativa e o seu conhecimento de mundo, ajudando na evolução dos alunos e na conscientização deles quanto às temáticas abordadas.

Análise de dados

A educação como pauta muito em voga na sociedade se associa, atualmente, à percepção do rendimento dos alunos nos vestibulares por todo o Brasil. De acordo com os dados apresentados pelo Indicador de Analfabetismo Funcional (2018), quase 30% da população brasileira apresenta dificuldades interpretativas e em operações matemáticas, o que demonstra que muitos alunos acabam por sair da escola sem possuírem as competências mínimas desejáveis no que diz respeito a leitura, escrita e cálculos. Tal realidade muito se dá pela dificuldade de interação dos alunos com textos em geral.

Um dos fatores primordiais no processo de aprendizagem dos alunos é a sua capacidade interpretativa, sendo necessário que o leitor jovem tenha contato direto com textos. No entanto, o

que se percebe no processo de ensino-aprendizagem nas escolas é a insistência na utilização exclusiva dos livros didáticos como forma de aplicação da literatura na vida escolar dos alunos. Fato é que os livros didáticos não apresentam os mecanismos necessários para atrair e estreitar a relação leitor-texto, pois, apesar de apontarem trechos de obras, não intensificam a relação dos leitores com elas, uma vez que, em sua maioria, os materiais didáticos apresentam apenas a cronologia, fatores históricos e características de movimentos literários, tornando o ensino cada vez mais maçante e desinteressante. Com essa metodologia de ensino, tira-se o prazer da leitura e da imaginação e impõe-se um conjunto de fatores a ser estudado como sendo Literatura.

A abordagem histórica presente nos livros didáticos não inclui o prazer da leitura, afastando, assim, o objetivo principal do ensino de Literatura, que é despertar o interesse pela leitura de fato. O uso do livro didático, porém, não precisa deixar de existir no processo de ensino de literatura, apenas deve deixar de ser utilizado como base principal das aulas e passar a ser utilizado como um acréscimo de informações e auxílio na compreensão das informações existentes nos textos. Deve funcionar apenas como um suporte para os professores e alunos, deixando a análise de textos literários como foco principal da dinâmica das aulas.

A representação da Literatura

A Literatura, enquanto uma representação da linguagem, utiliza-se de recursos linguísticos de forma a construir diversos sentidos vocabulares, contando com a presença de figuras de linguagem, construções sintáticas complexas e ambiguidades que irão despertar tanto a capacidade interpretativa, quanto a visão de mundo de cada leitor. Por outro lado, também apresenta um caráter humanizado, por trazer à tona diversos sentimentos e realidades humanas.

“A literatura é uma prática social tanto para quem escreve quanto para quem lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem e mundo, o modo de ser do homem no mundo”. (AGUIAR; BORDONI, 1988, p. 23)

Para que seja possível a compreensão do texto, é necessário que o leitor encontre sentido e significado ao que ele está lendo. Cada texto possui suas particularidades e singularidades, assim como os leitores, o que faz com que cada texto gere uma interpretação e uma idealização diferente e mais difícil. O texto literário utiliza dos recursos linguísticos para tentar atingir o que se espera da comunicação e da mensagem transmitida. Trata-se de uma perspectiva sobre a realidade humana e de construções de sentido distintas, como a gerada pela polissemia, o que possibilita as múltiplas interpretações de acordo com visões de mundo de cada leitor.

Fato é que o contato com obras literárias, assim como a sua análise, são os principais meios de aprimoramento da capacidade interpretativa, assim como da capacidade de leitura e escrita dos jovens. Conforme citado por Padre Antônio Vieira, “o livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive”. A leitura possibilita uma infinidade de horizontes a serem percebidos e analisados, assim como a percepção de várias condições e sentimentos humanos. No entanto, na sociedade atual, a leitura torna-se cada vez mais escassa no cotidiano tecnológico dos jovens.

Aliada ao modelo de ensino defasado de Literatura, a tecnologia surge como um dos fatores responsáveis pelo afastamento dos jovens ao interesse pela leitura. Em uma sociedade em que a linguagem encontra a cada dia formas mais simples de comunicação e em que a internet possibilita o dinamismo das informações, os alunos internalizam a noção de que a leitura é algo tedioso e até mesmo defasado. Ratifica essa realidade o uso de livros didáticos como representação do que é a Literatura, pautando-se apenas em movimentos literários e fatores históricos. No entanto, Literatura não se trata apenas de registros históricos, a Literatura está associada à vivência, à conhecimento de mundo, à interpretação, visões diferentes, sentimentos e realidades. Tal realidade demonstra que ao

passo que a sociedade se desenvolve, o sistema de ensino deve se desenvolver da mesma forma.

A reprodução maçante de análise de obras literárias de épocas passadas distancia cada vez mais o interesse dos alunos justamente por se tratar de uma realidade diferente da vivida por eles atualmente. Em uma sociedade em que a tecnologia está por todos os lados e as informações chegam a todo momento representando o imediatismo, analisar obras de movimentos literários antigos com uma linguagem diferente da vivenciada pelos jovens na sociedade hodierna e com uma realidade muito diferente da representada nas obras literárias analisadas em sala, o estudo literário acaba se tornando um martírio para os jovens.

Diante disso, que tipos de estratégias podem ser adotadas para reformular a concepção que se tem do ensino de literatura nas escolas e conseguir alcançar o objetivo maior que é a aproximação do leitor com o texto? Para atrair a atenção dos jovens para o contato com o texto e a literatura, se faz necessário um processo gradual, como com o uso de obras cuja linguagem se aproxime daquela utilizada pela geração, de forma a trazer uma melhor compreensão daquilo que está sendo transmitido e de forma a conseguir criar um diálogo, um debate acerca das temáticas e possíveis interpretações cabíveis para a leitura em questão. A realização de estratégias que aproximem a realidade do jovem com o texto a ser analisado é muito importante para estimular cada vez mais a leitura para essa geração imediatista e tecnológica.

É muito importante que a transição dos níveis de contato com a leitura ocorra de maneira gradual, ampliando a capacidade crítica e interpretativa dos alunos, aprimorando seu conhecimento de mundo e trazendo debates, associando a leitura à realidade dos alunos, bem como à linguagem deles.

“A experiência com o texto literário pode não apenas tocar emocionalmente o leitor, como também favorecer um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas, além de levar a uma análise das estratégias linguísticas de construção desse texto. [...] é uma forma ativa de lazer e conhecimentos (CARVALHO, 2015, p. 06)”.

O incentivo à leitura é fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos jovens, pois ela será o fator primordial de desenvolvimento das habilidades críticas e cognitivas durante toda a vida deles.

“Ler é – além da “atribuição de significados à imagem gráfica segundo o sentido que o escritor lhe atribui – a relação que o leitor estabelece com a própria experiência”, através do texto. Assim envolve aspectos sensoriais (ver, ouvir os símbolos linguísticos), emocionais (identificar-se, concordar ou discordar, apreciar) e racionais (analisar, criticar, correlacionar, interpretar). Há, portanto, diferentes níveis de leitura que extrapolam do texto para o mundo. (YUNES, 2002, p. 58-59)”.

Para que a leitura se torne algo mais aceitável aos olhos dos estudantes, se faz necessária a reformulação das metodologias de ensino e do conteúdo programático estipulado, assim como do aprimoramento da preparação/formação do corpo docente para que a nova estrutura de ensino seja aplicada da maneira que se espera que a Literatura seja desenvolvida. O estímulo ao debate, a aproximação de obras com a realidade e linguagem dos jovens e a demonstração de que a literatura pode de fato apresentar diversas visões e se associar aos acontecimentos relacionados ao cotidiano dos jovens são fatores muito relevantes que irão auxiliar na proximidade e no desejo dos jovens pela leitura e a literatura.

Considerações finais

O contato com os textos literários, conforme explicitado, está diretamente ligado às relações humanas, às interpretações e a vivência de cada indivíduo socialmente.

“Quando lemos estamos produzindo sentidos, reproduzindo-os ou transformando-os. Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo sócio-histórico de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada. O cerne da produção de sentidos está no modo de relação, leitura entre o dito e o compreendido (ORLANDI, 2008b, p 59).”

A Literatura é arte, é conhecimento de mundo, é viajar para diversos mundos, é abarcar diversas realidades dentro de uma única representação. Ela possibilita o desenvolvimento do conhecimento, assim como amplia papel humanizador e possibilita a identificação de realidades muito distintas que coexistem dentro de uma única leitura. Para que ela consiga desempenhar todas as suas funções e ser aceita perante os jovens da atualidade, se faz necessária a reformulação do sistema de ensino, visando elucidar o caráter atemporal da Literatura e voltando a reorganização do sistema para o ensino pautado no contato entre o leitor e o texto e não do aluno com o contexto histórico e movimentos literários exclusivamente.

Ratifica-se a necessidade do aprimoramento do modelo de ensino por parte dos professores, de forma que levem para a sala de aula metodologias de ensino que instiguem o interesse dos alunos e conquiste, transmitindo a capacidade que os textos têm de se relacionar com cenários muito semelhantes à realidade vivida por eles. Uma vez que os alunos compreendem as temáticas possíveis presentes nos textos literários e associam à sua realidade e à sua linguagem, passam a aceitá-la como algo atual e pertencente à sua realidade de fato, e não como uma matéria maçante e retrógrada que apenas representa visões do passado.

Referências

- AGUIAR, V.T. de; BORDINI, M. da G. Literatura: a formação do leitor ³ alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p.6-21 jan/jun. 2015.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura 8ed. São Paulo, Cortez, 2008.
- RAMOS, F.B; ZANOLLA, T. Repensando o ensino de literatura no ensino médio. Itajaí, jan/abr 2009.
- YUNES, Eliana L. M. Pensar a leitura: complexidade. Edições Loyola, 2002.

NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: A COMPARAÇÃO ENTRE TEXTOS COMO UM MEIO PRÁTICO DE ENSINO

Camila Fontes⁶
Mariana Oliveira Brito⁷
Rafael De Freitas Conceição⁸

*“Por meio da literatura o aluno se desenvolve como indivíduo.”
(COSSON, 2020, p.133)*

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como a atividade comparativa na sala de aula confere ao aluno um gosto maior pela leitura dos textos literários, já que, na maioria das vezes, muitos deles se encontram desanimados por considerarem os textos literários cansativos e sem muita importância. Pensando nisso, foram formuladas algumas propostas de atividades destinadas ao 1º ano do Ensino Médio da educação básica em que buscou-se desenvolver a leitura crítica a partir da comparação de dois gêneros textuais distintos, relacionando-os ao seu contexto de produção, a fim de despertar no aluno um interesse maior pela leitura dos textos literários, demonstrando o papel reflexivo e crítico que eles carregam e a importância do contexto de produção para a compreensão do sentido.

Palavras-Chave: leitura. comparação. ensino médio.

Resumen

El presente trabajo pretende demostrar cómo la actividad comparativa en el aula le otorga al estudiante un mayor gusto por la lectura de textos literarios, ya que, la mayoría de las veces, muchos de ellos se desaniman por considerar los textos literarios cansadores y sin mucha importancia. Con esto en mente, se realizaron algunas propuestas de actividades dirigidas al 1er año de bachillerato de educación básica, en las que se buscó desarrollar la lectura crítica a partir de la comparación de dos géneros textuales distintos, relacionándolos con su contexto de producción, con el fin de despertar en el estudiante un mayor interés por la lectura de textos literarios, demostrando el papel reflexivo y crítico que tienen y la importancia del contexto de producción para la comprensión del significado.

Palabras clave: lectura. Comparación. escuela secundaria.

Introdução

A leitura de textos literários nos permite conhecer novas realidades e entrar em contato com perspectivas diferentes da nossa, levando-nos a experimentar diferentes emoções e refletir sobre a realidade que nos cerca. Com isso, pode-se compreender a importância da leitura na vida dos indivíduos, principalmente a leitura de textos literários.

A partir disso, nesse estudo busca-se promover atividades comparativas entre textos que despertem nos educandos o interesse pela leitura de diferentes gêneros literários. Dessa forma, cabe destacar inicialmente que as atividades realizadas demonstram a importância da leitura a partir de discussões sobre forma, conteúdo, gênero, possíveis relações com a não ficção, contexto de produção, entre outros elementos que possam contribuir para a compreensão e interpretação crítica

⁶ Graduanda em Letras Português/Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF).

⁷ Graduanda em Letras Português/Literaturas na Universidade Federal Fluminense (UFF), Bolsista DPD/PROGRAD-UFF.

⁸ Graduando em Letras Português/Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

do texto literário.

Nessa jornada de produção das atividades pedagógicas propostas, houve uma busca pelo rompimento do imaginário a respeito de disciplinas que envolvem estudos literários, diga-se de passagem, a quebra de preconceitos que julgam a disciplina como tediosa, desinteressante, desconexa com a realidade pessoal e de difícil compreensão. Por este meio, espera-se que gradativamente, tais estereótipos sejam deixados de lado à medida que os estudantes possam se entregar à prática da leitura e se reconhecer nela.

Pressupostos teóricos

Como fundamentação teórica da pesquisa, foi tomada por base textos cujo foco é o ensino de Língua e de Literatura e abordam o letramento literário, tais como Antunes (2010), Cosson (2020), entre outros.

De acordo com Antunes (2010), no trabalho com o texto verbal, é extremamente importante estar atento ao uso do léxico, não só na perspectiva denotativa, mas também na sua funcionalidade dentro do contexto e nas várias conotações possíveis. Sobre essa dupla função, a autora afirma que há: “(...) a dos sentidos que ativa e a do papel que cumpre na construção do texto.” (ANTUNES, 2010, p. 216). Dessa forma, no ensino de leitura crítica dos textos, torna-se necessário que o aluno esteja atento às relações de significado que as palavras estabelecem umas com as outras, sempre levando em consideração o uso linguístico e sua relação com o contexto de comunicação.

Nesse sentido, pretende-se instigar o gosto pela leitura, tendo em vista o valor da Literatura na sala de aula. Segundo Cosson (2020), no artigo “O Paradigma da Formação do Leitor”, não se deve levar em consideração o ensino de Literatura somente para o desenvolvimento de vocabulário, fixação de ortografia e incorporação do registro formal, mas, para além disso: a Literatura precisa se fazer presente na escola por duas grandes razões que se encontram interligadas:

A primeira delas é que por meio da literatura o aluno se desenvolve como indivíduo, ou seja, a leitura dos textos literários proporciona ao leitor experiências e conhecimentos que ampliam e aprofundam a sua compreensão do viver, que o ajudam a entender melhor o seu mundo e a si mesmo. (...) A segunda grande razão é que a literatura é o instrumento mais eficiente que se conhece para a criação do gosto e do hábito pela leitura. (COSSON, 2020, p. 133).

A estudiosa Helena Carvalhão Buescu em seu artigo “Literatura-mundo comparada e os mundos em português” traz uma noção de estranhamento ocasionado por essa literatura produzida numa mesma língua, mas não numa perspectiva negativa e sim positiva, já que esse estranhamento nos faz olhar para essa literatura com mais atenção, e isso nos leva a ter uma interpretação mais apuradas desses textos quando a gente mantém essas diferenças, já que cada texto será criado com objetivos específicos.

Com isso, buscou-se através das atividades propostas defender a ideia do cânone sendo utilizado para outros fins e não somente apresentar uma lista de autores ou obras. Ou seja, buscou-se a utilização desse cânone para fins didáticos ou pedagógicos através de atividades comparativas formuladas pelos licenciandos da Universidade Federal Fluminense (UFF) tendo em vista sua aplicação no Ensino Médio.

Metodologia

A primeira atividade proposta tem como objetivo geral desenvolver a leitura crítica a partir da comparação de dois gêneros textuais distintos, relacionando-os ao seu contexto de produção tendo como público alvo os anos finais do ensino médio.

Além disso, ao final da atividade proposta espera-se que o alunado seja capaz de: compreender o contexto discursivo no processo de leitura e sua importância na interpretação textual; refletir sobre o confronto entre duas culturas a partir da leitura e da interpretação textual e destacar as influências entre as obras.

Durante a aula 1 como atividade de pré-leitura se tem como proposta a discussão oral da imagem a seguir a partir das seguintes perguntas: O que essa imagem representa?/ Nessa imagem há o encontro entre dois povos diferentes. Para você, qual foi a sensação de ambos os povos a partir desse encontro? De acordo com a história, esse contato ocorrido entre os portugueses e os índios foi um tanto perturbador. Vocês se lembram o porquê disso?

Imagem 1



Disponível em: <https://br.images.search.yahoo.com/search/images?>.

Na segunda parte da aula, partiremos para a atividade de compreensão leitora. Nesta atividade o estudante vai se debruçar em um pequeno fragmento da carta de Pedro Vaz de Caminha.

Após a leitura, haverá uma discussão entre os alunos que será permeada pelos seguintes questionamentos: Você tem o costume de ler cartas?/ O que podemos saber sobre essa carta a partir desse fragmento? / Se vocês estivessem no lugar de Pedro Vaz de Caminha que meio de comunicação vocês utilizariam? Pensando na contemporaneidade e nas múltiplas formas de se comunicar./ Vocês encontraram dificuldades ao fazer a leitura do texto? Se sim, quais? Após esse processo, os alunos foram direcionados para a leitura de um outro texto, sendo esse agora o poema

chamado “Erro de português”, de Oswald de Andrade.

Após a leitura feita pelo professor regente da turma com os alunos, oralmente seriam debatidas as seguintes perguntas: Que sensações foram despertadas em vocês durante a leitura do poema?/ Existem relações entre o texto 1 e o texto 2 apresentados quanto a sua temática? Justifique sua resposta. /E quanto a linguagem dos textos? Elas são semelhantes ou diferentes? Justifique sua resposta. /Você acredita que esses dois textos foram escritos num mesmo período? Por quê? Após as discussões partiremos para a comparação dos textos com fins práticos.

Após uma breve exposição sobre o poeta Oswald de Andrade mediada pelo professor, os alunos foram convidados a formarem grupos, fazerem novamente a leitura dos textos antes solicitados e após esse processo, responderão às seguintes questões no caderno:

A – A carta de Pedro Vaz de Caminha para o rei Dom Manoel foi datada nos anos de 1500. Já o poema “Erro de Português”, foi publicado no ano de 1925. Ambos os textos retratam a chegada dos portugueses no Brasil e seu encontro com os índios. Como isso é retratado na carta? E no poema?

B – A carta tinha um direcionamento a uma pessoa específica com um objetivo específico. E o poema? Para quem vocês acreditam que Oswald de Andrade estava escrevendo? E com quais objetivos? Apenas retratar como aconteceu o encontro dos portugueses com os índios como na carta ou existia um viés crítico? Justifique sua resposta.

C – O poema faz alusão a um episódio da história do Brasil e o seu título é “Erro de português”. Qual é a sua relação com a temática do poema lido? Será que ele está tratando no poema sobre a temática da ocorrência dos erros de português a partir do desvio da norma culta? Ou não? Justifique sua resposta.

D – Como é demonstrado a imposição de uma cultura sobre a outra no poema a partir do uso dos verbos *despir* e *vestir*?

E – Se vocês pudessem conversar com os portugueses naquele tempo, o que vocês iriam dizer a eles para fazer com os índios?

Análise de dados

A análise de dados do presente estudo não pôde ser realizada de forma tradicional, devido ao fato da pandemia que nos assola, tendo em vista a situação que estamos vivendo. As atividades que foram elaboradas tendem a ser aplicadas em sala de aula da educação básica, entretanto não poderão ser aplicadas, sendo assim, apenas analisadas pelo professor.

Em um contexto sem pandemia, o professor aplicaria toda a atividade e receberia uma devolutiva, para assim analisar quais seriam as melhores adaptações a serem feitas no material ou na exibição do conteúdo. Embora isso não seja possível atualmente, torna-se de extrema importância que o professor responsável pelo estágio averigue e nos indique os melhores caminhos para aplicar e receber as atividades.

Considerações finais

Em suma, é importante observarmos o quanto a literatura é uma matéria importante em sala de aula, já que o texto literário cria inúmeros efeitos de sentidos formando assim leitores críticos ao relacionarem a literatura com o mundo. No entanto, atualmente a literatura tem se tornado uma matéria que os alunos não têm tanto interesse, tornando necessárias novas medidas

de ensino em sala de aula.

Nesse âmbito, a literatura comparada é um método de ensino que pode ser utilizado a fim de despertar nos alunos novos caminhos para chegar a interpretação do texto literário e também ao gosto pela leitura literária. Nessa perspectiva, os estudos comparados têm a intenção de destacar a literatura como um meio e não um fim, pelo motivo de não focar somente na estética e estrutura das obras literárias, mas no sentido de relacioná-las com aspectos culturais e fazer a comparação com outros escritores e áreas do saber.

Com isso, nos planos de aulas deve-se incluir uma literatura contemporânea também e não somente uma leitura dos clássicos, a fim de manter um equilíbrio entre esses repertórios e dialogar com as produções consumidas pelos alunos, objetivando tornar leitores ativos e não mecanizados, buscando assim desenvolver nos alunos o prazer de estudar e ler literatura.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BUESCU, Helena Carvalhão. **Experiência do incomum e boa vizinhança: Literatura comparada e literatura-mundo**. Porto: Porto Editora, 2013.
- BUESCU, Helena Carvalhão. Literatura-mundo comparada e os mundos em português. **Revista da ABRALIC**, v. 19, n. 32, 2017, p. 89-92. Artigo disponível em <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/441/441>
Acesso em 14/06/2021.
- COSSON, Rildo. **O paradigma da formação do leitor**. In: COSSON, Rildo. Paradigmas do ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2020.

ESTRATÉGIAS DO ENSINO DE LITERATURA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Cecylia Missae Odate⁹
Marcos Santos Carlos¹⁰

Resumo

O presente trabalho analisa e reflete sobre como o ensino de literatura e o exercício de leitura se deram durante o período de ensino remoto obrigatório por conta da pandemia de covid-19 durante o ano de 2020. Partindo do conceito de Benedito Antunes de que a literatura sempre viveu uma crise, o documento aborda como essa crise se transformou e se intensificou na modalidade de ensino remoto e quais foram as estratégias encontradas pelos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para contornar a situação atípica de forma que a prática da literatura não fosse tão prejudicada. Busca também estabelecer um paralelo entre a realidade do ensino remoto e a realidade do aluno, considerando formatos e conteúdos digitais que possam ser utilizados no processo de aprendizagem, para que o aluno seja incentivado a cultivar o hábito de leitura e como isso pode impactar a experiência dele durante esse processo.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Literatura; Ensino-aprendizagem; Pandemia; Educação.

Resumen

El presente trabajo analiza y reflexiona sobre cómo se dio la enseñanza de la literatura y el ejercicio de la lectura durante el período de enseñanza remota obligatoria por la pandemia del covid-19 durante el año 2020. Partiendo del concepto de Benedito Antunes que la literatura siempre ha vivido una crisis, el documento aborda cómo esta crisis se transformó e intensificó en forma de enseñanza a distancia y cuáles fueron las estrategias encontradas por los agentes involucrados en el proceso de enseñanza-aprendizaje para sortear la situación atípica y que la práctica de la literatura no se viera tan perjudicada. También se busca establecer un paralelismo entre la realidad de la enseñanza a distancia y la realidad del estudiante, considerando formatos y contenidos digitales que pueden ser utilizados en el proceso de aprendizaje, para que el estudiante se anime a cultivar el hábito de la lectura y cómo esto puede impactar la experiencia en él durante este proceso.

Palabras llave: Enseñanza a distancia; Literatura; Enseñanza-aprendizaje; Pandemia; Educación.

Introdução

Quando falamos de literatura, principalmente a literatura de livros clássicos, em relação aos jovens estudantes que cursam o ensino médio, não é raro encontrar alunos que tenham pouco contato ou até mesmo desconhecimento sobre os livros e autores trabalhados em sala de aula. Isso se dá por diversos fatores, sejam eles sociais, econômicos ou até mesmo a falta de interesse na leitura.

Considerando a realidade do contexto do Brasil, onde livros novos são vendidos em uma faixa de preço que, às vezes, pode não ser ideal se considerarmos o salário mínimo do trabalhador brasileiro, o acesso à leitura acaba sendo prejudicado. Existem alternativas, como bibliotecas públicas e até mesmo serviços de aluguel de livros digitais, mas nem sempre essa vai ser uma realidade disponível e acessível para o estudante, dependendo do contexto socioeconômico em que ele se encontra.

Há um outro fator mais sistemático, referente ao ensino de literatura nos anos anteriores

⁹ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

¹⁰ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

ao ensino médio. Nem sempre a disciplina de literatura e até mesmo o hábito de leitura vai ser algo constante dentro do cotidiano de sala de aula, muito menos mencionado como algo importante para o futuro do aluno nas séries posteriores e, conseqüentemente, ao longo de toda a sua vida, acadêmica ou não. Até mesmo porque, um dos benefícios da leitura é a aquisição e desenvolvimento da capacidade de interpretação.

Os impactos da falta dela acabam gerando conseqüências desastrosas em diversas áreas da vida da pessoa, principalmente no que tange o lado social e político. Usar uma abordagem de ensino que vai contra o desenvolvimento da interpretação textual acaba gerando uma falsa impressão de que o aluno não precisaria daquilo, afinal de contas: se não é importante, porque ele deveria “*perder tempo*” lendo? Esse é um dos argumentos mais frequentes ditos por estudantes quando questionados sobre seus hábitos de leitura.

Parte da culpa por trás desse comportamento é do professor, que nem sempre é realmente capacitado para estar lidando com a turma na qual leciona. Seja por falta de formação, seja por não entender a própria turma, ou até mesmo por não ter o hábito de leitura. Através de tanta falta de estímulo no dia-a-dia escolar, isso acaba distanciando o aluno cada vez mais da leitura.

Parte dessa responsabilidade também é dos pais e responsáveis, que se não entendem a importância da leitura para a formação, não só escolar, mas também cidadã dos seus filhos, não vão passar isso para ele. O filho, aluno em idade escolar, por sua vez, também não irá dar a devida importância ao hábito de leitura, muito menos à literatura e seus livros clássicos ou modernos. Em um mundo em que quase tudo é 100% em relação a estar conectado, com os outros e para os outros, a tecnologia e todas as suas funcionalidades chamam muito mais atenção, seja em relação a games ou redes sociais.

Ela acaba sendo uma via de mão dupla: útil enquanto pode ajudar, nociva enquanto faz com que o usuário possa se perder. Como citado anteriormente, hoje é possível ter acesso a livros através de meios que envolvam a utilização de celulares, tablets e computadores, mas é fato que uma grande porcentagem de estudantes utilizam a tecnologia apenas para o acesso a redes sociais e afins. Isso gera um estado de passividade que mais atrapalha do que ajuda o aluno em seu processo de aprendizagem.

Fundamentação teórica

O ensino de literatura sempre esteve em crise. De acordo com Benedito Antunes (2015), essa crise se daria por conta da forma como a literatura é introduzida aos alunos na educação básica. Em seu texto “O ensino da literatura hoje”, o autor informa sobre como os novos meios de comunicação têm tomado lugar na vida da população, preenchendo suas necessidades de ficção, entretenimento, acesso à informação etc. Dessa forma, a literatura é deixada cada vez mais de lado, sendo consumida por uma pequena minoria. O autor explica que esse processo de substituição acontece pela maneira como a literatura é introduzida aos alunos na escola, como uma obrigação ou um castigo. A escola carrega o papel de atuar como formadora de leitores. É no ambiente escolar que grande parte da população passa a ter contato com importantes obras mundiais e debates proporcionados por elas.

Antunes (2015) ainda afirma que essa crise no ensino de literatura tem seu lado positivo, pois chama a atenção para essa questão e coloca os educadores em posição de repensar os modelos de ensino, buscando adaptá-los cada vez mais de acordo com a realidade vivenciada pelos alunos.

Metodologia

O presente documento tem como objetivo refletir sobre como o ensino de literatura tem se mantido no estilo remoto e quais as consequências dessa nova realidade no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa se deu através da leitura e reflexão sobre os textos de Benedito Antunes “O ensino de literatura hoje”, o texto “Ensino de literatura: limites e desafio no sistema remoto” de Deusemar Cardoso do Nascimento, Francisco Dened Lima Alves, Elton Amaral Araújo e Rosana Siqueira Alves, o texto “Direito à literatura em tempos de ensino remoto emergencial: dos primeiros usos da tecnologia em sala até o ensino literário durante a pandemia” de Ana Clara Velloso Borges Pereira e também o texto de Susana Veiga, Hugo Toletto e Tiago Portilho intitulado “Ensino remoto: quais foram os impactos na vida das pessoas que compõem o processo de ensino-aprendizagem?”.

Discussão

Os impactos do ensino remoto nos alunos

Com a nova realidade de aulas ministradas à distância, as lacunas que já existiam no processo de ensino-aprendizagem se intensificaram. Se no modelo presencial a relação entre aluno e professor já era comprometida por conta da quantidade de alunos que um único professor deveria atender, por conta do pouco tempo de convivência ou até mesmo por conta da falta de competência e humanidade dos profissionais ao lidar com os estudantes, no modelo remoto o acesso ao professor se torna ainda mais difícil.

Da mesma forma, o acesso a livros e o interesse pela leitura também foram comprometidos. Com as bibliotecas e escolas fechadas, muitos alunos não possuem nenhuma outra forma de ter contato com livros. Sem os educadores incentivando a leitura, através de projetos, atividades e discursos de motivação, muitos jovens perdem completamente o interesse pela prática.

Talvez uma pequena porcentagem dos alunos tenham tido uma experiência eficaz com aulas acontecendo em formato virtual, mas a realidade de boa parte dos estudantes brasileiros é bastante diferente disso. Muitos não possuem acesso à internet, a aparelhos tecnológicos adequados ou não têm um ambiente favorável ao estudo em casa. Todos esses fatores interferem diretamente na qualidade da aprendizagem que esse jovem terá e em como será sua relação com os conteúdos ensinados pela escola.

Segundo Veiga *et al* (2020) houveram diversos estudos que analisaram o impacto da pandemia na vida dos estudantes, mas especialmente uma pesquisa realizada na China apontou que 24.9% dos entrevistados apresentou quadro de ansiedade e/ou outros transtornos mentais por conta da realidade de distanciamento social, do impacto econômico e do número de mortes.

O grupo dos estudantes já sofria com estresse e ansiedade causados pela rotina intensa de estudos e preocupações com o futuro, mas esses problemas foram fomentados no ano de 2020. Essas questões de saúde mental interferem cada vez mais no desempenho escolar e acadêmico daqueles que lutam para conseguir o mínimo de condições psicológicas para darem prosseguimento a seus estudos.

É natural que esse desgaste mental reflita também na relação dos jovens com a leitura. Mesmo servindo também como entretenimento e opção de escape da realidade, muitos indivíduos, além de não terem acesso aos livros, não se sentem encorajados a ler por conta do cenário cada vez mais pessimista que os cerca. Além disso, talvez para muitos alunos a única pessoa que atua como

motivador da literatura seja o professor e, sem contato direto com ele, não lhes resta mais ninguém que cumpra tal papel.

A nova demanda do EAD

Com o advento do EAD e a necessidade de uma readaptação para uma realidade remota, devido a pandemia de covid-19, muitos aspectos que faziam parte da realidade presencial não se fizeram mais presentes. Um dos maiores impactos dessa nova realidade deu-se pela forma de aprendizado através das aulas remotas, ministradas a partir de chamadas via Google Meet, Zoom ou Microsoft Teams, em relação ao que tange a transmissão de conhecimento para os alunos.

Se numa sala de aula presencial já é bastante difícil para o professor conseguir reter a atenção da turma, na modalidade online é dez vezes mais complicado, devido a diversas distrações que podem atrapalhar a fluidez da aula. Em se tratando do ensino de literatura, em que o professor muitas vezes precisa assumir um papel de facilitador para estimular a prática de leitura para jovens que nem mesmo possuem um contato mínimo com livros, acaba existindo um enorme desafio a ser superado para atrair e engajá-los utilizando livros clássicos, que geralmente fazem parte do currículo escolar.

Um dos maiores desafios acaba sendo tirar a impressão de que os livros clássicos são velhos e antiquados, para que se possa aproximar o leitor das ideias, sentimentos, linguagem visual/verbal e incentivar o gosto pela leitura, gerando também o hábito de ler e criar histórias, ao desenvolver as capacidades intelectuais, emocionais e usuais da língua falada e escrita. (NASCIMENTO et al., 2020, p. 5)

Existem diversas estratégias que podem ser utilizadas durante o ensino remoto para que se consiga aproximar o aluno da literatura e estimular a leitura de clássicos, desde a utilização de adaptações dos livros para outros formatos literários, como HQs e tirinhas, ou até mesmo outras mídias, como cinema, teatro e músicas. Se pararmos para pensar, é uma forma de dialogar com os elementos socioculturais comuns ao cotidiano do aluno, sendo também uma forma de se aproximar da realidade dele.

Uma outra estratégia prática que pode ser adotada por professores para estimular a leitura é estabelecer com seus alunos uma espécie de clube do livro. Combinar com a turma a leitura coletiva de um determinado título que seja de interesse comum a todos, fazer o acompanhamento de como está sendo a experiência de leitura deles e ao final de determinado período de tempo após o início da leitura, solicitar uma atividade que se relacione com a temática do livro utilizado.

Mas mesmo que seja importante compreender o texto e o que precisa ser aprendido de acordo com o componente curricular trabalhado em sala de aula, é importante também compreender os contextos em que vivemos e a si mesmo, assim como a pandemia afetou essa relação de ser do indivíduo consigo mesmo, como funciona o processo de formação de sua identidade, e também como ele se relaciona com o outro.

Afinal de contas, a literatura é uma disciplina que promove uma integração com as outras disciplinas que o aluno vai estar estudando, além de ser um caminho para fomentar diversos tipos de debates a partir do que é estudado em seu conteúdo e de como vai ser a recepção de cada um através de sua ótica pessoal.

A experiência à distância na vida dos alunos

Para aliviar o peso do novo formato de ensino, algumas estratégias foram tomadas. Evidentemente, não há nenhuma solução 100% eficaz para o problema, mas educadores e as instituições buscaram alternativas para controlar os danos. Por exemplo, a maior flexibilidade das instituições de ensino no que diz respeito à computação de faltas e reprovação pelas mesmas. Além disso, muitas escolas realizaram as aulas de forma online e de forma presencial, mas disponibilizaram as gravações para aqueles que não pudessem acompanhar em tempo real.

Também houveram tentativas de adaptar as atividades e avaliações para um formato mais simplificado e compreensível. Sobre esse ponto existem prós e contras que merecem ser levados em consideração. Ao passo que é louvável que educadores tornem a experiência de avaliações mais leve e flexível para ajudar os alunos que não conseguem acompanhar o conteúdo ou as aulas, também não se pode negar a lacuna que essa flexibilidade deixará na vida dos estudantes.

Em relação ao hábito da leitura, muitos estudantes foram vítimas do desânimo e da falta de organização da rotina. Sem a ministração de aulas presenciais, seguindo os horários definidos pelas instituições, diversos alunos foram os responsáveis por montar seus próprios horários. Essa mudança na flexibilidade da rotina muitas vezes prejudica mais do que auxilia. Nem sempre o jovem terá disciplina e conseguirá se manter motivado sozinho, com atenção de dormir até mais tarde e as diversas distrações presentes em ambiente caseiro.

Sobre esse ponto, é importante ressaltar a importância que os influenciadores digitais tiveram no que diz respeito ao incentivo à leitura, durante a pandemia. Foram realizados diversos projetos literários que visavam promover a leitura de maneira acessível, através de *lives* e vídeos. Conforme as plataformas digitais foram crescendo e chamando a atenção do público jovem, esse tipo de conteúdo literário também recebeu maior destaque.

Apesar do ramo de produção de conteúdo digital ainda ser marginalizado por boa parte da população, durante o período de isolamento, foi notório o peso e a presença que a internet tem na vida das pessoas, principalmente dos jovens. Talvez muitos estudantes só mantiveram o hábito e o gosto pela leitura por conta dos conteúdos literários que consumiram na pandemia.

Mesmo não sendo responsáveis desses criadores de conteúdo ensinar sobre literatura para o público, estes podem atuar como cúmplices no processo de educação, incentivando e tornando o exercício de leitura agradável e estimulante.

Conclusão

Se antes da realidade do ensino remoto já havia grande dificuldade em tornar a experiência de aprendizagem eficaz para os alunos, com a implementação do modelo remoto devido à necessidade de um distanciamento social, os problemas só aumentaram. Quem sofreu diretamente com esse processo foram os alunos que tiveram que se adaptar ao uso obrigatório de ferramentas tecnológicas e precisaram transformar o ambiente de casa em local de estudos, o que nem sempre é uma opção totalmente viável.

Uma das principais consequências foi também a quebra na relação entre educador e educando. Esse prejuízo dificultou ainda mais a atuação do professor como um dos agentes responsáveis por incentivar o interesse pela prática da literatura, em um cenário que acaba facilitando um completo desinteresse por parte do discente.

Existem estratégias que podem ser adotadas pelos professores para driblar essa situação, mas o objetivo principal deve ser estimular a leitura de forma que o material estudado possa dialogar

com a realidade e expectativas dos alunos, sem que ele considere o livro como algo chato e desinteressante, entendendo a importância da literatura e de todos os benefícios que ela pode trazer para a sua vida.

Referências

- ANTUNES, Benedito. O ensino da literatura hoje. Revista FronteiraZ, São Paulo, nº 14, Julho de 2015. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/10sge6A2ALmNslgOrxtJ8wL0IhKk3O5bN/view>>.
- NASCIMENTO, Deusemar; ALVES, Francisco; Araújo, Elton; ALVES, Rosana. Ensino de Literatura: Limites e desafios no sistema remoto. 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA108_ID3408_30092021180058.pdf> .
- PEREIRA, Ana Clara. Direito à Literatura em tempos de ensino remoto emergencial: dos primeiros usos da tecnologia em sala até o ensino literário durante a pandemia. 2021. Disponível em: <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/viewFile/1411/885>> .
- VEIGA, Susana; TOLEDO, Hugo; PORTILHO, Tiago. Ensino remoto: quais foram os impactos na vida das pessoas que compõem o processo de ensino-aprendizagem?. São Paulo, 2020. Disponível em: < <http://www.abed.org.br/congresso2020/anais/trabalhos/62034.pdf>>

O ENSINO DE LEITURA, A PRODUÇÃO DA MISÉRIA E A ESCOLA: REFLEXÕES

Fernando de Lima Rodrigues¹¹

Resumo

Neste texto procuramos refletir sobre o ensino de leitura, a escola e a problemática racial-colonial brasileira implicadas nisso. Em um primeiro momento, concebemos questionamentos sobre a atualidade da educação brasileira e as preocupações governamentais acerca dela para pensar o ensino de leitura, considerando o retorno do país ao mapa da fome, a pouca leitura de brasileiros e o impacto disso na vida de adolescentes. Posteriormente, pensamos o espaço escolar e sua estrutura; lançamos questionamentos sobre a problemática educacional brasileira no decorrer de sua história e, ao fim, propomos uma interligação entre educação, saúde e acesso como forma de formar cidadãos e, assim, conceber um ensino de leitura eficaz.

Palavras-chave: Ensino de Leitura. Literatura comparada. Problemática racial brasileira.

Resumen

En este texto buscamos reflexionar sobre la enseñanza de la lectura, la escuela y la problemática racial-colonial brasileña involucrada en ella. Inicialmente, concebimos preguntas sobre la situación actual de la educación brasileña y las preocupaciones del gobierno al respecto para pensar la enseñanza de la lectura, considerando el regreso del país al mapa del hambre, la poca lectura de los brasileños y el impacto de esto en la vida de los adolescentes. . Posteriormente, pensamos en el espacio escolar y su estructura; lanzamos interrogantes sobre el problema educativo brasileño a lo largo de su historia y, al final, proponemos una interconexión entre educación, salud y acceso como forma de formar ciudadanos y, así, concebir una enseñanza eficaz de la lectura.

Palabras clave: Enseñanza de la lectura. Literatura comparativa. Problema racial brasileño.

Introdução: primeiras questões.

Neste texto discutiremos o ensino de literatura e as implicações sociais e políticas disso, considerando a problemática racial-colonial brasileira como central em nossa discussão. Pensaremos em como a Literatura Comparada pode colaborar para o incentivo à leitura e à formação de novos leitores, tendo em vista que com ela podemos utilizar objetos diversos (música, novelas, filmes, literatura, etc) sem a hierarquia do cânone e abrangendo uma pluralidade de perspectivas.

Embora o sistema colonial/escravocrata tenha finalizado institucionalmente no século XIX, sabemos que seus efeitos, seja nas instituições, seja no corpo e nas subjetividades ou mesmo no espaço, não finaliza por si só. Continua a governar-nos o pensamento e a fazer a manutenção da vida. O colonialismo atualiza-se e refaz-se a cada tempo. Com isso, a educação, que não poderia não se firmar senão nessa base, não espelha outra coisa senão a fórmula colonial em seu estado atual. É certo, contudo, que isso tem sido alterado gradativamente, principalmente com as ondas de discussão acerca dessa problemática e as demandas populares sobre a questão. Nossa hipótese, no entanto, é de que o contexto atual brasileiro reflete ainda o produto dessa (neo)colonização, e a educação, como o ensino de leitura e a formação de (não-)cidadãos, é a forma mais eficaz dos reflexos da colonização e sua atualização.

¹¹ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Em recentes declarações do atual governo brasileiro, com a discussão acerca da distribuição de livros, defendeu-se que pessoas de baixa renda não consomem livros não-didáticos¹². Esse discurso, na voz do atual Ministro da Economia Paulo Guedes, é elucidativo do pensamento de muitos sobre a leitura no Brasil: feita para poucos privilegiados que detêm tempo e dinheiro para manter o luxo da leitura. Pessoas pobres, ou empobrecidas, não têm mais que ser formadas como força de trabalho, apenas.

A leitura, a análise e a interpretação do texto literário são, antes de tudo, trabalhos intelectuais e um gozo particular, gozo esse advindo do contato constante, ou seja, com o costume com a leitura. Demanda tempo e recursos econômicos para a formação do leitor de literatura. Requer-se um trabalho do iniciando à vida leitora muitas vezes visto como ‘estar sem fazer nada’, um ‘estar à toa’. Nesse sentido, como pensar a formação do leitor sem considerar a sua situação sócio-econômica, localidade, acesso e tempo disponível? Além disso, tendo em vista a condição racial brasileira, como isso afeta o ensino de leitura?

O processo de incentivo à leitura na sala de aula, acreditamos, precisa considerar situações concretas: a localidade, a condição econômica do professor e do aluno, o acesso às bibliotecas e/ou à compra de livros, condição racial e social, entre outros aspectos. A leitura, pensada como um trabalho, formação cidadã e não como mero passar o tempo, necessita de disponibilidade, espaço, organização e investimento, quando se quer ensinar leitura às crianças, pré-adolescentes e adolescentes na escola.

Segundo a AgênciaBrasil¹³, 93 milhões de brasileiros nunca leram um livro, completo ou em partes: “O brasileiro lê, em média, cinco livros por ano, sendo aproximadamente 2,4 livros lidos apenas em parte e, 2,5, inteiros. A Bíblia é apontada como o tipo de livro mais lido pelos entrevistados e também como o mais marcante”, de acordo com a pesquisa realizada entre outubro de 2019 e janeiro de 2020 por Retratos da Leitura no Brasil e apresentada na revista. A maioria relata dificuldades na leitura decorrentes da falta de tempo, investido em redes sociais, ou falta de dinheiro, decorrido da precariedade do trabalho no país. Muitos ainda relatam que o preço dos livros é muito alto, o que lhes impede o acesso.

Além do quadro apresentado sobre a leitura, vejamos a condição econômica de muitos brasileiros com a pandemia e a atual gestão do governo eleito em 2018, elitista e de extrema direita. O Brasil, no ano de 2020, teve 52 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar e 13 milhões na extrema pobreza¹⁴. Isso reflete um retrato de país que, embora tenha diversos recursos e grandezas, está sendo cada vez mais pauperizado. Um dos problemas, então, para pensarmos, passa a ser como uma população à margem da riqueza e de algum poderio econômico pode ter gosto pela leitura? Como alguém à beira da fome e permeado pela falta pode pensar em leitura, mesmo que criança ou adolescente? No caso deste trabalho, como pensar a leitura sem considerar a atual situação das crianças e adolescentes fora e dentro do ambiente escolar?

¹² O texto de João Pedro Soares coloca isso, com muitos outros jornais noticiaram. Ver em: [Como a taxação de livros pode afetar os mais pobres – DW – 19/08/2020](#). Acessado em 30/01/2022.

¹³ Pesquisa disponível em: [Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#), acessada 20/02/2021.

¹⁴ Ver em: IBGE: Brasil tem quase 52 milhões de pessoas na pobreza e 13 milhões na extrema pobreza | Jornal Nacional | G1 (globo.com) acessado em 20/13/2021

⁴ Disponível em: 'Crescimento sem emprego veio para ficar', diz sociólogo italiano Domenico De Masi - BBC News Brasil acessado em 30/12/2021.

Esse quadro, conforme aponta o sociólogo Domenico de Masi em entrevista à BBC Brasil¹⁵, vem aumentando e aprofunda-se ainda mais com a pandemia de COVID-19. Refletindo o campo do trabalho, ele afirma:

Com o triunfo da economia neoliberal, a partir dos anos 1980, sob [o presidente americano Ronald] Reagan e [a primeira-ministra britânica Margaret] Thatcher, o fenômeno da precarização se acentuou e os riscos aumentaram. Para quem trabalha, aumentou a insegurança, a duração e intensidade do trabalho, a flexibilidade, a multiatividade, a informalidade e a descontinuidade. Para quem não trabalha, aumentou a precariedade e a miséria, a desorientação e a depressão.

Isso, decerto, é descrito em escala global e reflete o “triunfo da economia neoliberal”, conforme as palavras do autor. Mas se estamos pensando a leitura no Brasil, por que trazer esse panorama econômico e social do mundo? Ora, queremos pontuar exatamente o efeito dessas políticas para o ensino de leitura no Brasil. Com menos tempo e uma vida mais precária, e os efeitos disso no corpo e na subjetividade, como a depressão, estresse e ansiedade, não há possibilidade de um trabalho conjunto entre escola, pais, professores e sociedade em geral porque, por parte do Estado, não se busca formar cidadãos, que advém do ensino-aprendizagem da leitura, mas pessoas sufocadas por um sistema que busca suprir a necessidade de apenas alguns. Outros (a maioria) não passam de figuras dominadas e exploradas.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) divulgada pelo IBGE e apresentada no site do G1, 52,6% da população brasileira com 25 anos não havia concluído a educação básica. A reportagem de 2019 mostra a condição educacional da maior parte dos brasileiros. Decerto, podemos pensar com isso que, no caso dos alunos do Ensino Fundamental ou Médio, a maior parte tem os pais sem conclusão do ensino básico. Supomos, nesse sentido, haver uma maior parte dos estudantes com pais analfabetos ou semianalfabetos. Além disso, sabemos que o acesso ao livro e um ambiente adequado para leitura são propícios para a formação do leitor. Contudo, se grande parte dos pais de alunos não concluíram o Ensino Médio nem são leitores, os discentes passam a ter apenas a escola como lugar de incentivo à leitura. Isso, decerto, tem enorme impacto para a escola e para os alunos, como também para os professores e professoras, uma vez que os pais são espelhos para os filhos e, neste caso, o espelho torna-se bastante turvo e sem perspectivas para o futuro.

Portanto, refletir sobre o ensino de literatura requer considerações sobre o contexto político, histórico e social do país. Não se pode pensar o aluno ou o professor apenas dentro do âmbito escolar, acreditamos. Suas condições de ensino-aprendizagem dependem também das condições de seu país e o modo como ele lida com a educação. Tendo em vista que a formação do aluno-leitor é, antes de tudo, a sua formação como cidadão, talvez seja necessário questionar a própria cidadania em um país que por séculos fora escravocrata e ainda não reparou tais danos à massa de pessoas decorrentes desse processo, e que compõe a maioria de nossa população. Nesse sentido, a relação entre ensino de leitura e a problemática racial brasileira parece imprescindível.

Pressupostos teóricos

O ensino e a escola, conforme Foucault pensou em *Vigiar e Punir* (1987), estiveram, dentro do contexto europeu, historicamente vinculados ao aparelho de poder de dominação e docilização. A escola, em sua forma mais concreta, isto é, o espaço escolar, a presença do professor, a sala de aula etc, tem uma estrutura bastante opressora que busca normatizar, através do ensino, os diversos corpos de crianças e adolescentes obrigados a aprenderem dentro de determinada norma com o

¹⁵ Disponível em: 'Crescimento sem emprego veio para ficar', diz sociólogo italiano Domenico De Masi - BBC News Brasil acessado em 30/12/2021.

objetivo central de dominar e docilizar pelo controle do tempo, a disciplinarização da vida, entre outros.

No caso do Brasil, a cópia desse modelo é drástica quando refletimos sobre como não tem colaborado para o letramento e o ensino-aprendizagem. Além disso, faz-se necessário também colocar que, no nosso caso, a escola, mesmo que com essa reprodução estrutural da concepção de ensino europeu, não foi jamais pensada para todos, servindo apenas a alguns brancos privilegiados. À grande massa, formada em sua maioria por descendentes africanos, indígenas e o proletariado europeu, foi delegado o lugar subalterno, de sem terras e quaisquer direitos universais básicos. Isso permanece, podemos dizer, desde o século XIX deste país, como uma herança maldita. Conforme Alfredo Bosi no texto “A educação e a cultura nas constituições brasileiras”:

O Estado do século XIX brasileiro restringia-se a atender, em tudo quanto lhe for possível, às demandas de segurança das oligarquias que o sustentavam, relegando a um vasto e obscurecido pano de fundo as necessidades e as aspirações de um povo sem terra, sem dinheiro e sem status. A linguagem que exprimia essas tendências particularistas aparentava, contudo, um ar universalizante. O que, longe de ser um paradoxo exclusivamente nacional, afinava-se com a retórica liberal do Ocidente, onde coexistiam liberalismo e violenta exploração do proletariado. (2015, p. 383)

O autor, que neste texto analisa os paradigmas da educação nas diversas Constituições brasileiras, do Império ao retorno à democracia em 1988, observa que, embora a educação em diversos níveis tenha sido posta como gratuita a todos os cidadãos, o contexto brasileiro, por si só, explica a exclusão de uma massa de pessoas deste *status*. Com isso, não se concebe a educação como algo para todos, mas para uma classe privilegiada, isso, claro, escamoteado nas belas letras de legisladores. Nesse viés, podemos pensar também, não só a educação em sentido amplo, mas o ensino de leitura.

Pensemos, também, como a formação intelectual e docente ocorre no âmbito colonial. Refletindo o contexto de descolonização martinicana, Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo político da Martinica, escreve sobre o intelectual colonizado pensando no modo como ele, para assim se compreender, demanda para si toda uma leitura canônica europeia. O efeito disso, segundo o autor, não é outro senão o afastamento de seu próprio ambiente e a descrençaem sua população e na luta contra-colonial que ela desenvolve. Porque, ora, o intelectual colonizado aprende com a metrópole a importância de sua autoafirmação, do pensamento isolado e sua integração ou assimilação ao mundo colonial (2008, p. 78). A educação colonial é, assim, um modo de formar intelectuais afastados de seu próprio contexto e de fazê-lo afirmar-se mais próximo à Europa, o espelho da humanidade. Isso não reflete também a formação de professores nas universidades?

Embora o tempo e o espaço concebidos nas reflexões de Fanon sejam outros, pensar o ensino de leitura no Brasil demanda, acreditamos, lidar com nosso passado e seu efeito no presente, as configurações econômicas e políticas que tal colonização delegou-nos. Nesse sentido, é a formação de leitores que necessita ser problematizada, uma vez que, considerandonosso atual contexto, a formação intelectual e cidadã através da leitura do texto literário colabora não só para uma percepção crítica mas também para uma mudança radical na consciência nacional.

Diversos estudiosos apontam que, no ensino de leitura nas escolas, uma das maiores barreiras é exatamente adentrar o texto literário em sua profundidade no lugar de passar aos alunos o ensino de história da literatura, seus vários tempos e contextos históricos vinculados à produção literária. Uma vez que o texto literário tem funcionamento estético em si mesmo através da sua fruição, abordá-lo em sua forma mais concreta é imprescindível. Contudo, essa é uma das dificuldades apontadas por Bianca Buse em sua pesquisa, publicada no texto “A DISCIPLINA DE

LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E A (DE)FORMAÇÃO DO LEITOR”:

Infelizmente, a realidade do atual processo de leitura de Literatura que ocorre no Ensino Médio não estimula o jovem estudante para o desenvolvimento do hábito da leitura, tendo em vista que, muitas vezes, a disciplina de Literatura prioriza o ensino da história da Literatura e o trabalho com fragmentos de obras literárias, sem instigar a busca pelas diversas leituras que são permitidas ao texto literário, enquanto instrumento de pluralidade de significações.

Com isso, observamos que o ensino de leitura no ensino médio segue à risca uma forma de ensinar que não busca formar cidadãos, mas, ao contrário, pôr adolescentes a gravar alguns conceitos e importâncias históricas. Ora, se o intuito é formar cidadãos, conforme prevê a BNCC, o ensino de leitura deve, antes de tudo, privilegiar o texto literário e não qualquer outra coisa, considerando ele como fundamental para o desenvolvimento da subjetividade humana e compreensão do mundo. Além disso, devemos salientar que essa história da literatura na qual o ensino de leitura está inserido vincula-se a um paradigma colonial ainda não superado, no qual a hierarquização de autores ocorre e muitas vezes excluem figuras ou minimizam sua importância, como no caso de Luiz Gama ou Maria Firmina dos Reis. Isso, decerto, não só dificulta uma abordagem da literatura mais abrangente e a fruição do texto, como também dificulta os alunos a acessarem textos produzidos dentro de contextos próximos à sua vivência, o que pode, acreditamos, despertar seu maior interesse na leitura.

Nesse panorama, uma outra questão é a formação de professores. Para que estejam aptos e preparados para aplicarem as aulas de literatura e incentivar à leitura de seus alunos, os professores necessitam estar atualizados sobre produção literária local, acreditamos, ou seja, no âmbito da cidade, do estado e da nação, e da produção internacional. Contudo, observa-se, conforme apresentam alguns estudiosos da área, tanto uma formação precária na graduação de muitos professores quanto o salário paupérrimo da classe não colabora para tal formação continuada. Quanto à problemática da formação de professores no curso de Letras, Benedito Antunes (2015) salienta

Falta, talvez, coragem para se repensar a natureza dos cursos de Letras. Sem deixar de cumprir objetivos específicos quanto aos estudos linguísticos e literários, eles deveriam dedicar-se também à formação do professor do ensino básico. Ainda que de maneira limitada e adequada ao perfil da nova clientela, precariamente iniciada na leitura e na literatura, esses cursos deveriam eleger como meta o preparo de um professor capaz de refletir sobre suas práticas, desde a escolha do material a ser utilizado até a forma de ler e compartilhar as leituras com seus alunos. Trata-se, em suma, de formar os formadores não apenas nos conteúdos específicos, mas principalmente na maneira de vivenciarem esses conteúdos com seus futuros alunos. (ANTUNES, 2015, p. 16)

Observa-se, assim, toda uma estrutura institucional impeditiva da formação de leitores. Seja no curso de Letras, onde o futuro professor se prepara para o ofício, seja nas escolas de ensino de base, onde os alunos deveriam aprender a prática da leitura, há uma barreira enorme a ser perfurada. Isso vai de encontro com o que apontamos no início deste trabalho: o Estado brasileiro não está preocupado com a formação de cidadãos, posto que seus aparelhos institucionais funcionam em sentido contrário ao que deveria proporcionar à maior parte de sua população, reservando a apenas alguns a condição de leitor.

É preciso ter em vista, entretanto, que é por meio e dentro do aparelho institucional que podemos desenvolver estratégias de alteração desse quadro. Assim, acreditamos que, antes de tudo, para promover a cidadania, é necessário a implantação (ou reimplantação) de uma renda básica universal, com tem sido defendido por alguns cientistas sociais, dentre eles Domenico de Masi, que defende a proposta no artigo supracitado. Não é possível funcionar um ensino de leitura,

ou, na verdade, o processo educativo como um todo, se não nos preocuparmos, antes de mais, com a problemática da fome e da insegurança social. Em certo sentido, iniciamos uma trilha nesse caminho em 2003 com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, primeiro presidente vindo das massas que se preocupou, principalmente, com a fome no país¹⁶.

Além disso, ou, talvez, posterior a isso, faz-se necessário, se conseguirmos eleger um presidenciável preocupado com as urgências de seu povo, que se invista na formação de professores, porque sem isso, com os poucos recursos de que os cursos de humanidades dispõem, permanece a mesma dificuldade no processo de formação do leitor, uma vez que é imprescindível investimento para isso. Observa-se, também, nessa linha, a urgência na alteração da formação dos professores nos cursos de graduação, alteração essa que precisa atentar o aluno para a importância do texto literário em si mesmo, isto é, a importância de sua fruição.

Tal alteração, acreditamos, precisa ocorrer de modo a fazer o futuro professor refletir sobre o ensino de literatura nas escolas considerando a relevância, antes de tudo, do próprio texto literário. Conforme dissemos, a história da literatura ainda se cerca de uma cronologia que se encontra dentro do pensamento colonial, na medida em que considera determinados cânones e hierarquias que excluem uma pluralidade na construção literária. Assim, seguindo a linha dos estudos de Literatura Comparada, que desde a década de 1970 vem problematizando o cânone, seja o local ou o internacional, e estabelecendo uma importante discussão acerca da colonização nesse imaginário cultural, temos de considerar que a hegemonia do cânone impede uma visão da pluralidade e de procedimentos estéticos distintos. Segundo Eduardo F. Coutinho,

Conscientes de que não se trata mais de uma simples inversão de modelos, da substituição do que era tido como central pela sua antítese periférica, os comparatistas atuais que questionam a hegemonia das culturas colonizadoras abandonam o paradigma dicotômico e se lançam na exploração da pluralidade de caminhos abertos como resultado do contacto entre colonizador e colonizado.

Considerando isso, o processo que estabelece o hegemônico e o periférico passa por um questionamento importante e nos dá caminho para refletir a relevância dos impactos da relação que fundamentalmente nos forma, que é a colonização. Com isso, buscamos propor um ensino de leitura onde a literatura local, isto é, a produção literária da própria cidade da escola, ou mesmo bairro, expandindo-se para a produção dentro do estado e por aí em diante. Isso porque acreditamos em um ensino que chame a atenção dos alunos para problemas mais próximos deles ou mesmo de figuras mais acessíveis a eles. Isso pode trazer aos alunos um sentido de pertencimento à literatura, visto que eles se verão representados por pessoas do mesmo grupo cultural.

Contudo, é preciso salientar ainda que, no panorama atual da educação brasileira, acaba se tornando inviável os alunos, pelo menos os das classes pobres e menos abastadas, que se configuram como maioria, considerarem a leitura essencial para sua formação porque, conforme apontamos em início, faz-se necessário uma política de educação que tenha, antes de tudo, como base o bem-estar, a saúde e a alimentação dos alunos, o direito às bibliotecas públicas, o acesso amplo ao livro e ao espaço de leitura. Como dizer ao aluno que ele deve ler isto ou aquilo se não há espaço para isso? Ou se ele está com fome, preocupado com a família? Educação, saúde e possibilidades de vida precisam ser inseparáveis para a eficácia da primeira. A formação de cidadãos precisa ter um aparato completo, se não não funciona.

¹⁶ Em 2014, quando ainda o Governo Federal estava sob a presidência da petista Dilma Rousseff, o Brasil saiu do mapa da fome: [IBGE confirma que país voltou ao Mapa da Fome em 2018. diz pesquisador | Brasil | Valor Econômico \(globo.com\)](#).

Conclusão

O ensino de leitura nas escolas precisa considerar, antes de tudo, a condição socioeconômica das crianças e adolescentes. A discussão em torno da questão deve levar em conta a problemática da fome, da precariedade, do acesso, da vivência que se tem com a leitura dentro de casa. Alunos e professores, no ensino de leitura, precisam ter aparatos mínimos, o que, como vimos no início, não há. Seja a escola ou a formação docente, não se oferece subsídios para propiciar o ensino de leitura, que acaba ficando por conta do professor. Nesse sentido, faz-se necessário pensar antes de mais em políticas públicas que busquem amparar docentes em seus trabalhos (com o aumento do salário, ampliar o acesso ao livro, etc).

Além disso, a discussão sobre as relações raciais e coloniais parece-nos imprescindível, uma vez que elas permeiam também a formação escolar e as licenciaturas, além de haver neste país um propósito de exclusão de parte da população da formação cidadã, como é papel da formação escolar. Com isso, ressalta-se a importância de uma problematização das políticas nacionais de educação levando em conta tais problemáticas e questões que vêm sendo levantadas.

Por outro lado, faz-se necessário repensar a forma atual de ensino de leitura, considerando os levantamentos e questionamentos trazidos pela Literatura Comparada, como as reconsiderações sobre o cânone. Se o que percebemos no ensino de leitura é uma perspectiva totalmente voltada para a história da literatura, desconsiderando o próprio texto literário e sua fluidez muitas vezes, rever esses paradigmas se torna urgente. Aliás, todas essas questões se atrelam no ensino de leitura exatamente por fazerem parte de um programa nacional de exclusão.

Bibliografia

- ANTUNES, Benedito. O ensino de literatura hoje. Revista *FronteiraZ* – nº 14 – Julho de 2015.
- BOSI, Alfredo. “A educação e a cultura nas constituições brasileiras”. In: BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BUSE, Bianca. A DISCIPLINA DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E A (DE)FORMAÇÃO DO LEITOR. Anais do colóquio “Ensino médio, história e cidadania”. Disponível em: [Acesso | Anais do Colóquio "Ensino médio, história e cidadania" \(udesc.br\)](#)
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Ed. UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

O *SLAM* COMO PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA MARGINAL NO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA

Gessylene Adriely Lemos Brasil¹⁷
Gabriella dos Santos Rangel Maués¹⁸

Resumo

Este trabalho retrata os obstáculos de ensinar literatura para o ensino médio e de que modo podemos usar a literatura contemporânea e, principalmente, marginal com foco no slam, para causar interesse nos alunos e incentivá-los a ter gosto pela disciplina. O artigo foca no ensino desta disciplina para o ensino médio de escolas públicas e, por isso, deve levar em consideração a heterogeneidade das turmas neste segmento. O estudo é feito com base nas pesquisas realizadas pelos autores e professores Segabinazi e Silva (2015), Zafalon (2013), Zinani e Santos (2002) que já retrataram a dificuldade de ensinar uma literatura baseada no cânone para jovens numa sociedade diversa e expuseram de que forma podemos mudar este cenário. Nossa proposta é conversar com esses adolescentes de acordo como perfil deles, incentivando-os a participar não só da aula, mas dos conteúdos que serão escolhidos e trabalhados nela.

Palavras-chave: Slam. Literatura Marginal. Ensino Médio. Literatura. Periferia.

Abstract

This work portrays the obstacles of teaching literature for high school and how we can use contemporary and, mainly, marginal literature with a focus on slam, to interest students and encourage them to have a taste for the discipline. The article focuses on teaching this subject to public high schools and, therefore, must take into account the heterogeneity of classes in this segment. The study is based on research carried out by authors and professors Segabinazi and Silva (2015), Zafalon (2013), Zinani and Santos (2002) who have already portrayed the difficulty of teaching canon-based literature to young people in a diverse society and exposed how can we change this scenario. Our proposal is to talk to these teenagers according to their profile, encouraging them to participate not only in the class, but in the contents that will be chosen and worked on in it.

Key words: Slam. Marginal Literature. High School. Literature

Introdução

Neste artigo, pretendemos discutir como a poesia falada contemporânea *slam* pode ser aplicada no ensino médio da rede pública enquanto representação da literatura marginal. Tendo em vista que boa parte do ensino de literatura nas escolas ainda é concentrado em obras de autores brancos e elitistas, excluindo as produções de autores negros e periféricos, buscamos entender a importância de abordar sobre um gênero literário popular nas favelas e que denuncia as desigualdades sociais.

O *slam poetry* é um movimento que possibilita trazer para o palco jovens brasileiros das favelas, permitindo-os produzir e mostrar suas poesias que abordam suas vivências, dificuldades e exclusões sociais para uma plateia popular, o que deu força para essas manifestações continuarem crescendo no Brasil. Ao mesmo tempo em que é entretenimento, é uma denúncia. As apresentações em praças e estações possibilitaram a juventude de várias classes a ter o primeiro contato com os

¹⁷ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

¹⁸ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

poemas e a literatura, de modo a afrontar o elitismo da poesia.

Com base nisso, apresentar o slam na sala de aula do Ensino Médio pode ser uma oportunidade para que os adolescentes não só se identifiquem e se aproximem dessas produções literárias, como também é uma forma de dar voz a muitos alunos que são ignorados pela sociedade. Esse gênero literário permite que os estudantes reflitam questões sobre preconceito linguístico e social, racismo, machismo, sexualidade, empoderamento de mulheres e jovens negros, assim como expõe os discentes as diversas modalidades da poesia.

Logo, tendo em vista que o currículo escolar atual não aborda as novas produções literárias por ainda estar vinculada ao cânone cultural tradicional, nosso artigo busca trazer o slam como possibilidade de apresentação da literatura marginal contemporânea, assim como traremos a sua aplicação em sala de aula. A metodologia do nosso trabalho tem como base teórica estudos sobre o ensino de literatura e suas possibilidades na escola, a partir de autores como Segabinazi e Silva (2015), Zafalon (2013), Zinani e Santos (2002).

Pressupostos teóricos

O *slam* surgiu nos anos 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, com o *Uptown Poetry Slam*, pelo poeta americano Marc Smith, com influências do jazz, da *performance art* dos anos 1960 e do hip-hop, espalhando-se pelo mundo. É uma competição de poesia falada em espaços públicos, em que cada poeta tem uma apresentação de até três minutos e sua obra pode ser escrita previamente, mas também há espaço para o improviso, sendo de autoria própria e inédita. Diferentemente do rap, o slam não utiliza adereços ou fundo musical. O júri avalia as poesias logo após sua recitação, dando notas de zero a dez, e essa comissão é formada por pessoas selecionadas de forma aleatória na plateia. A nota final varia entre zero e trinta pontos: a maior e a menor nota dos cinco jurados são descartadas e as outras três serão somadas, sendo a nota final do poeta. Em geral, o poeta batalha por três rodadas, tendo que exibir três poesias com boas pontuações para ser o campeão da noite.

Os versos recitados pelos slammers devem cativar a plateia. As performances são potencializadas por meio do tom de voz, corpo e gestos para conquistar os jurados e conectar-se com os espectadores, o que torna as performances tão excepcionais e surpreendentes. Como Farias ressalta,

A palavra slam, no contexto cultural americano, é utilizada em esportes como o beisebol para denominar um tipo de jogada, mas também significa, em seu sentido denotativo, “bater com força”, uma onomatopeia do som surdo que acompanha uma forte batida. Pensando por esse viés de um forte impacto, é possível compreender a poesia apresentada no slam como algo que mobiliza e desperta. (2019, p. 276).

As apresentações em praças e estações possibilitaram a juventude de várias classes a ter o primeiro contato com os poemas e a literatura, de modo a afrontar o elitismo da poesia. Dessa forma, os slams, tanto nos espaços públicos como nas redes sociais, adicionou à sua figura uma característica global por meio dessa visibilidade artística, tornando-o distinto dos aspectos elitistas que estávamos acostumados: a exibição da arte literária em locais legitimados e canônicos, como no livro, teatro e saraus tradicionais, ou seja, há uma desconstrução desse ambiente “nobre” literário, além de dar voz àqueles que anteriormente eram silenciados e excluídos pela elite patriarcal da literatura.

Sendo assim, a força desse gênero literário consiste em ser uma forma de exercer a liberdade de expressão e dar espaço para o protagonismo de artistas que antes eram excluídos, dando local não só para seus posicionamentos políticos e sociais, como também permite que jovens negros produzam uma literatura que representa locais marginalizados pela sociedade. Por isso, apresentar

esse gênero em sala de aula pode ser uma oportunidade para que os adolescentes do ensino médio se identifiquem e se aproximem das produções literárias contemporâneas.

Sobre a importância do slam em sala de aula, Alves e Souza comentam que essas poesias podem ser um mecanismo histórico-cultural de ensino da literatura enquanto representação da literatura marginal, já que permite que os estudantes sejam protagonistas dessas obras.

A prática do slam dentro da sala de aula, muito mais do que um gênero de estudo de Língua Portuguesa e Literatura, mostra-se cada dia mais uma forma de libertação e de oportunizar voz a estudantes que são comumente excluídos ou não são acolhidos da maneira adequada pelo sistema escolar. A batalha de poesias se estabelece como um local de protagonismo a esses jovens, tão múltiplos e heterogêneos. (ALVES, 2020, p. 234)

Dessa forma, o slam torna-se uma possibilidade de alcançar a pluralidade de identidades e diversidade de vivências dos alunos do Ensino Médio. Esse gênero literário enquanto apresentação da literatura marginal permite que as práticas pedagógicas comuns para incentivar a aproximação dos estudantes da literatura rompam com as ferramentas tradicionais, em que permanece num processo contínuo entre livro-leitura-debate. Essa quebra do método didático tradicional acontece pois, como a produção literária é uma performance e a plateia faz parte desse processo, os discentes são expostos não só a um novo tipo de poesia como também os mesmos serão capazes de observar que a arte vai além dos clássicos vistos e revistos em sala de aula: a literatura é democrática, ativa e acessível.

Por isso, o poetry slam é uma oportunidade dos alunos observarem que as produções literárias ultrapassam as barreiras da escrita e leitura passiva, podendo ser uma performance em que os adolescentes sejam protagonistas dessas histórias. Além disso, o gênero literário permite que os estudantes de múltiplas experiências e personalidades possam se identificar, se empoderar assim como também é um processo para gerar uma maior consciência crítica e visibilidade sobre as desigualdades sociais atuais. Sendo assim, a importância do slam no ensino médio também reside no fato de apresentar novas visões de mundo que, por séculos, foram silenciadas pelo sistema político brasileiro e, posteriormente, pela educação tradicional.

Metodologia

Tendo em vista a bibliografia usada como base no presente trabalho, a pesquisa é voltada para as diferentes formas de ensinar literatura na educação básica, com foco no 3º Ano do Ensino Médio. De acordo com as pesquisas realizadas pelos autores base, o ensino de literatura nas escolas é feito de forma rasa, sem que haja o enriquecimento do estudo de textos literários - material que, muitas vezes, consiste apenas no cânone e obras consideradas clássicas. A intenção deste estudo é expor uma problemática que persiste durante bastante tempo: havendo, nas escolas, apenas o incentivo do estudo dos clássicos literários e, conseqüentemente, limitando o interesse dos alunos pela Literatura.

De acordo com as pesquisas feitas por Segabinazi e Silva (2015), grande parte dos professores não considera a literatura como uma ferramenta que deve ser usada e explorada o máximo possível, aproveitando o perfil dos estudantes para fazê-los se interessar pela disciplina. Ao contrário disso, esses docentes ainda vêem a literatura apenas como um objeto que auxilia a leitura e a escrita de forma artística. Sendo assim, percebemos que muitos professores lidam com a disciplina como se ela fosse apenas uma forma de auxiliar o ensino da Língua Portuguesa e seus códigos.

Seguindo com os estudos de Zafalon (2013), a mestranda expõe a dificuldade de ensinar literatura numa sociedade altamente tecnológica. De acordo com a autora, o uso exacerbado de

tecnologias e internet afasta ainda mais os jovens da literatura, colaborando para a queda no número de adolescentes leitores que se interessem pela literatura. Além disso, a vida no mundo moderno também contribui para a queda na formação de leitores visto que o homem do século XXI não tem mais o que narrar, não conta histórias como faziam os mais velhos antigamente. Antes, tínhamos em culturas indígenas e africanas a narração oral de histórias sábias como forma de incentivar os mais jovens moralmente e culturalmente. Com o tempo, esse hábito foi se perdendo e, hoje em dia, os estudantes acham que a leitura não tem objetivo.

Além dessa questão, a autora também traz a problemática do ensino de literatura com os livros didáticos. De acordo com a professora, os livros didáticos abordam a disciplina de literatura de forma rasa, expondo apenas bibliografias de principais autores e trechos de textos importantes - que deveriam ser lidos por completo. Essa forma de expor o conteúdo didático é falha porque não gera incentivo no aluno que, por não se apegar aos textos, não o lê por completo e continua achando a leitura desinteressante e sem utilidade.

De acordo com as pesquisas de Zinani e Santos (2002), é importante pensar em novas estratégias para ensinar literatura na educação básica. De acordo com os autores, essas técnicas devem incluir ainda mais os alunos e os professores no ensinar e aprender da literatura, considerando todas as cognições do adolescente e, principalmente, seu modo de aprender e de se identificar com materiais de estudo. Dessa maneira, os dois escritores falam sobre a junção entre a literatura e o desenvolvimento do aluno que, ao receber o ensino da disciplina de uma forma diferente e mais atual, consegue enxergá-la de uma nova maneira.

Além disso, outra forma interessante de atualizar o ensino da disciplina seria trazer o aluno como protagonista daquele ensino, dando a ele autonomia para pesquisar, junto do professor, sobre obras, autores, gêneros, etc. Esse modo de ensino daria espaço para o aluno expor suas ideias a respeito dos temas que ele mais se identifica. É claro que é importante estudar os clássicos, mas é mais importante ainda fazer com que os jovens se interessem pela leitura e isso, na maioria das vezes, só pode ser feito quando conseguimos falar na mesma linguagem que eles, levando para a sala de aula materiais que eles possam se identificar, fazendo com que esses jovens se identifiquem com aquela literatura passada para eles.

É importante deixar claro que este trabalho fala sobre o ensino de literatura em escolas públicas e, por conta disso, estamos lidando com um público heterogêneo, formado por pessoas de diferentes classes sociais e culturais. Devido a esse fato, seria importante fazer uma pesquisa com os alunos da série em questão com o objetivo de entender o que é literatura para eles, como eles conhecem o ensino da disciplina e quais tipos de literatura eles conhecem. Após conhecer o perfil da turma, o professor já estaria mais familiarizado com seus alunos e poderia, com mais facilidade, recorrer aos métodos necessários para fazer com que seus discentes se interessem pela disciplina. O slam é uma ferramenta de suma importância em turmas onde há alunos de classes sociais e culturais mais desfavorecidas porque, muitas vezes, aquelas pessoas nunca foram apresentadas a alguma obra literária que os fizesse se identificar e se ver nela. Sendo assim, prezar pela admiração do aluno pela disciplina é também prezar para que o mesmo se identifique com ela e se interesse cada vez mais pela leitura.

Análise de dados

Com base nessas discussões, buscamos trazer o slam para sala de aula como uma representação da Literatura Marginal para o ensino de literatura no Ensino Médio. Apesar dessa importância cultural, é necessário pensar em como abordar esse gênero em sala de aula, pois, Conforme Zafalon afirma, “O ensino da literatura não pode ser confundido ou reduzido à transmissão de ideias morais. Ensinar literatura consiste em destacar nela a contribuição efetiva para um exercício de linguagem coletiva e individual.” (2013, [n.p]).

Dessa forma, ao trazer o slam para a turma, é necessário que o professor esclareça aos alunos que o gênero literário em discussão, além de conter denúncias sociais e culturais, possui elementos estéticos e linguísticos que são característicos dessa poesia contemporânea das periferias: há presença de uma linguagem informal, fortes marcas da oralidade, ironia e rimas com uma fluidez e performance que fornecem ritmo e musicalidade em seus versos. O docente deve explicar que essas estratégias discursivas tornam o slam como uma arte não somente singular como também é uma ferramenta de resistência de diversos jovens que convivem com a vulnerabilidade social, política e financeira.

Ao planejarmos uma aula com esse tema, o educador pode iniciar o debate com uma conversa sobre o local que vivem e as origens dos alunos. Essa postura pedagógica tem como base os estudos de Zinani e Santos (2002), em que ressalta a importância de realizar uma “investigação sobre a realidade do aluno” antes de iniciar o ensino de literatura para que o professor conheça as experiências e dificuldades dos estudantes no cenário escolar. Dessa forma, essa pesquisa permite que o docente conheça mais a sua turma e permite que o adolescente compreenda que a educação é feita em uma relação pedagógica ativa, dinâmica, em que ambas as partes participam.

O conhecimento dessa realidade, oportunizando uma reflexão sobre esse nível de ensino, proporciona uma fundamentação consistente para a organização de projeto de ensino que contemple as necessidades do aluno e os objetivos do professor, no sentido de promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do educando. (Zinani e Santos, 2002, p.7)

Sendo assim, os autores afirmam que o professor deve adotar uma postura didática em que reúna o seu objetivo de ensinar as funções e a linguagem do texto, como também deve apresentar as perspectivas sociais, psicológicas, humanas e políticas dentro da poesia do slam para que a turma aproxime-se do conteúdo tanto por se identificar com o assunto, como também tornem-se capazes de analisar o gênero literário e suas particularidades discursivas e literárias.

Vale destacar que o gênero literário selecionado para essa aula de literatura marginal deve estar o mais próximo possível da realidade dos estudantes para que os mesmos possam despertar vontade, interesse e curiosidade para estudar o slam e, como dito anteriormente, isso será feito após a investigação do professor sobre a vivência dos alunos.

Após essa pesquisa do docente, trouxemos o slam *Eu sou a menina que nasceu sem cor* da autora chamada Midria para ilustrar essa possibilidade de ensino de literatura. É uma obra literária de uma autora jovem de São Paulo que retrata o racismo, a imagem das mulheres pretas na nossa sociedade atual e a resistência constante, temas comuns dos slams. Tendo consciência que nem todas as escolas públicas possuem estrutura para exibir a performance em vídeo em sala e que nem todos os estudantes tenham eletrônicos em casa, o professor pode solicitar que os adolescentes assistam o vídeo com antecedência e, caso tenha os aparelhos em sala, poderá mostrar ou recitar os versos com a turma. Em resumo, é importante que o docente ofereça mais de uma alternativa para que os discentes tenham acesso a performance.

Eu sou a menina que nasceu sem cor...

Eu tenho um problema: meu ascendente é em Áries.

E eu tenho outro problema: é que eu sou a menina que nasceu sem cor. Pra alguns eu sou "preta", para outras eu sou Preta, para muitos e muitos eu sou parda.

Ainda que eu sempre tenha ouvido dizer por aí que parda é cor de papel e a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto à autodeclaração de artista pop como Anitta quando pratica apropriação cultural.

Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha, que faz da redenção de Cam a sua obra prima, Monalisa da miscigenação.

E Óh, Ode ao milagre da miscigenação!

Calcado no estupro das minhas ancestrais, na posse de corpos que nasceram para serem livres, na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos.

E eu tenho outro problema... pô, eu não sei dar cambalhota

E não importa que pra alguns eu seja a menina que nasceu sem cor, que falte melanina pra minha pele ser retinta, que os meus traços não sejam tão marcados. O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos do meu pai herdados, me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse.

Meninas pretas não brincam com bonecas pretas.

Mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se armando, se amando. Porque me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom... Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor, mas um dia gritaram-me: NEGRA! E eu respondi.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=o6zE/ZP7pudQ>>

Nessa poesia, temos uma análise da slammer sobre a autodeclaração em relação a sua cor, e, como durante a sua vida ela sofreu questões de colorismo. É uma denúncia social e cultural, uma característica usual dos slams. Em “Óh! Ode ao milagre da miscigenação”, o professor deve mostrar aos alunos como a Midria retrata e marca oralmente com ironia como a ideia de mistura racial apaga toda sua ascendência e conhecimento sobre si própria e revela como esse embranquecimento da sua pele é um projeto do Estado para afetar não só sua autoestima, como também a de milhares de outras meninas.

O docente também deve ressaltar com a turma a fluidez e rapidez nas rimas durante a performance, o que possibilita ritmo e musicalidade em vários versos, como na estrofe “Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel e a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto à autodeclaração de artista pop como Anitta quando pratica apropriação cultural.” Além disso, o educador deve apontar que quando a autora reflete sobre isso, a Midria faz uma breve pausa na recitação para que o espectador possa perceber o quão profunda é sua crítica, como, por exemplo, em “Meninas pretas não brincam com bonecas pretas”.

Na estrofe “Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha, que faz da redenção de Cam a sua obra prima, Monalisa da miscigenação.”, Midria refere-se ao mito brasileiro em que a mistura de raças é vista como bela e harmônica, de modo a servir para mascarar a discriminação e violência nas relações entre negros e brancos. Todavia, como a própria slammer destaca, essa mestiçagem tem sua origem nos estupros de suas ancestrais. Essas discussões sobre resistência, racismo, miscigenação e apropriação cultural fazem parte das questões que são abordadas pela literatura marginal, e o educador deve deixar isso claro com a turma para que os estudantes compreendam o movimento que está sendo estudado.

Em resumo, aconselhamos que o professor siga as três etapas:

- Investigação sobre a realidade sócio cultural da turma para o que o educador selecione as poesias;
- Exibição do(s) slam(s) para a turma;
- Discussão sobre a poesia e estudo sobre a Literatura Marginal.

Essas observações que trouxemos neste trabalho são possibilidades de abordar esse slam com alunos do 3º Ano do Ensino Médio. Contudo, o professor é livre para explorar o texto como desejar e de acordo com o seu planejamento escolar.

Considerações finais

É imprescindível que professores tenham em mente que vivemos numa sociedade heterogênea e, por isso, deve-se ensinar literatura de gêneros variados para nossos alunos. A literatura contemporânea, principalmente a literatura marginal, na sala de aula é algo escasso, visto que muitos livros didáticos são formados apenas pelo cânone literário e o professor, por sua vez, não explora a disciplina com sua turma.

Dessa forma, para incentivar o gosto pela leitura e pela disciplina, os docentes deveriam trabalhar diversos tipos de literatura em sala de aula. Além de ensinar e trabalhar obras canônicas, é extremamente importante e necessário que mostremos aos alunos o grande leque que é a literatura. Se investirmos no ensino de literatura contemporânea, ficará cada vez mais fácil trazer o gosto pela leitura nos jovens da sociedade atual que, por ser muitotecnológica, acabam vendo a disciplina e o ato de ler como ferramentas inúteis e monótonas.

Assim, o slam mostra-se como uma arte literária contemporânea interessante porque retrata o estilo de vida de camadas da sociedade mais desfavorecidas. As competições do slam poetry são baseadas em batalhas de rap, o que, sem dúvidas, já é capaz de cativar muitos jovens que apreciam esse gênero musical. Dessa forma, quando o jovem vê uma literatura parecida com a arte que consome sendo representada e valorizada, o aluno é estimulado a se atrair, se aproximar e se identificar pela disciplina. Dessa forma, devemos explorar os diversos tipos de literatura, incentivando-a para nossos alunos de acordo com o perfil que eles têm.

Referências

- ALVES, I.; SOUZA, B. O Slam como representação de literatura marginal e manifestação cultural na escola. *Travessias*, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 233–250, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i2.24819. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24819>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- FARIAS, Fabiana Bazilio. Carol Dall Farra sobre o ser marginal e o ser marginalizado na poesia. *XXIII Congresso Nacional De Linguística e Filologia*, v. 23, n. 3, jan. 2019. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, 275-281, jan de 2019.
- FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, 27 jan. 2020.
- MINDRIA. *Eu sou a menina que nasceu sem cor*. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o6zEzP7pudQ>>. Acesso em 16 fev. 2022.
- SEGABINAZI, Daniela Maria; SILVA, Raquel Sousa da. O ensino de literatura continua emperigo... *Revista Língua & Literatura*, Rio Grande do Sul, v. 17, ed. 30, p. 63-78, 18 dez.2015.
- ZAFALON, Míriam. *Leitura e ensino da literatura: Reflexões*. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/mestrado_alice_artigo.pdf. 2013. Acesso em: 14 de fev. 2022.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. *Ensino de literatura: possibilidades e alternativas*. 2002. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino_de_literatura_.pdf. Acesso em: 17 fev. 2022.

AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS

Izabelle Conceição da Silva¹⁹

Resumo

Considerando a literatura como um bem cultural capaz de desenvolver a criatividade, a imaginação, a sensibilidade, e de apurar também o senso crítico, este trabalho busca analisar a importância da literatura na formação social dos cidadãos. Durante o trabalho falaremos sobre o papel da escola nessa formação, e práticas necessárias para que essa formação seja efetiva

Palavras chave: Literatura, formação social, escola.

Resumen

Considerando la literatura como un bien cultural capaz de desarrollar la creatividad, la imaginación, la sensibilidad y también agudizar el sentido crítico, este trabajo busca analizar la importancia de la literatura en la formación social de los ciudadanos. Durante el trabajo hablaremos sobre el papel de la escuela en esta formación, y prácticas necesarias para que esta formación sea efectiva.

Palabras clave: Literatura, formación social, escuela.

Introdução

Na realidade atual a literatura ocupa pouco espaço na vida dos estudantes quando comparada as mídias sociais. Por outro lado, o analfabetismo funcional tem crescido grandemente em nosso país, a dificuldade de interpretar e compreender textos é uma dura realidade.

Grande parte dessa difícil realidade vem da problemática dos alunos não compreenderem a importância da literatura em suas vidas, para além de uma matéria escolar, ela é essencial para a sociedade pois torna possível a formação de cidadãos críticos.

A verdade é que os estudantes encaram a leitura como uma obrigação, não lhe dando o devido valor. Mas o que a escola pode fazer para mudar essa realidade?

Ao longo do trabalho perceberemos que um olhar atento à realidade dos alunos contribui positivamente para que a forma de ensino seja mais eficiente.

Fundamentação teórica

Sônia Kramer nos apresenta o conceito de uma leitura como experiência, que seria aquela leitura que ultrapassa aquele único momento, aquela onde o leitor reflete sobre o que foi lido por um bom tempo. Ela nos mostra que a leitura tem que provocar o pensamento crítico sobre as mais diversas situações:

“Leitura que provoca a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça” (KRAMER,1999, p.5)

Levando isso em consideração a escola não deve trabalhar o texto apenas por trabalhar,

¹⁹ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

muitas vezes o texto é apenas um pretexto para trabalhar gramática. O texto deve ser considerado em sua totalidade, o professor precisa fazer com que o texto tenha algum sentido para o aluno, para que dessa forma ele consiga refletir sobre ele e sobre a sua realidade.

Para Tzvetan Todorov (2009):

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem a realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (...), arrisca-se a nos conduzir a um impasse - sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (p.33).

O que ocorre na maioria das escolas é um currículo fechado, com os textos pré-estabelecidos, onde a realidade dos alunos não é levada em conta.

Muitas vezes os livros não são de interesse dos alunos, e até mesmo na hora da interpretação o professor busca apresentar a visão correta sobre o texto e cabe aos alunos apenas escutar o que os professores têm a dizer.

Agindo dessa forma a escola não contribui para o pensamento crítico dos alunos. A escola precisa ensinar o que o texto vai além da escola literária, da gramática, precisa mostrar porquê ele é importante e o que ele tem a dizer e ensinar.

Para Maria Zélia Versiani Machado (2002):

(...) perceber a leitura literária como uma prática social permite que o olhar se dirija não só para o momento de instauração do pacto ficcional pela leitura do texto literário, mas para uma série de fatores, entre eles aqueles que dizem respeito aos processos seletivos que orientam as escolhas no vasto leque de possibilidades oferecido aos alunos (p. 73).

É essencial deixar claro para o aluno que o que ele aprende sobre a Literatura não ficará restrito à escola, mas que ele levará para a sua vida. Dessa forma, o aprendizado torna-se mais interessante para o aluno, ler não será uma obrigação, mas sim algo que faz sentido para ele.

Metodologia/ Discussão

Devido ao período pandêmico, as minhas pesquisas serão baseadas nas entrevistas realizadas nas disciplinas de Pesquisa e Prática de Ensino, e também na minha experiência como ex-aluna de literatura do ensino médio.

Entrevista com professora de literatura que atua há 30 anos:

- 1) O que você prioriza na hora de preparar e propor atividades na sala de aula? **Priorizo o que vai ser de fato, importante na vida do aluno.**
- 2) Que diferenças você viu no ensino de literatura em seus anos de experiência? **Aos poucos foram dando menos importância ao ensino de literatura.**
- 3) Como é a relação dos alunos com a literatura nos dias de hoje?
São poucos os que se interessam.
- 4) Como você escolhe os textos que serão trabalhados em aula?
Procuro escolher textos com temas atuais e que provoquem curiosidade.

A professora destaca o desinteresse dos alunos pela literatura como algo perceptível. Ao ser questionado sobre a escolha dos textos, a professora diz que busca temas atuais como uma forma de

despertar o interesse dos alunos. Uma dica proveitosa seria a professora perguntar aos alunos o que eles gostariam de ler, e dessa forma ela poderia selecionar os textos a serem trabalhadas junto com a turma.

Ao escolher temas atuais e ao priorizar o que será importante na vida do aluno, a professora está pensando na função social da literatura, ela demonstra ter uma preocupação sobre essa questão.

Entrevista com aluna recém formada no Ensino Médio:

1) Você tem o hábito da leitura?

Sim, sempre tento incluir o hábito da leitura no meu dia a dia.

2) O que você acha das aulas de literatura na escola? Você mudaria algo?

Acho muito importante e gosto dos conteúdos passados, porém, mudaria a forma de trabalhar os movimentos literários, acredito que seria muito bom se o contato direto com as obras e livros - principalmente os nacionais - fosse incentivado.

3) Você considera a literatura importante para a sua formação?

Sim, para mim a literatura é de extrema importância por permitir a troca de conhecimento por meio das diversas formas de escrita existentes, além de proporcionar maior integração entre os diferentes períodos e contextos, auxiliando na forma como compreendemos a história nacional e internacional.

Percebemos que a aluna tem o gosto pela leitura e aprecia a literatura entendendo que ela é importante na sua formação social, e não apenas para a escola. No entanto, percebemos que as aulas de literatura não tem muito contato com os textos, mas os movimentos literários estão sendo ensinados. Isso acontece com muita frequência nas escolas, os professores utilizam apenas trechos de algumas obras para explicar sobre as escolas literárias e o principal fica de lado: o texto e tudo que pode ser trabalhado a partir dele.

Conclusão

É muito claro que a literatura é de extrema importância na formação de cidadãos críticos, e que cabe à escola estimular a leitura crítica, o raciocínio e a interpretação, mudando a realidade de desinteresse em relação à leitura e à literatura.

Quando a escola leva em consideração os gostos e sugestões dos alunos, o ensino passa a fazer mais sentido para os discentes, será algo mais próximo de sua realidade e que conseqüentemente ajudará bastante em sua formação social.

Também é válido dizer que através da escola os valores são repassados aos alunos, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, capazes de entender e respeitar a si mesmo e ao próximo. E sabemos que a literatura é capaz de provocar os mais diversos questionamentos e aprendizados.

Referências

- KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. *In*: ZACUR, Edwiges (org.). **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 1999.
- MACHADO, Maria Zélia Versiani. **Literatura na escola: entre as escolhas dos alunos e as escolhas para os alunos**. In FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). Leitura e escrita na formação de professores. Juiz de Fora: UFJF, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Janaína Andréa Pinheiro²⁰

Resumo

A disciplina de Literatura no Ensino Médio pouco vem contribuindo para a formação do leitor crítico e consciente de seu papel enquanto participante do processo de construção da cidadania, uma vez que se encontra ainda arraigada a metodologias tradicionais que priorizam a memorização de datas e períodos literários, com a supervalorização dos textos canônicos em detrimento das produções literárias da contemporaneidade, a fim de cumprir as exigências dos vestibulares, por exemplo. Embora já tenha havido um grande avanço em relação à legislação, onde se propõe mudanças significativas por meio de uma literatura mais reflexiva, ela ainda deixa lacunas que impedem a sua efetiva implementação. Arelado a isso, muitos profissionais ainda presos à uma formação tradicional, tendem a perpetuar o modelo de educação que não valoriza o pensamento crítico o que gera desinteresse por parte dos alunos em relação à disciplina que é vista como enfadonha e ultrapassada.

Palavras-chave: Literatura. Formação do leitor crítico. Educação brasileira. Ensino médio

Abstract

The discipline of Literature in High School has contributed little to the formation of the critical reader and aware of its role as a participant in the process of building citizenship, since it is still rooted in traditional methodologies that prioritize the memorization of literary dates and periods, with the overvaluation of canonical texts to the detriment of contemporary literary productions, in order to meet the requirements of entrance exams, for example. Although there has already been a great advance in relation to legislation, where significant changes are proposed through a more reflective literature, it still leaves gaps that prevent its effective implementation. Linked to this, many professionals still stuck to a traditional training, tend to perpetuate the education model that does not value critical thinking, which generates disinterest on the part of students in relation to the discipline that is seen as boring and outdated.

Key words: Literature. Critical reader training. Brazilian education. High school

Introdução

O presente trabalho busca fazer uma análise comparativa entre as respostas dadas em entrevistas feitas a professor e aluno da educação básica durante estágio na disciplina de PPE IV buscando entender a visão de cada um sobre o papel da disciplina de literatura no ensino médio e sua contribuição para a formação do leitor crítico, em comparação com o proposto nos documentos que regem o ensino de Literatura no Ensino Médio, que vem sendo implementado ao longo de toda a regulamentação do ensino brasileiro dentre eles, a Lei 9394 de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), os as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNs), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio (PCN+) e a mais recente reformulação do ensino, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que cria uma base nacional curricular para nortear o ensino brasileiro.

²⁰ Janaína Andréa Pinheiro é graduanda do curso de Letras-Literaturas pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora da Educação Básica nos municípios de São Gonçalo e Itaboraí.

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Documentos norteadores

O ensino de Literatura no Ensino Médio, a partir 1996 passou a ser regido pela lei 9496, a LDB (Lei de Diretrizes e bases da Educação) composta de um conjunto de princípios, critérios e procedimentos que devem ser observados pelos sistemas de ensino e pelas escolas com relação à efetivação de implementação do ensino. Nesse sentido, essa lei propõe a criação de documentos norteadores que balizarão toda a educação no país, que são eles: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio (PCN+) e a mais recente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que cria uma base nacional curricular para nortear o ensino brasileiro.

A proposta desses documentos tem entre outros objetivos acerca do ensino de Literatura no Ensino Médio é desenvolver no aluno uma visão crítica do mundo, por meio de práticas “Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica” (BRASIL, 2018, p. 511), a fim torná-lo apto a ler e interpretar diversos gêneros literários que representam toda produção cultural da humanidade bem como produzir diferentes textos e mídias e, assim, desenvolver-se como cidadão consciente de seu papel como coparticipante na formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

É possível perceber certa incongruência entre os PCN e PCN+ respectivamente quanto ao conteúdo da disciplina de literatura, onde um dá uma maior relevância para o ensino da história da literatura, entendendo ser ela o “foco” da compreensão do texto (BRASIL, 1999, p. 137), e, outro exclui a necessidade do ensino a história da literatura, mais relevante para o PCN+ é o ensino da literatura que leva o aluno a

Entender as manifestações do imaginário coletivo e sua expressão na forma de linguagens é compreender seu processo de construção, no qual intervêm não só o trabalho individual, mas uma emergência social historicamente datada. O estudo dos estilos de época, por exemplo, em interface com os estilos individuais, adquire sentido nessa perspectiva: a de que o homem busca respostas –inclusive estéticas –a perguntas latentes ou explícitas nos conflitos sociais e pessoais em que está imerso (BRASIL, 2002, p. 52)

Ocorre que muito antes da implementação dessa lei e dos diversos pareceres, o ensino de literatura vem apresentando certa deficiência em relação ao seu papel de formar leitores competentes, isso constatado pelos estudos de Cereja (2004,p.7) que, partindo de amplo trabalho de pesquisa feito diretamente com alunos e professores da rede pública de ensino, mapeia as práticas do ensino de literatura no ensino médio, apresenta as razões do seu fracasso e aponta uma saída para a melhora da qualidade do ensino de literatura no estágio escolar.

Muito do que ele apontou como saída para a melhora na qualidade do ensino de literatura vem sendo feito por parte dos governantes com as propostas de reformulação do ensino, mas, como vai apontar Buse (2011), pouca coisa mudou e, aquilo que deveria ser uma proposta de avanço em direção à formação do leitor crítico, passa a ser na verdade motivo de uma *(de)formação* do leitor.

Assim, mesmo diante das propostas de reformulação do ensino com vistas à emancipação do indivíduo e sua formação enquanto leitores críticos é possível identificar as falhas entre teoria e prática nas propostas do MEC para uma educação emancipatória, o que vem gerando confusão para o professor que ficava sem uma resposta concreta sobre o que realmente é relevante para a aprendizagem do aluno.

O Parecer da DCNEM/2011 aponta que:

Um dos problemas é o currículo que alunos são levados a estudar. É muito conteúdo para memorizar com pouco efeito prático. Os especialistas dizem que a escola fica distante da realidade dos alunos, o que torna o estudo pouco interessante, sem atrativos. (BRASIL, MEC. Projeto UNESCO. Edital 7/2014, TOR 8/2014, DCNEM, Projeto UNESCO/CNE 914BRZ1144, p. 06).

Essa realidade é constatada nos relatos das entrevistas do professor e aluno, bem como nos textos teóricos analisados.

Metodologia

Partindo das entrevistas feitas junto a professor e aluno da rede pública do Ensino médio, da leitura de textos teóricos sobre a relevância da Literatura enquanto mecanismo de formação do pensamento crítico por parte indivíduo e das propostas contidas nos diversos documentos legais que buscam balizar o ensino de literatura no Brasil, o presente trabalho pretende criar um paralelo entre as práticas educacionais vivenciadas por professor e aluno, e mostrar que essas vivências refletem a realidade da educação brasileira em contraponto ao que está proposto na legislação e nos documentos oficiais acerca do ensino de Literatura no Ensino Médio.

Análise de dados

Buscando entender como é visto o ensino da literatura nas escolas do ensino médio, passaremos a analisar as respostas do professor José Leão Menezes Filho¹, professor das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura da educação básica e do aluno Flávio Alves², aluno do 3º ano do Ensino Médio, que gentilmente responderam as perguntas desses questionários de modo virtual, tendo em vista a pandemia do Covid 19 que assola a humanidade.

Segundo o roteiro proposto pelo professor do curso de PPE IIV, foram levantados questionamentos aos dois entrevistados cujas perguntas e respostas seguem abaixo na íntegra a fim de facilitar a compreensão das análises feitas:

Entrevista com aluno e professor da educação básica: dados de cada um, questionários, resultados e análise.

I. Dados do aluno

Flávio Alves é aluno do 3º ano do Ensino Médio do CEVI - Colégio Estadual Visconde de Itaboraí, Bairro: Centro – Itaboraí – RJ.

II. Dados do professor

José Leão Menezes Filho é professor da rede municipal de educação no município de Itaboraí com formação superior em Licenciatura Plena - Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de São Gonçalo (ASOEC) e Pós-graduação em Gestão do Trabalho Pedagógico pela UNIGRANRIO

Ponto de vista sobre a escola

Questão 1 – Qual o seu ponto de vista sobre a escola onde estuda? Como ela é organizada? O que você considera que pode melhorar?

Flávio - *A escola é dividida em dois prédios, com um que vai do 6º ao 9º ano e formação de professores e outro com ensino médio apenas com formação geral. Chegamos à escola às 7:00h, temos o recreio às 08:40h com duração de 15min, somos liberados às 12:15h que é o horário do almoço. Acredito que a coordenação da escola poderia ser um pouco mais rigorosa em relação às regras.*

Questão 1) Ponto de vista do entrevistado sobre a Escola Brasileira (Educação Básica)

José Leão - Bem! A Educação Básica Brasileira precisa enfrentar sua grande crise, posta a nu mais ainda a sua grande chaga de descompromisso das autoridades constituídas, em meio a grande Pandemia do Covid-19. Acentuamos que sem a Pandemia já habitava dentro da Educação Básica Brasileira a conjuntura de incertezas e dificuldades vividas por Educadores, Educandos e a famílias que na maioria das realidades comportam-se como Expectadores da Qualidade de Educação que é oferecida aos seus filhos. Há estudos que comprovam que o nível de envolvimento das famílias nos estudos tem influência decisiva no cotidiano escolar dos alunos da Educação Básica. Parece que a parceria entre família e escola é a reprodução da falta de interesse comum entre os governos, nos seus diversos níveis, e a população. Com a evidência da Pandemia do Covid-19, a Educação Básica Brasileira chegou a um patamar considerável das suas Escolas sem acesso à Internet e falta de dispositivos como tablets, computadores, celulares e, principalmente, por parte dos alunos, acesso à Internet em suas casas, oferecida pelo Governo.

De forma geral, as conjunturas da Educação Brasileira nos remetem a um Estado Brasileiro de dependência: no início, de Portugal; depois da Inglaterra; e, por último, dos Estados Unidos. A Educação foi um dos expedientes de que lançaram mão os sucessivos grupos políticos que ocuparam o Poder para promover essa dependência.

Assim, nessa primeira resposta, podemos resumir a constituição histórica da Educação e da Escola Brasileira, da seguinte forma:

Os Jesuítas e a Educação da Alma

A História do Brasil é a história da dependência, a um custo extremamente elevado para o povo brasileiro – no período colonial reservou-se ao Brasil o papel de fornecedor de gêneros úteis ao comércio metropolitano; depois da independência transformou-se em exportador de matérias-primas e importador de produtos manufaturados. A Companhia de Jesus foi fundada para contrapor-se ao avanço da Reforma Protestante, através do trabalho educativo e da ação missionária. No Brasil, os jesuítas integraram-se desde o início à política colonizadora do rei de Portugal e foram os responsáveis quase exclusivos pela educação durante 210 anos. A escola das primeiras letras foi um instrumento de que lançaram mão os jesuítas para alcançar seu objetivo mais importante: a difusão, conversão e conservação da fé católica entre senhores de engenho, colonos, negros escravos e índios. Após as aulas elementares de ler e escrever, os colégios jesuítas ofereciam três cursos: Letras Humanas, Filosofia e Ciências, Teologia e Ciências Sagradas. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, deixaram de existir, repentinamente, 25 Escolas de Ler e Escrever. Em seu lugar passaram a serem instituídas Aulas Régias, sem nenhuma ordenação entre elas. Por fim, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, Primeiro Ministro de Portugal de 1750 a 1777, tomou várias medidas com vistas a centralizar a administração da colônia, de forma a controlá-la. Daí o objetivo das reformas pombalinas foi substituir a escola que servia aos interesses da fé, da Igreja pela escola útil ao Estado.

O Império e a formação da elite

Numerosas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, ocorridas nos séculos XVIII e XIX, no âmbito do desenvolvimento capitalista, levam a Inglaterra a apoiar a independência das colônias espanholas e portuguesas para dominar mais facilmente seus mercados. No Brasil, o tratado de 1810 concedeu à Inglaterra uma posição privilegiada. Com a vinda da Família Real e a Independência contribuíram no sentido de que se orientasse a Educação Brasileira para a formação das Elites Dirigentes. Assim, o ensino superior e o secundário passaram a ser privilegiados, em prejuízo do ensino primário, atualmente, fundamental. Além de algumas iniciativas legais – a gratuidade do ensino, criação de escolas – nada mais foi feito pelo Governo central em benefício do Ensino Primário – Fundamental, sendo deixado aos encargos dos Governos Provinciais.

A Educação Nova no Brasil

A Revolução de 1930 produziu importantes transformações no campo Educacional. A Educação passou a articular-se como um sistema, criou-se o MEC – Ministério da Educação e Cultura e Governo Federal passou a regulamentar o Ensino Primário – Fundamental.

O avanço da educação popular

De 1946 a 1964 houve avanço da participação popular e, conseqüentemente, da Educação Popular. A Constituição de 1946 restabeleceu os princípios educacionais democráticos da Carta de 1934. No período foram organizadas numerosas campanhas visando à ampliação e à melhoria do atendimento escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/61) foi a primeira a englobar todos os graus e modalidades do ensino, aos treze anos de discussão, com os seguintes objetivos: ensino inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, estruturar o pré-primário (até os sete anos); primário (quatro a seis anos de duração); a luta pela escola pública, que foi intensa no período, fez com que, ao menos em São Paulo, os estabelecimentos públicos de ensino superassem os particulares em número de alunos; numerosos movimentos de educação popular foram organizados, surgindo o Método de Paulo Freire de alfabetização de adultos alcançou repercussão nacional e internacional na época.

A educação brasileira a partir de 1964

O regime instalado com o Golpe Militar de 1964 pretendeu frear os avanços populares. Os estudantes foram impedidos de se organizarem através de Leis que tornaram ilegais as entidades estudantis e pelo Decreto nº 477 que vedada à expressão estudantil. Em 1971, no auge da Repressão com as mãos de ferro da Ditadura Militar fora feita a Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus – sendo o 1º Grau em oito anos, dedicado à educação geral e o 2º Grau (três ou quatro anos) obrigatoriamente profissionalizante, de acordo com as orientações do Capital, da Elite Brasileira e do grande Empresariado Nacional e Internacional, sob a batuta do Imperialismo Norte-Americano que apoiou o Golpe Militar de 1964. A Educação Brasileira continuou com sérios problemas: 25,94% da população de quinze anos e mais continuavam analfabetas, à época e em 1980, cerca de 7 milhões de crianças de sete a dez anos continuavam fora da escola e os alunos que entravam na 1ª série, a metade, eram reprovados no final do ano e os que iniciavam os estudos do atual Ensino Fundamental, aproximadamente, 85% não chegavam ao atual Ensino Médio.

Análise das questões 1 do aluno e professor

Tem-se nessas primeiras respostas dois pontos de vista diferentes. O aluno faz um levantamento superficial acerca do que é a escola do ponto de vista dos espaços físicos, sua rotina diária, a organização dos turnos bem como a postura dos coordenadores da escola, que no seu entendimento deveriam ser mais rigorosos com relação às regras. Deixando transparecer que a escola não tem tanta preocupação em estabelecer regras claras em relação à conduta dos alunos.

A resposta do professor, como era de se esperar, é bem mais aprofundada, chegando a ser extensa, mas também muito produtiva e didática, uma vez que ele traça um panorama sobre a atual situação da educação básica no contexto da pandemia do Covid 19, suas incertezas e dificuldades, bem como a falta de investimentos por parte dos governantes na melhoria da qualidade da educação oferecida, fato que já vem ocorrendo de longa data e que se acentuou com a Pandemia.

Para exemplificar, o professor faz um resgate da história da educação no Brasil que se inicia com o trabalho dos Jesuítas e a educação da alma, passando pelo período imperial e a educação das elites, avançando até a revolução de 1930 e a criação do MEC. Nesse sentido o professor faz abordagens interessantes sobre a história da educação no Brasil e nos dá subsídios para entender os avanços e retrocessos pelos quais a educação básica vem passando ao longo da história na implementação de políticas públicas para o ensino até os dias atuais. Diante de sua resposta o professor deixa clara a sua preocupação com a atual conjuntura da educação básica e mostra-se militante na luta por uma educação de qualidade para todos.

Nesses dois casos, observa-se que tanto as inquietações do professor quanto do aluno refletem a realidade da educação brasileira, onde há muito que fazer para melhorar a sua qualidade e atender os anseios de todos os envolvidos no processo educacional. Confirma-se o que estudiosos apontam acerca da situação em que se encontra o ensino brasileiro. Em muitos aspectos estagnado no tempo mesmo com a implementação dos diversos documentos que vão desde a Lei de Diretrizes

e Bases da Educação, passando pelos pareceres e PCNs até chegarmos à atual Base Nacional Comum Curricular. A educação anda a passos lentos e, em muitos momentos retrocede em qualidade, por isso estamos longe de termos uma educação que seja realmente comprometida com a formação de indivíduos autônomos, capazes de refletir e agir de forma crítica frente aos problemas e dificuldades da sociedade moderna.

Pontos de vista sobre atividades culturais da escola, os alunos, sobre o fazer pedagógico e a categoria professor

Questão 2 – Qual o seu ponto de vista sobre as atividades culturais da escola?

Flávio - *Todo o ano tem atividades culturais e a que eu mais gosto são as feiras. Por exemplo, na feira de inglês, em 2019, estudamos e apresentamos um trabalho sobre o Halloween em alguns países e, assim, pudemos aprender um pouco sobre a cultura daquele país também.*

Questão 3 – Como você vê os alunos de sua escola?

Flávio - *Geralmente os alunos são bem participativos nas aulas (minha turma), ninguém pode ficar sem participar dos eventos e trabalhos que os professores passam. É claro que tem aqueles alunos que são maus exemplos, mas são minoria. A maioria é composta de ótimos alunos.*

Questão 2) Ponto de vista sobre a Escola em que dá aulas.

José Leão - *Fui Professor da Rede Privada, trabalhei no SENAC, Centro Educacional de Niterói, Escolas da CNEC, Colégio Leão XIII, Colégio Brasil Viana, Instituto Paulo Freire, Colégio Municipal Alberto Monteiro Barbosa, Colégio Municipal Professor Carlos Brandão, Escola Municipal Rio das Pedras, Escola Municipal Clara Pereira de Oliveira, Escola Municipal Professora Marly Cid de Abreu. Vou me ater à última Escola. A Direção da Escola é indicada pelo critério político, não há quaisquer participações de alunos, pais, professores e demais funcionários, mas a Secretaria de Educação verbera uma narrativa de Gestão Democrática. A comunidade escolar não chamada para debates de cunho democrático, mas para cumprir tarefas determinadas pela Secretaria de Educação que designa a Direção para transferir as limitações da ordem, sem discussão. O Conselho Escolar é instrumento democrático de tomada de decisões que funciona de forma amistosa, por amizade, por relação de compadrismo não através do debate político. Os Conselheiros não enredam a formatar as contradições, mas personalizam-nas, confundindo-as com puras relações de amizade e distante do debate político às saídas políticas para a melhor Gestão Democrática. A Coordenação Pedagógica leva o Debate Pedagógico ouvindo o Corpo Docente, filtra o máximo as determinações autoritárias e viabilizam na realidade do cotidiano escolar do Marly. A Coordenação Pedagógica trabalha junto com a Orientação Educacional e a Psicologia Escolar pautada em ciências humanas e posicionamentos políticos pedagógicos e sensibilidade para o processo de humanização do fazer pedagógico pelos sujeitos envolvidos na engrenagem de ensinar e aprender dentro da nossa Unidade Escolar. A Coordenação Pedagógica sempre procura intermediar interesses e posicionamentos políticos de visão de mundo do corpo docente. Somos uma Unidade Escolar articulada dentro de Projetos Políticos Pedagógicos e Culturais que alertamos toda a comunidade escolar que nossas ações pedagógicas estão além da sala de aula. A nossa Coordenação Pedagógica é dotada de uma sensibilidade que nos leva às reflexões sobre concepções de que os jovens do 2º Segmento do Ensino Fundamental devam ser abordados a partir da ideia de indeterminação de valores, de identidade, de conflitos, de rebeldias que são a antessala da vida adulta. As nossas Coordenação Pedagógica, Orientação Pedagógica e a Psicologia Escolar trabalham o conhecimento a partir da compreensão do mundo dessa juventude, facilitando nossa atuação em sala de aula. A nossa Escola tem Mestres e Doutores em Educação que não vivenciam esse mundo cotidiano, vivenciam de forma brilhante o seu arcabouço teórico, mas desfrutam do prazer do apoio pedagógico integral dado pela Equipe Pedagógica do Marly Cid - A Coordenação Pedagógica pisa no mesmo chão que os nossos alunos na tentativa de facilitar a aquisição do conhecimento. Quanto à Direção do Marly Cid, penso que traz no íntimo o desejo ardente do exercício da democracia; mas pela pouca liberdade de gestão, já fazem muito pela democratização interna do Marly.*

Questão 3) – Ponto de vista sobre a categoria Professor:

José Leão - *Em primeiro lugar vamos falar da dimensão emocional que envolve a Educação. Para o Educador, creio que uma medida importante é realizar um trabalho de autoconhecimento do Professor enquanto trabalhador social para lidar com as emoções de forma mais madura.*

A ideia é compreender melhor de que forma nossos sentimentos são disparados e o que fazer como eles. Cada um está relacionado a uma gama possível de ações, que depende das competências emocionais de cada um. O Professor tem de conseguir identificar, ler e trabalhar não as próprias emoções, mas também as das pessoas ao seu redor. No diálogo com os alunos, o docente deve prestar atenção não somente nas palavras, mas em atitudes, gestos, expressões e linguagens corporais. Essa capacidade sensível do docente de entender seus alunos e pôr-se no lugar deles é essencial para induzir o processo de aprendizagem.

Penso que existem atitudes para o desenvolvimento de uma Educação comprometida com o outro, o aluno. O professor não precisa de grandes formulações acadêmicas, mas ser voltado para alguns aspectos que envolvem o cotidiano escolar como, por exemplo: dar-se conta dos seus próprios sentimentos, observar o que ocorre com a turma de alunos, entender os alunos para estabelecer conexões; afinal, são as crianças que devem ser abertas ao conhecimento, cuidar da qualidade e com compromisso ideológico com finalidade de construir um ser melhor, ter consciência das ligações entre as coisas que acontecem em sala de aula, se responsabilizar pelo que ocorre em sala de aula, sem ficar procurando fora dela os culpados pelos insucessos. Afora o cotidiano escolar, o Professor deve estender seus braços sociais para a luta, ao lado de outros setores da sociedade, por liberdade de organização e manifestação para todos os trabalhadores e a defesa da democracia; uma vez que, somos trabalhadores sociais.

Análise das questões 2 e 3 do aluno e professor

Sobre as atividades culturais desenvolvidas na escola e a participação dos alunos, o Flávio apontou que todos os anos a escola desenvolve atividades culturais onde há a participação dos alunos, sendo boa a adesão, tendo apenas alguns poucos que não participam, configurando a minoria. As atividades favoritas do aluno são as feiras culturais, onde ele aprende sobre outras culturas e pode expandir seus conhecimentos. Nesse sentido, uma das propostas da BNCC, Brasil (2018) é proporcionar atividades que oportunizem ao aluno a fruição e a ampliação do conhecimento das diversas culturas por meio de atividades de artes e literatura, entre outras.

O sobre o fazer pedagógico o professor José Leão acredita que enquanto educador social, o professor precisa aprender a lidar com as suas emoções com maturidade para que tenham mais empatia ao lidar com as emoções dos alunos e das pessoas que estão no seu entorno, o que irá facilitar o diálogo atento e sensível que conseguirá captar as linguagens e expressões que irão contribuir para que se façam as intervenções necessárias essenciais para a efetivação do processo de ensino aprendizagem. Para ele, o professor não necessita de grandes formações acadêmicas para desenvolver uma educação comprometida, só precisa cuidar dos seus sentimentos, estar atento ao que ocorre com a turma e entender os alunos para estabelecer conexões positivas. O professor precisa estar engajado nas lutas sociais que vão contribuir para a instituição da democracia.

Sobre ponto de vista sobre a disciplina Língua e Literatura, seus conteúdos e a forma como a disciplina é abordada; sobre as concepções de ciência, ciência da linguagem, língua, literatura e gramática

Questão 4 – Qual seu ponto de vista sobre a disciplina língua e literatura?

Flávio - *É uma disciplina que eu, particularmente, gosto muito. Mas tudo depende também de quem está ensinando. Pra mim, a maior dificuldade é que são muitas regrinhas para aprender e acaba sendo cansativo. Fora isso, eu amo. É muito importante porque é nas aulas de Língua Portuguesa que você melhora sua escrita.*

Questão 5 – Qual o seu ponto de vista sobre os conteúdos dessas disciplinas?

Flávio - *Acredito que o conteúdo é bom, o básico, mas não o suficiente para que possamos passar em um vestibular. Geralmente são os professores que passam nos quadros, sem muitas apostilas ou livros. Em minha opinião, o conteúdo deveria ser mais profundo. A maior dificuldade é o desfalque que fica na continuação do conteúdo, porque muitas das vezes ficamos sem algumas aulas, e os alunos se perdem.*

Questão 6 – Em sua opinião, como poderia ser o ensino de Língua Portuguesa ou Literatura?

Flávio - *Acredito que poderia ser ensinado de uma forma mais direta. Assim seria algo menos cansativo e melhor para aprender.*

Questão 7 – Quais foram seus últimos textos lidos? Você gostou ou não e por quê?

Flávio - *O último texto que li foi um da Bíblia (Jó 42:10). Sim, eu amei. Porque falou ao meu coração.*

Questão 4 – Ponto de vista sobre a disciplina Língua e Literatura

Em primeiro lugar, a pergunta do Professor da Universidade está mal formulada. Responderia com muita facilidade: Só se Ama aquilo que se conhece! Sem controvérsia!!!

Vamos lá! Um escritor que se empenhou em fazer crescer, com as próprias mãos, a história do livro para crianças e jovens, foi José Renato Monteiro Lobato, Juca, José Bento Monteiro Lobato ou simplesmente Monteiro Lobato.

A partir dessa iniciativa de escrever para crianças e jovens oriunda do escritor citado acima, podemos analisar que a Língua Portuguesa e a Literatura têm na Escola o ponto principal de interferência no processo de formação de leitores, desde os primeiros anos de vida das crianças e jovens. Como se vê a mediação oferecida pela escola à leitura literária é tanto de ordem simbólica quanto concreta. O código, a Língua Portuguesa, já começa a sair do âmbito familiar para ampliar outros níveis subjetivos de construção e produção escrita. Esse agenciamento da Escola tem como horizonte uma concepção diferenciada do papel da literatura na estruturação das bases da construção social da subjetividade e da possibilidade de renovação da relação da criança, do jovem com a leitura, com a língua escrita e falada fora do ambiente familiar e comunitário, dando oportunidades aos alunos conhecerem outros níveis de comunicação.

O objetivo no processo de aquisição da leitura e da escrita são tentativas que serão feitas pelos próprios alunos no intuito de o aprendizado escolar ter eco com o mundo diário, observado pelos estudantes, uma vez que a escola deve estar próxima da realidade vivenciada pelas crianças e jovens, tendo como a Escola a extensão de suas vidas dentro de suas realidades. Assim, os ensinamentos escolares da língua e a literatura devam ser objetivados na aplicabilidade da vida prática.

Por fim, o excesso de história, a ruminação do passado, muitas das vezes, serve para enterrar o presente; lembrando que a língua é dinâmica e não existe literatura sem língua e a História é útil à vida, mas o excesso intoxica a vida presente.

Questão 5) – Ponto de vista sobre os conteúdos – Turmas de Sexto Ano

Linguagem Escrita

** Gêneros textuais: poemas, entrevistas, notícia, mito, debate, charge, crônica, resenha crítica, receita, relato de experiência, manual e cordel;*

** Análise e reflexão sobre a língua; características dos gêneros textuais; seqüências discursivas: narração e descrição; variação lingüística; ortografia.*

** Reconhecimento e caracterização dos diversos textos; caracterização dos diversos gêneros textuais.*

Objetivos gerais do ensino da Língua Portuguesa

O ensino da Língua Portuguesa, no 6º Ano do Ensino Fundamental, objetiva oferecer aos alunos condições para: desenvolver a comunicação, que possibilitará emitir e receber mensagens, falando ou escrevendo, lendo ou ouvido; decodificar textos relacionando os elementos estruturais de sua organização lógica; desenvolver diferentes formas de comunicação escrita que a Língua oferece para observar, narrar e analisar a realidade; expressar-se verbalmente, por

escrito, com clareza nas diferentes áreas de conhecimento; aprimorar a expressão oral, utilizando textos e atividade cujo conteúdo esteja relacionado à vida social e psicológica; sistematizar aspectos das normas ortográficas e morfosintáticas de sistema da Língua para aplicá-las gramaticalmente.

Enfim, a cada Ano Letivo, nossos alunos do Ensino Fundamental, em nossas aulas, carecem de mais atividades, de preferência, acompanhadas pelas alegrias sonoras facilitadoras do domínio de certas estruturas lingüísticas, ampliação do tecido vocabular e a investigação incessante, no cotidiano, à formação cidadã e por afinidades pelo conhecimento, pela criticidade e pelo entendimento da democracia planetária, a partir do mundo da leitura.

Questão 6 – O entrevistado apresenta as concepções de:

a) Ciência: comporta vários conjuntos de saberes nos quais são elaboradas as suas teorias baseadas nos seus próprios métodos e pesquisas científicas.

b) Ciência da Linguagem: descrição da Língua Portuguesa e nas modalidades de sua utilização como meio de comunicação e de percepção da realidade cultural.

c) Linguagem: qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, códigos, dança etc.

d) Língua: é um instrumento de comunicação, sendo composta por regras gramaticais que possibilitam que determinado grupo de falantes consiga produzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se.

e) Gramática: regula a linguagem e estabelece padrões de escrita e fala para os falantes de dada língua; assim, graças a Gramática a língua pode ser analisada e preservada, através de suas prescrições estruturais que permitem a compreensão do seu uso como mecanismo da boa comunicação de uma comunidade.

f) Literatura: remete para um conjunto de manifestações artísticas do ser humano, sendo uma arte produzida com palavras. Sua definição específica depende de questões diversas, tais quais de ordem social histórica, política, cultural etc.

Análise das questões 4, 5, 6 e 7 do aluno e 4, 5 e 6 do professor

As respostas as questões 4, 5, 6 e 7 por parte do aluno refletem a realidade da educação no ensino brasileira em relação ao conteúdo de Língua Portuguesa e Literatura. O aluno expressa sua insatisfação quanto a superficialidade com que as disciplinas são abordadas na escola e o quanto essa defasagem prejudicará o aluno no prosseguimento dos estudos que é um dos objetivos do ensino médio segundo a LDB que é tornar o aluno apto para prosseguir nos estudos. Ora, se o ensino for incipiente, se as bases forem frágeis, como o aluno conseguirá alcançar as finalidades e objetivos propostos nos artigos 35 e 35A da LDB?

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; ... IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017) Page 14 Artigo 35 Artigo 35-A § 7º)

Percebe-se aí a triste realidade em que se encontra o ensino de Língua e Literatura no Ensino Básico, em especial no Ensino Médio e a grande lacuna que fica em relação ao cumprimento do papel da educação de formar indivíduos críticos e aptos para competirem tanto no mercado de trabalho quanto para ampliar seus estudos. O aluno aponta também a importância do comprometimento do professor com a disciplina que está ensinando, pois, conforme ele disse, depende do professor, da forma como o professor apresenta a disciplina para que o ensino seja algo mais prazeroso e que facilite a aprendizagem e conseqüentemente estimule o gosto pela leitura e a fruição dos textos, corroborando para o papel do professor enquanto agente facilitador e estimulador das aprendizagens. E por último, a sua preocupação com o conteúdo das disciplinas que, deixa claro a forma tradicional com que vem sendo trabalhada, ainda presa a regras que precisam se memorizadas.

O professor José Leão ao falar sobre a disciplina de Língua e Literatura faz menção da importância da figura do escritor Monteiro Lobato e o seu empenho em expandir no Brasil a produção e distribuição do livro, e que contribuiu para a disseminação da cultura no país, incentivou o gosto pela leitura e ampliou significativamente o número de exemplares e títulos de livros impressos no país. É inegável sua contribuição para a literatura na educação brasileira. Diante do exposto, o professor amplia suas observações para mostrar o papel da escola enquanto disseminadora dessa literatura e enquanto formadora de leitores desde a mais tenra idade o que refletirá nos anos escolares seguintes e contribuirão de forma positiva para formação plena do leitor crítico. O professor alerta que esse ensino da literatura não deve ser apenas um ensino voltado para a história em si, mas que ele dever fazer “eco” na vida fora dos muros escolas, na rotina do dia a dia. O professor aponta também para o papel do aluno enquanto protagonista de sua aprendizagem e de que o objetivo principal do ensino da Literatura deve ser dar a ela uma aplicabilidade para a vida diária.

Sobre os conteúdos da disciplina de Literatura, o professor lista os conteúdos aplicáveis ao sexto ano do ensino fundamental, que embora não seja o foco do presente artigo, mas podem ser consideradas as bases nas quais os alunos poderão assentar os futuros estudos sobre a literatura e que, essa pode ser a época crucial para a formação do leitor, uma vez que o aluno terá a oportunidade de ter contato com um número maior e mais diversificado de obras literárias e que ampliarão o seu repertório lingüístico. Por fim, o professor acrescenta que as atividades, devem, de preferência, vir “acompanhadas pelas alegrias sonoras facilitadoras do domínio de certas estruturas lingüísticas, ampliação do tecido vocabular e a investigação incessante, no cotidiano, à formação cidadã e por afinidades pelo conhecimento, pela criticidade e pelo entendimento da democracia planetária, a partir do mundo da leitura” (José Leão - em entrevista)

Finalizando o professor conceitua, sob o seu ponto de vista o que é ciência, ciência da linguagem, linguagem, língua e gramática.

Considerações finais

Pode perceber com as entrevistas e os pontos de vista tanto do professor entrevistado quanto do aluno que, o ensino de literatura no ensino médio está muito aquém das propostas apresentadas nos documentos quer sejam, a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, dentre outros, que visam a formação integral do aluno, nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais e que irão contribuir para a construção de seu projeto de vida e os tornarão efetivamente leitores críticos capazes atuarem como co-participantes d a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, cabe ao poder público investir esforços ainda maiores para que as diretrizes apontadas nos documentos oficiais sejam efetivamente implementados a partir de políticas públicas que fortaleçam a escola enquanto instituição de disseminação de práticas educativas exitosas mais condizentes com a realidade do aluno, desenvolvendo nele o gosto pela leitura; melhorem a condição

de trabalho dos professores, com uma carga horária mais justa e melhores salários, que o estimulem a formação permanente, seja por meio de especialização, mestrado, doutorado ou mesmo com formações continuadas, tempo para se aprofundar nos estudos, que o capacitarão para levar um conhecimento mais sólido aos seus alunos, proporcionando-lhes melhores experiências educativas.

Por fim, no que tange ao professor, que seja comprometido com o ofício de educar e entenda a importância do seu fazer pedagógico para a formação e desenvolvimento do hábito de leitura dos mais diversos tipos de texto nos seus alunos, sendo ele mesmo um leitor efetivo, mantendo-se em constante capacitação, numa atitude dialógica entre teoria e prática, estimulando-os a interagir com o conhecimento de forma autônoma e crítica.

Notas explicativas

¹José Leão | Menezes Filho é professor da rede municipal de educação no município de Itaboraí com formação superior em Licenciatura Plena- Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de São Gonçalo (ASOEC) e pós graduação em Gestão do Trabalho Pedagógico pela UNIGRANRIO.

²Flávio Alves é aluno do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí. Ambos concederam entrevistas de modo virtual tendo em vista o contexto pandêmico em que se entra o mundo com a pandemia do Covid 19.

Referências

- _____.MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais–Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____.MEC. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Brasília: MEC/ SEMTEC, 2004.
- _____.MEC. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. V. 1. Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Brasília. MEC/SEB, 2006.
- _____.MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- _____.MEC. PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. 2. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- BRASIL, MEC. Projeto UNESCO. Edital 7/2014, TOR 8/2014,
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BUSE, Bianca. *A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de) formação do leitor*. "Anais do Colóquio" Ensino médio, história e cidadania", v. 1, n. 01, 2011.
- CEREJA, William Roberto et al. Uma proposta dialógica de ensino de literatura no ensino médio. São Paulo: LAEL-PUC, 2004.
- DCNEM, Projeto UNESCO/CNE 914BRZ1144, p. 06

O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS.

Jennifer Guimarães Gomes^{21*}

Marcelly Alves da Rosa ^{22**}

Resumo

Este artigo busca valorizar e incentivar o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental, não só como ferramenta de aporte para o Ensino Médio, mas também como ferramenta de formação do leitor. Propõe-se um Ensino de Literatura focado na interação entre estudante e texto, sem que seja uma abordagem focada nos movimentos literários, e sim na formação do leitor e na descoberta de gostos e gêneros literários. Os resultados obtidos a partir do estudo e reflexão acerca da temática; o ensino de literatura na Educação Básica, mais especificamente os anos finais do ensino fundamental. A pesquisa encontra-se em fase preliminar, não tendo um caráter conclusivo, mas abrindo espaço para uma reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Educação Básica. Ensino Fundamental I.

Abstract

This article seeks to value and encourage the teaching of literature in the final years of Elementary School, not only as a contribution tool for High School, but also as a tool for the formation of the reader. We propose a Teaching of Literature focused on the interaction between the student and the text, without being an approach focused on literary movements, but on the formation of the reader and the discovery of literary tastes and genres. The results obtained from the study and reflection on the subject; the teaching of literature in Basic Education, more specifically the final years of elementary school. The research is in a preliminary phase, not having a conclusive character, but opening space for a reflection on the subject.

Keywords: Literature. Teaching. Basic education. Elementary School I.

Introdução

Muito se discute sobre o ensino de literatura no Ensino Médio, já que é neste segmento da Educação Básica que há o estudo da disciplina Literatura como obrigatório, ainda que dentro da disciplina de Língua Portuguesa, mas pouco aborda-se o Ensino de Literatura no Ensino Fundamental, por isso buscamos valorizar e incentivar o Ensino de Literatura nos anos finais do Ensino Fundamental como uma ferramenta de construção de uma base dos estudos Literários, proporcionando um aporte para o Ensino Médio, e de formação leitor.

Na Base Nacional Comum Curricular (2018), há referências indiretas e indiretamente do Ensino de Literatura desde os anos iniciais, entretanto, o foco do trabalho está nos anos finais, quanto à este segmento a BNCC no campo artístico-literário aborda a literatura como:

[...] expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade; - do desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, que circulam nas esferas literária e artística. Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa

²¹ Graduanda em Letras-Literaturas – Universidade Federal Fluminense.

²² Graduanda em Letras-Literaturas – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (BRASIL, 2018, p. 156)

Portanto, seguindo a ideia também proposta por um documento normativo, a BNCC, o Ensino de Literatura não deve prender-se apenas ao Ensino Médio, mas deve ser um campo a ser abordado nas demais etapas de ensino buscando mais que o aprendizado dos movimentos literários, e sim, um mecanismo de formação do leitor e transformador, sendo assim, a Literatura e o Ensino de Literatura passam a desenvolver um papel de formador da sociedade.

Pressupostos teóricos

De acordo com Maurício Silva, **Literatura e Experiência de Vida: novas abordagens no Ensino de Literatura** (2010) a ideia principal sobre este assunto é que o Ensino de Literatura mediado e incentivado pelo professor gera um espaço de experiência e “reflexão do ser humano por sua própria condição”.

Particularmente no âmbito do Ensino Fundamental, uma política de incentivo e promoção da leitura deve, antes de mais nada, levar em consideração os mediadores que, atuando juntamente com outras instâncias institucionais, deverão agir como principal canal de veiculação, para os alunos, do texto escrito. Daí a necessidade mais imediata de se formar agentes capacitados justamente a desempenhar esse papel de mediador entre o texto e seu leitor, realizando o que se pode chamar de letramento literário, que tem na leitura seu mais eficaz ponto de partida. (SILVA, 2010, p.4)

De acordo com Maria do Rosário Longo Mortatti, **Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI** (2014), a autora apresenta a tese de que o conceito de Literatura está ligado ao direito humano e representa uma importante ferramenta de formação humana, isto é, tanto em sua função escolar como social. A autora também aborda o fato de a literatura ter um lugar ambíguo na escola:

Talvez por causa desse lugar ambíguo da literatura na escola – em especial no ensino fundamental, onde se fazem sentir mais agudamente os efeitos da crise endêmica da educação brasileira – “letramento literário” e “educação literária” sejam temas emergentes na pauta atual de discussões e propostas, talvez com o objetivo de substituir, por equivalência ou por ampliação de sentido, a expressão “ensino da literatura”, incluindo a literatura infantil e juvenil. (MORTATTI, 2014, p. 38)

Ambos os autores concordam que o Ensino de Literatura tem uma função para além de um mero exercício de leitura, a ideia proposta neste trabalho tem como base esta função de um Ensino de Literatura que forma leitores, mas que também é um mecanismo de formação social.

O Ensino de Literatura seguindo esta função, não disponibiliza os textos literários para uma simples leitura, há o incentivo e mediação do professor para a formação destes novos leitores, buscando sempre a interação entre leitor e leitura, sendo assim, trabalha-se com os gêneros e gostos literários dos alunos, entretanto, espera-se o desenvolvimento da compreensão e apreciação a ponto de a Literatura alcançar objetivos proposto também pela BNCC: a função humanizadora e transformadora.

Metodologia

A metodologia deste estudo consiste na pesquisa exploratória, que no primeiro momento busca por base teórica para fundamentar a ideia apresentada e posteriormente a observação e reflexão acerca do material teórico obtido. A pesquisa encontra-se em fase preliminar.

Análise de dados (engloba resultados e discussão)

Com base nos pressupostos teóricos e no documento normativo da Base Comum Curricular, o Ensino de Literatura no Ensino Fundamental, anos finais, faz parte de um mecanismo de formação do leitor, que também é um agente humanizador da sociedade.

Os anos finais do ensino fundamental fazem parte da etapa em que o aluno é medido e incentivado pelo educador, por isso, o educador deve buscar a interação entre estudante e texto literário, mas uma interação que tenha sentido para o leitor, que o torne capaz, não só de apreciar a leitura como correlacioná-la às questões sociais que afligem a sociedade e a vida daquele aluno. Portanto, o Ensino de Literatura nos anos finais do Ensino fundamental, devem buscar um sentido da Literatura como ferramenta que molda a sociedade do que apenas apresentar movimentos literários sem fundamentação teórica e sem interesse dos alunos, entretanto, o Ensino de Literatura nesta etapa do Ensino serve como um aporte para o Ensino de Literatura do Ensino Médio, pois o aluno já terá o contato e conhecimento prévio de Literatura e suas interações com o social.

Considerações finais

É incontestável o caráter educador, transformador e humanizador da Literatura, sendo assim, o Ensino de Literatura é uma chave crucial para a formação do leitor literário e social, pois a partir da Literatura obtém-se experiências sociais e de formação.

Este trabalho tem como foco o Ensino de Literatura no Ensino Fundamental, anos finais, pois esta é uma etapa onde o pensamento crítico está em desenvolvimento e a formação do leitor também, além disso o Ensino de Literatura nesta etapa serve como um aporte para o Ensino Médio. A pesquisa encontra-se em fase preliminar, não tendo um caráter conclusivo, mas abrindo espaço para uma reflexão sobre o tema.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- SILVA, Maurício. *Literatura e Experiência de Vida: novas abordagens no Ensino de Literatura*. Nau Literária, vol. 06, n. 02, jul/dez 2010.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI*. Educar em Revista, Paraná, n.52, p. 23-43, abril-junho,2014.

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA LITERÁRIA PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS E LEITORES CRÍTICOS

Júlia Raquel Muniz Percilio²³
Samara Coelho Barros²⁴

Resumo

O presente artigo visa repensar as formas de ensino nas aulas de literatura, que têm sido reduzidas a uma mera decoração de autores, épocas e escolas literárias para focalizar na aprovação de alunos em concursos públicos. Dessa forma, com base nos estudos de Vygotsky (1984) e de Zinani e Santos (2008), o método de ensino apresentado terá como foco o estudo comparado de duas obras literárias brasileiras, para direcionar os processos mentais e testar habilidades comparativas, e uma pesquisa literária, para o aluno utilizar os conhecimentos obtidos, o que poderá formar leitores críticos e sujeitos de suas próprias ações, que anseiam por mudanças.

Palavras-chave: Conhecimento. Leitores críticos. Literatura. Mudanças. Pesquisa literária.

Abstract

This article aims to rethink the ways of teaching in literature classes, which have been reduced to a mere decoration of authors, periods and literary schools to focus on the approval of students in public competitions. Thus, based on the studies of Vygotsky (1984) and Zinani and Santos (2008), the teaching method presented will focus on the comparative study of two Brazilian literary works, to direct mental processes and test comparative skills, and a literary research, for the student to use the knowledge obtained, which can form critical readers and subjects of their own actions, who yearn for changes.

Key words: Critical readers. Changes. Literary research. Literature. Knowledge.

Introdução

Este artigo considera as adversidades da realidade brasileira, que têm desvalorizado a literatura e a tem afastado do mundo real, por meio de perspectivas de abordagem engessadas que afetam, também, a relação professor-aluno. À vista disso, tendo como base os estudos de Vygotsky (1984), o trabalho tem como objetivo trazer reflexões norteadas para um aprimoramento do ensino de literatura nas escolas, que tem como escopo reconhecer o contexto do aluno e desenvolver nele aspectos cognitivo, afetivo e social, através da prática de pesquisa em sala de aula, integrando o aluno no contexto o qual será trabalhado, a fim de provocar um dinamismo nas discussões entre professor e alunos, e, conseqüentemente, uma ampliação ou transformação do conhecimento. Essas reflexões serão realizadas mediante um projeto de pesquisa literária em turmas de ensino médio, no qual serão apresentadas duas obras literárias para serem comparadas pelos alunos, no que tange às diferentes perspectivas de construção de textos de autores de épocas distintas, especialmente à construção da figura da mulher negra na literatura brasileira. Os alunos, dessa forma, poderão reconhecer a literatura como fonte histórica e ferramenta de discussão e transformação social.

²³ Graduanda, Universidade Federal Fluminense

²⁴ Graduanda, Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Pressupostos teóricos

No contexto atual da educação brasileira, o professor precisa estar sempre em busca de novas maneiras de conseguir despertar o interesse dos alunos pela leitura e pela compreensão literária. Assim, o ensino de literatura na educação básica não pode estar concentrado apenas em práticas que busquem ampliar os conhecimentos que os alunos usarão em sala de aula e no contexto escolar, precisando ser um ensino que ampliará também os conhecimentos de mundo e as esferas sociais da vida em sociedade dos alunos. Segundo Zilberman (1990):

“O texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências. O texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias.” (ZILBERMAN,1990, p. 19)

A leitura é, então, insubstituível para o desenvolvimento humano, ampliando na formação social ao levar o leitor a contemplar diversos aspectos que vão muito além da simples decodificação de palavras no texto, mas que passam pela sensibilização, pela emoção e até mesmo pela reflexão, processos necessários e importantes para a aprendizagem.

Nesse sentido, é importante ressaltar que todo processo de aprendizagem está profundamente relacionado ao contexto social, seja na relação professor-aluno ou na relação aluno-professor. Do mesmo modo, a relação do professor dentro de uma sala de aula é sempre carregada de certa influência, já que é ele quem precisa conduzir e mediar o aprendizado. Vygotsky (1984) já afirmava que todo aprendizado decorre da compreensão do homem em contato com a sociedade, e que as características do ser humano somente são construídas por meio da interação das pessoas com o meio social.

É partindo desse pressuposto que se torna possível estabelecer que todo aprendizado precisa ser, necessariamente, mediado, e isso torna o papel do professor algo determinante dentro da sala de aula, já que ele, em conjunto com a escola, pode permitir, ou não, que o aluno conduza seu próprio processo de aprendizagem. Sabe-se que cada aluno em sala possui uma situação social diferente e maneiras individuais de se relacionar com o mundo a sua volta, cabendo ao professor o reconhecimento de tais diferenças e a oportunização de condições de ensino que promovam o desenvolvimento de cada um dos sujeitos e suas vivências. Quanto a isso, Petit (2008) diz que:

Uma cidadania ativa [...] não é algo que cai do céu, é algo que se constrói. A leitura pode contribuir em todos os aspectos [...]: acesso ao conhecimento, apropriação da língua, construção de si mesmo, extensão do horizonte de referência, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade [...]. Por meio da difusão da leitura, cria-se um certo número de condições propícias para o exercício ativo na cidadania. Propícias, necessárias, mas não suficientes (PETIT, 2008, p. 101).

Assim, ao levar a reflexão e ao debate sobre as subjetividades através da literatura, o professor consegue mudar a realidade da formação da comunidade escolar. Essa troca de experiências se faz necessária para que os alunos sejam capazes de compreender e respeitar o outro e suas diferenças, exercício essencial para cidadania.

É entendendo isso que Zinani e Santos (2008) afirmam que a literatura promove a ficção necessária para que o ser humano consiga enfrentar os obstáculos da vida, assim como o ajuda a responder aos seus questionamentos fundamentais. As autoras também afirmam que a literatura é uma modalidade privilegiada da comunicação, já que ela possibilita o diálogo entre textos e leitores de diversas épocas.

O professor, então, ao formar alunos leitores, forma também cidadãos conscientes das suas próprias necessidades, obrigações e erros, levando-os a buscar um futuro diferente.

É a partir daí que Zinani e Santos (2008) utilizam dos pensamentos do psicólogo russo Lev Vygotsky para desenvolver uma metodologia que permite a “inter-relação entre o ato de educar e a escola, contribuindo para a melhoria do ensino e para a formação de seres humanos preparados para a autogestão, capazes de vencer desafios, ancorados nos fundamentos éticos e morais do respeito mútuo e da liberdade” (p. 8). É na tentativa de unir o ensino de literatura à zona de desenvolvimento proximal, que se pode levar em consideração o fato de que o sujeito do processo - o aluno - sofre modificação tanto na sua atuação quanto na sua percepção de mundo.

Em sua teoria, Vygotsky (1984) afirma que, na adolescência, a memória torna-se extremamente lógica, o que reorienta as relações interfuncionais. Nessa fase, as estruturas mentais passam a se organizar não mais como tipos de categorias, mas como conceitos abstratos. Dessa maneira, a adolescência é um momento excelente para o desenvolvimento do pensamento, para formação da concepção de mundo e para o desenvolvimento da autoconsciência.

O aprendizado, assim, desperta processos internos para tais desenvolvimentos, que são favorecidos quando o indivíduo interage e coopera com os outros e seus ambientes. Ainda para Vygotsky (1984), o aprendizado ocorre na chamada “zona de desenvolvimento proximal”, o que permite o entendimento do presente e a antevisão do futuro. O papel da educação escolar, portanto, é de contribuir para tal desenvolvimento psicológico, de maneira que o adolescente consiga a superação de conceitos apenas cotidianos, tendo uma maior visão de mundo.

Portanto, Zinani e Santos (2008) propõem um modelo de trabalho para as aulas de literatura que está baseado na investigação através de registros e na introdução da prática de pesquisa em sala de aula, o que levará o aluno a se tornar mais autônomo no seu processo de aprendizagem, propiciando um espaço de construção de um sujeito crítico, que é capaz de interferir e transformar tudo ao seu redor. Além disso, as autoras também levam em conta a necessidade que o adolescente possui de reconhecimento e identificação, demonstrando a importância de se optar pelo estudo e análise de textos literários em relação ao contexto social, o que possibilita o aprimoramento cognitivo, social e afetivo dos discentes.

Por fim, as autoras demonstram a importância da participação do aluno no próprio processo de planejamento das atividades realizadas em aula, de maneira que tanto o professor quanto o aluno possam ser agentes ativos, o que leva a novo um movimento em sala de aula, quebrando os paradigmas instaurados pela tradição escolar. O objetivo principal, então, é que o aluno e o professor consigam se tornar investigadores, construindo conhecimentos próprios e individuais, de maneira a aprimorar e integrar a realidade educacional da educação básica brasileira (Zinani e Santos, 2008).

Assim, é a partir desses referenciais teóricos que se desenvolveu a metodologia deste artigo. Em suma, o intuito da metodologia aqui desenvolvida é, além de auxiliar na estruturação do conhecimento literário do aluno, instigar também um novo olhar social e uma nova forma de construção da vida em comunidade de todo corpo discente. Logo, entende-se que é necessário, além de trabalhar a literatura de maneira social, buscar textos que consigam instigar a reflexão e o debate entre os alunos, a fomentação de questionamentos sobre a subjetividade e sobre o contexto social, e, por fim, a visão de mundo do aluno. É somente quando esse aluno consegue entender a si próprio de diferentes maneiras, que ele consegue compreender e aceitar as diferenças dos demais, entendendo que o mundo é um local plural e diversificado, o que o leva a respeitar as identidades e individualidades dos outros.

Por fim, é preciso destacar que Freire (2006) já demonstrava que a leitura de mundo sempre precede a leitura da palavra, então torna-se tão importante a leitura da realidade quanto a leitura das palavras em si:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 2006, p. 11).

Metodologia

O professor, primeiramente, fará algumas perguntas aos alunos para ativar o conhecimento prévio, promover uma reflexão sobre literatura e história, e incentivar um olhar crítico sobre a leitura do texto literário. Essas perguntas serão conduzidas de acordo com o diálogo da turma, e serão relacionadas:

- * à percepção de relação da literatura com nossa história e cultura;
- * à pesquisa sobre os autores e época de cada obra;
- * à análise de como eram/são esses autores (homens, mulheres, brancos, negros, ricos, pobres etc), de quem não tinha visibilidade, quem passou a ter e quem ainda não tem;
- * à reflexão sobre as mudanças de discurso, ao longo do tempo.

Após essa abertura de diálogo, o professor irá apresentar as obras literárias “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, e “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo, direcionando o olhar dos alunos para o retrato das mulheres negras na literatura brasileira, a fim de trazer uma reflexão acerca dos fatos sociais e culturais da nossa história, os quais silenciaram muitas vozes, sobretudo dessas mulheres. Essas obras terão valor significativo para essa comparação, tendo em vista que a primeira é considerada um clássico da literatura brasileira, publicada em 1890, e a segunda é um romance de 2003.

Em um segundo encontro com a turma, o professor deverá pedir para que os alunos se sentem em círculo com o livro “O Cortiço” em mãos, para abrir uma discussão acerca da obra, a fim de impulsionar a competência comunicativa dos alunos, estimular o desenvolvimento da compreensão leitora por meio da reflexão em conjunto sobre as principais ideias do texto e compreender a função social do gênero. O diálogo vai ser iniciado a partir de comentários sobre o que os alunos acharam do texto, depois sobre quais críticas ele traz para os leitores, pedindo para que os alunos compartilhem exemplos dessas críticas no livro. Por último, o professor deverá trazer perguntas mais específicas, como perguntar sobre como as pessoas são descritas e se há alguma diferença significativa entre elas (pedir para os alunos comprovarem as afirmações com partes do texto), e perguntar se a descrição do cortiço e dos acontecimentos que nele ocorrem pode ter semelhança com a realidade desse meio.

Em um terceiro encontro, o professor deverá distribuir um questionário escrito de interpretação textual sobre “O Cortiço”, a exemplo de:

- Sobre o que trata a obra? Alguns personagens, no início, são apresentados de uma forma e, ao longo dos acontecimentos, elas vão se degradando. O que o autor quis trazer com este fato? Explique. (Para compreender o sentido global do texto e identificar informações implícitas no texto);
- A desigualdade social é um tema pertinente em “O Cortiço”, devido ao retrato do Brasil naquela época. Pensando nisso, essa obra continua sendo um objeto de reflexão nos dias atuais? Por quê? (Para situar o aluno historicamente e compreender a função social do gênero);
- A obra de Aluísio é considerada a que melhor representa o movimento naturalista

brasileiro. Explique essa afirmação. (Para identificar características estilísticas do gênero);

→ O parágrafo 4, da página 48, retrata a descrição feita por Jerônimo acerca de suas impressões sobre Rita. Ela, sendo uma mulher e negra, é descrita da mesma forma que a portuguesa Leandra, no segundo trecho? Por quê? (Para comprovar hipóteses feitas na discussão oral);

→ O parágrafo 8, da página 117, mostra a relação amorosa entre Rita Baiana e Jerônimo. Como essa dimensão afetiva é retratada? Como era a sociedade daquela época e como esta enxergava a mulher que seduz? Atualmente, os pensamentos e os discursos mudaram? Explique. (Para ler criticamente o texto, inferir o público ao qual se dirige a obra e comprovar hipóteses feitas na pré-leitura).

No quarto encontro, haverá uma outra discussão, desta vez sobre “Ponciá Vicêncio”, a fim de que os alunos façam parte do processo de construção do pensamento. Para iniciar a discussão, o professor fará uma apresentação poética: “Vozes-Mulheres”, também de Conceição Evaristo. Após isso, o professor fará perguntas em relação:

* às possíveis reflexões que o poema pode levantar, e que relação pode ser estabelecida com a obra “Ponciá Vicêncio”;

* ao comportamento das mulheres negras ao longo do tempo, descrito no poema, e qual estrofe é possível relacionar com as atitudes de Ponciá;

* aos desafios de questões sociais, de raça e gênero para quem é pobre, negro, mulher ou homossexual, e como a obra de Ponciá revela este fato;

* à comparação da história relatada com a realidade de algumas pessoas.

No quinto encontro, o professor deverá distribuir uma atividade escrita de estudo comparado, para comparar a obra “O Cortiço” com “Ponciá Vicêncio”, a exemplo de:

→ O retrato da mulher negra foi representado da mesma forma nas duas obras? Podemos relacionar a relação afetiva ou a forma como a personagem Ponciá viveu, com algum personagem da obra de Aluísio Azevedo? Explique. (Para identificar e refletir acerca dos diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato e estabelecer relações entre diferentes textos);

→ Podemos perceber que as obras são completamente diferentes, visto que a primeira conta a história de uma comunidade, e a segunda conta a história de vida de uma pessoa, mas ambas associam o imaginário e o real. Dessa forma, cite um fato que as duas apresentam em comum, mesmo sendo obras de épocas totalmente distintas, e explique. (Para ler criticamente o texto e estabelecer relações entre diferentes textos);

→ Tendo em vista que as mulheres, principalmente negras, não tinham voz na literatura, apenas eram um objeto de quem se falava, e pensando nos diferentes contextos históricos, o que mudou no país para que hoje uma mulher negra possa escrever um texto literário, até mesmo um livro sobre a história de vida de uma mulher negra, por exemplo? (Para comprovar hipóteses feitas na pré-leitura e refletir acerca das mudanças históricas);

→ Há diferenças na linguagem das obras? Explique. (Para diferenciar características composicionais dos textos literários).

O professor, ao final desta quinta aula, vai explicar oralmente o projeto: vai pedir para que os alunos se organizem em pequenos grupos para pesquisar, em casa, a vida de um escritor de língua portuguesa pouco conhecido, ou melhor, não consagrado pela tradição, que os alunos admiram ou achem suas obras interessantes, para realizar uma exposição no mural da feira literária da escola. Eles deverão fazer uma pesquisa aprofundada sobre a vida deste escritor, como: de onde ele veio (entendendo que pode ser de origem portuguesa, africana ou brasileira, incluindo a indígena), o que fez durante a vida, como viveu e como ele(a) é hoje (se for atual). Durante esse processo, eles deverão pensar na seguinte questão, relacionando com a história e cultura do nosso país:

“Por que esse escritor não teve o mesmo reconhecimento que outros escritores da mesma época?”

Depois, eles vão criar um cartaz, no qual deverão desenhar e/ou colar imagens em uma linha do tempo que demonstre a história de quem eles pesquisaram, e selecionar pelo menos duas de suas obras (quem tiver em casa, poderá trazer; se não tiver, poderá imprimir a capa, para a demonstração), para explicar ao público quem é o(a) escritor(a) escolhido(a), qual a temática de cada uma das obras e o que julgam ser importante, mostrando porquê aquele(a) escritor(a) merece ser reconhecido(a).

No sexto e último encontro, o professor deverá já deixar organizado o mural com os trabalhos realizados, o qual será intitulado “Escritores de grande valor artístico”, para que os alunos exponham os escritores e as obras escolhidas, explicando oralmente aos alunos de outras turmas (ou a quem se interessar) a importância dos variados textos literários para a transformação social e para a formação do leitor crítico, a fim de descolonizar o pensamento, reconhecer a função social da literatura e trocar informações.

Análise de dados

A partir da metodologia indicada, não se espera que o aluno desenvolva o hábito de compreensão leitora, mas que ele se torne um leitor crítico e o próprio sujeito da construção do pensamento. Por meio dos diálogos, espera-se que o aluno desenvolva a sua competência comunicativa, mas sabe-se que, para isso, é preciso que ele se sinta inserido no contexto da discussão. Dessa forma, com a utilização de obras literárias de grande valor artístico e com o direcionamento do professor nas aulas, essa inserção será possível, pois o aluno poderá fazer conexões entre a literatura e a realidade. Além disso, a atividade de pesquisa literária poderá romper com os paradigmas e abrir espaço para o novo, tornando o aluno capaz de modificar o seu meio, visto que é a partir dela que ocorrem modificações na percepção do objeto de estudo.

Considerações finais

Com base no texto *Ensino de literatura: possibilidades e alternativas* (2008), o estudo dos métodos possui expressivo valor não só para a ampliação do conhecimento, em virtude da pesquisa literária, mas também para o aprimoramento cognitivo, afetivo e social, que ocorre por meio das discussões em conjunto, o que traz a possibilidade de o aluno se sentir inserido no contexto e ser sujeito da construção do próprio pensamento.

Além disso, levar o olhar do aluno para uma realidade próxima, como é o caso das literaturas e escritas não consagradas, e de autores pouco reconhecidos e valorizados, reduz o afastamento entre o que disciplina deseja e a realidade do sujeito, o que estimula a competência de leitura e o entendimento dos fatos sociais e históricos. Esses dados significam que o aluno pode tornar-se autônomo e, possivelmente, um agente de mudanças do meio em que vive.

Referências

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=2018>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- EVARISTO, Conceição. (2003). **Ponciá Vicêncio**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- EVARISTO, Conceição. **Vozes-Mulheres**. In: _____. Cadernos Negros 13, 1990, p. 32-33
- FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em Três Artigos que se Completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_a_importancia_do_ato_d e_ler.pdf. Acesso em: 16 fev. 2022.
- PETTI, Michele. O que está em jogo na leitura hoje em dia. In: **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). *Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto*. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. *Ensino de Literatura: possibilidades e alternativas*. Editora PUC-RS: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2008. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/CILLIJ/praticas/Ensino_de_literatura_.pdf>. Acesso em: 12 de fev. 2022.

ANÁLISE COMPARATIVA DO ENSINO DO PORTUGUÊS E DA LITERATURA EM REALIDADES DIFERENTES

Larissa Ferreira da Silva²⁵

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre o ensino do português e da literatura de duas escolas do Rio de Janeiro, sendo uma escola do ensino público e outra escola do ensino particular. A análise será feita com base em duas entrevistas feitas com uma aluna de cada instituição, usando como apoio teórico nos textos *O ensino de literatura no ensino médio: Concepções do docente e sua prática na sala de aula* e *Ensino de literatura: Possibilidades alternativas*, que discutem o ensino da literatura atual e as questões o cercam.

Palavras-chaves: Literatura. Língua portuguesa. Rede de ensino. Educação.

Abstract

This work has the purpose of making a comparative analysis between the teaching of Portuguese and literature in two schools from Rio de Janeiro, one of them a public school and the other a private school. The analysis will be made based on two interviews done with two students from each institution, using as theoretical support the texts “*O ensino de literatura no ensino médio: Concepções do docente e sua prática na sala de aula* and *Ensino de literatura: Possibilidades alternativas*”, which discuss literature teaching in high school and the questions that surround it.

Keywords: Literature. Portuguese language. Teaching network. Education.

Introdução

A discussão acerca da metodologia de ensino, no geral, vem trazendo pontos e contrapontos sobre a necessidade de sua reformulação. Esse ano, o Novo Ensino Médio, proposto pelo Governo Nacional, entrou em vigor nas escolas públicas com um modelo que promove uma nova visão de organização do currículo. Nesse modelo, ao invés de ser separado em disciplinas, o conteúdo é dividido entre áreas de conhecimento e uma formação profissionalizante, com o intuito de oferecer mais oportunidades aos alunos, sobretudo da população que tende a ter um nível de escolaridade baixa comparada ao de classes mais altas. Apesar da necessidade de reforma no nosso sistema de ensino fosse evidente e apesar do intuito de inclusão dentro da proposta aprovada, o novo modelo, à vista de muitos, tende a causar um efeito mais afunilador do que abrangente.

Para adentrar essa discussão, proponho uma análise sobre as diferentes realidades no ensino e organização estudantil, usando como base entrevistas feitas com duas alunas do ensino médio, as quais vou nomear Aluna 1 e Aluna 2. Entendendo que não podemos resumir as redes de ensino em apenas dois pontos de vista, este artigo tem por objetivo observar o sentimento das alunas em relação às suas instituições e, com isso, pensar nas problemáticas e pontos positivos levando em consideração os textos *O ensino de literatura no ensino médio: Concepções do docente e sua prática na sala de aula* e *Ensino de literatura: Possibilidades alternativas*. Entrando em questões sobre suas respectivas instituições, sendo uma escola pública e outra escola privada, será possível fazer uma comparação entre as maneiras que as organizações tiveram um impacto na construção do aluno como indivíduo.

²⁵ Graduanda em Letras - Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Pressupostos teóricos

A educação é uma das, se não a mais, importantes fundações para a construção do indivíduo, mas o entendimento do impacto que essa importância pode ter ou o modo que opera, principalmente nas crianças. Contudo, muito se discute sobre qual o papel específico que a escola como instituição carrega dentro desse processo de crescimento do ser, depositando nos pais a carga total no que diz respeito à construção de carácter e desenvolvimento da criança. É preciso que haja o entendimento de que o sujeito é alimentado de conhecimento a partir de tudo a sua volta, conhecimento esse que se manifesta em sua visão de mundo e, conseqüentemente, em sua cognição. Enquadrar a escola como um espaço responsável apenas por uma transferência de conhecimento sem que se ache necessário trabalhar o modo com que esse conhecimento seja entendido, usado, e aplicado na sociedade é, pelo menos, improdutivo.

Pensando nessas necessidades e considerando que a fase da adolescência é um período crítico para o desenvolvimento e escolaridade do indivíduo, Cecil Zanini e Salette Santos, no texto *Ensino de literatura: Possibilidades alternativas*, fazem uma reflexão sobre a aquisição do conhecimento e a necessidade do ensino, sobretudo da literatura. Com base em textos de Jean Piaget e Lev Vygotsky, que contribuíram com grandes pesquisas sobre o desenvolvimento intelectual, as autoras defendem que é durante a adolescência que o indivíduo chega ao ápice de sua capacidade cognitiva e intelectual. Por isso, é importante expandir a rede de estímulos que contribuem para o maior desenvolvimento desses sentidos.

Entrando na discussão sobre os diferentes estilos de aplicação de ensino nas instituições de ensino médio, encaramos questões sobre o que deve compor o currículo do aluno e até qual o melhor ambiente para o local de estudo. Instituições que visam o aumento do foco do aluno e têm o currículo voltado para modelos de vestibular estão começando a ganhar popularidade, mas esse tipo de organização não necessariamente atende o que Piaget e Vygotsky dizem estimulantes para o desenvolvimento no geral pois ela exclui uma parte necessária da experiência.

“A reflexão sobre essas questões propõe uma inter-relação entre o ato de educar e a escola, contribuindo para a melhoria do ensino e para a formação de seres humanos preparados para a autogestão, capazes de vencer desafios, ancorados nos fundamentos éticos e morais do respeito mútuo e da liberdade” (ZINANI; SANTOS, p. 3).

As autoras discutem sobre a inserção do ensino da literatura no currículo do ensino médio, que tende a ter um espaço compacto e saturado, pouco satisfatório tanto para os professores quanto para os alunos. Assim como defendem Atelane Garcia e Jones Basoli no texto *O ensino da literatura no ensino médio: Concepções do docente e sua prática na sala de aula*, a literatura é uma disciplina de extrema importância e potencial para incentivar o aluno a trabalhar percepções que impactam seu desenvolvimento pessoal e social. Ao mesmo tempo, a disciplina vem sendo enclausurada dentro das aulas de língua portuguesa ou imposta de maneira pouco produtiva. Nos dois textos, as autoras traçam possíveis estruturas de aulas que tentam mostrar a literatura como disciplina necessária dentro do currículo, de modo que quebre uma barreira já pré-estabelecida por grande parte dos alunos. Seguindo as teorias de Piaget e Vygotsky, Zanini e Santos formularam um sistema de realização de atividades, análise e reflexão sobre as obras lidas em sala de aula, acreditando que esse sistema se mostra eficaz em ativar sentidos de pesquisa e reflexão nos alunos.

No texto de Garcia e Basoli, as autoras fazem duas entrevistas com professores de diferentes instituições sobre o ensino da literatura. Para a Professora 1, como denominam as autoras, as aulas de literatura requerem se atentar a conhecimentos que envolvem língua portuguesa, artes, sociologia, e filosofia, pois, para ela, “A literatura é a visão do homem sobre a sociedade em que vive. É um retrato diacrônico de como a sociedade reage aos acontecimentos políticos, econômicos e sociais do seu tempo”. Com esse intuito, a professora primeiramente trabalha a contextualização da obra

ou movimento literário visto em sala de aula, utilizando pinturas, obras de arte, mas apenas sugere a leitura de obras literárias completas e opta por trabalhar contos, crônicas ou poemas encontrados em sites de domínio público para facilitar o acesso do aluno. A partir disso, os alunos são capazes de fazer um recorte sobre a literatura e seus movimentos estabelecendo uma relação com o mundo e a sociedade. A professora comenta, ainda, as dificuldades em lecionar a disciplina, citando a resistência à leitura, principalmente de obras mais antigas, e falta de recursos, visto que há apenas um tempo de aula por semana e poucas oportunidades de explorar o campo mais a fundo. Ainda dentro do assunto relação professor-aula-aluno, a professora acredita que a motivação e a preocupação em criar um envolvimento do aluno com o que é abordado em aula é essencial para trazer alunos que, à primeira vista, não mostram muito interesse em aprender sobre qualquer assunto.

As autoras adentram as questões em relação ao modelo de ensino médio com visão focada nos vestibulares em entrevista ao Professor 2. A disciplina já tende a sofrer um certo “rebaixamento” através de todo o currículo escolar, mas, apesar de se reconhecer mais sua importância, no ensino médio a disciplina é imposta com interesses secundários, ainda suprimindo o potencial de sua discussão. Na entrevista, o Professor 2 critica o modelo, dizendo que “o vestibular não é norteador” em relação ao papel da literatura. Enquadrar a literatura como apoio para o vestibular, e não com o intuito de estabelecer uma relação entre o aluno e a leitura, incentivar o pensamento e a percepção, é justamente o que leva as aulas a serem engessadas e monótonas, pouco cativantes. O entrevistado concorda que o professor tem papel fundamental no aspecto de criar envolvimento do aluno e na mediação da formação do leitor, dizendo que a literatura é uma ferramenta do conhecimento.

Metodologia

Usando os textos de Zanini & Santos e Garcia & Basoli como reflexão, neste texto foram utilizadas duas entrevistas feitas com alunas do ensino médio, sendo uma da rede pública e outra da rede particular de ensino. As perguntas feitas às alunas foram elaboradas visando extrair seus pensamentos em relação a instituição de ensino as quais frequentam, com o intuito de analisar a organização no geral e as aulas de português/literatura a partir dos olhos e sentimentos das alunas. As perguntas feitas foram as mesmas para ambas alunas, a fim de abrir espaço para uma comparação entre a realidade das duas. Comparando os relatos das pesquisadoras e as entrevistas feitas com professores no texto de Garcia e Basoli, as reflexões dos autores sobre o ensino da literatura foram cruzadas com as respostas das alunas, a fim de analisar a expectativa dos pesquisadores modernos em relação a discussão do ensino da literatura e a realidade da sala de aula.

Resultados

As perguntas feitas em ambas entrevistas tentam explorar o sentimento de engajamento das alunas em relação aos estudos e ao ambiente de ensino. Neste artigo, estarei nomeando-as Aluna 1 e Aluna 2, sendo a Aluna 1 integrante do corpo estudantil de uma escola da rede privada e a Aluna 2 integrante do corpo estudantil de uma escola da rede pública de ensino. Ambas alunas já cultivam um hábito de leitura como atividade de recreação, apesar de preferirem livros da literatura estrangeira, então já há nelas a afeição pelas aulas de literatura.

Questionada sobre sua opinião geral em relação a sua instituição, a Aluna 1 demonstrou mais satisfação em relação ao ambiente e grupo coletivo, mas aponta insatisfações sobre a comunicação aluno-gestor, alegando não obter respostas ou melhorias sobre fatores que parte dos alunos consideram pouco produtivos. A Aluna 2 compartilha de opinião semelhante, se dizendo contente com a preocupação da instituição em relação ao engajamento social dentro e fora da escola, mas criticando fatores como falta de estrutura ou envolvimento maior de certos professores. Para as duas, há um sentimento de coletivo importante presente nos alunos de ambas instituições, mas isso se mostra mais voltado para um senso de comunidade que, apesar de importante, não necessariamente alimenta a relação do estudante com seus estudos individuais.

Sobre eventos culturais promovidos pelas escolas é importante ressaltar que, nos últimos dois anos, eventos externos e atividades em grandes grupos não foram realizados por consequência da pandemia da Covid-19. Por isso, as alunas levaram em consideração eventos promovidos tanto antes da pandemia quanto os eventos online divulgados por professores durante o ensino a distância. Segundo a Aluna 1, a instituição não realiza muitos eventos voltados para a divulgação da cultura, mas sim voltados para o esporte. Apesar de gostar dos eventos, ela diz sentir falta de mais atividades ou eventos pensados para a cultura. Já a Aluna 2 diz que fazia, antes da pandemia, pelo menos duas vezes ao ano, passeios a museus ou pontos turísticos históricos, além de atividades que promoviam o engajamento cultural e social dentro do espaço escolar. Com a pandemia, parte dessas atividades foram realizadas online e, no início do ensino híbrido, sem a realização de eventos. Além disso, ela cita que alguns professores divulgaram eventos online como exposições e palestras, mas não houve tanto interesse por parte dos alunos.

Ainda sobre o interesse dos alunos em relação ao estudo, é de se entender que, em ambas instituições os alunos precisam fazer o esforço de estarem envolvidos com as disciplinas, visto que há questões que, ao olhar das alunas, dificultam a aprendizagem mas não são postas em discussão para que haja mudanças. Na escola da rede pública, segundo a Aluna 2, há ainda o agravante de que, além da constante falta de aula, alguns alunos são de classe baixa e enfrentam questões em suas vidas pessoais que entram no caminho da vida acadêmica. Sobre o ensino da literatura, a Aluna 1 se mostrou insatisfeita com seu modelo de aula, que é mais voltado para a leitura e termina por ser cansativo e desencorajador, tanto que ela não demonstra muito interesse em obras da literatura brasileira e, por isso, tende a gostar mais das aulas de língua portuguesa. Já a Aluna 2, relata que seu gosto pelas aulas depende muito do professor que leciona, dizendo que, dentro da mesma instituição, teve aulas de literatura pouco aproveitadoras e aulas de grande engajamento da turma.

Discussão

Levando em conta os relatos das duas alunas, podemos constatar que, tanto no discurso da Aluna 1 quanto no da Aluna 2, os argumentos levantados por Zanini & Santos e Garcia & Basoli se mostram paralelos às problemáticas trazidas em relação às suas instituições de ensino. Apesar do gosto pela literatura já existir, a Aluna 1 mostra dificuldade e resistência às aulas de literatura e, por consequência, pela literatura brasileira devido ao modelo de aula imposto em sua escola. Ao passo que a escola parece se preocupar com eventos esportivos, o que também é de extrema importância e parece cativar os alunos, há pouca organização em prol da cultura. Pelos relatos da Aluna 2, a promoção do engajamento coletivo a partir de eventos e atividades voltadas para pautas culturais e sociais, que envolvem música, dança, e literatura, feitas e pensadas com colaboração dos próprios alunos cria não só um forte movimento coletivo como também incentiva o aluno do modo que Zanini e Santos disseram ser importantes. Esse engajamento acaba tendo um impacto individual, pois ao passo que o aluno se permite envolver-se e se sente cativado por esse tipo de atividade, o que remete a essas questões dentro de sala de aula vai, conseqüentemente, cativa-lo também.

Considerações finais

Baseando-se nos argumentos apresentados por Zanini e Santos, sustentados pelas pesquisas de Piaget e Vygotsky de que a fase da adolescência é fundamental para o indivíduo desenvolver sua capacidade cognitiva e, por isso, é importante a exposição a questões e debates que exercitem esse desenvolvimento. Encontramos na literatura um vasto poder de exploração de diferentes questões humanizadoras, logo, o tratamento que a disciplina têm recebido dentro do currículo geral do ensino médio, que tende a ser compacto e reprimido, deixa a desejar perante ao conteúdo que é capaz de transmitir. Essa problemática é agravada pela forma em que o sistema educacional é pensado na maioria das escolas, sobretudo nas instituições que têm seus currículos voltados totalmente para a aprovação nos vestibulares, pois deixa a aprendizagem robótica ao invés de realmente incentivar a pesquisa e a indagação. Dito isso, o modelo do novo ensino médio aprovado nas escolas públicas

brasileiras, que agrava essa robotização da educação e suprime, ainda mais, disciplinas como a literatura, filosofia e sociologia. Essa problemática, porém, não pode ser apenas vista como uma questão de poder maior, seja esse modelo imposto por uma instituição escolar ou pelo governo. Cabe, portanto, aos professores a responsabilidade de manter com os alunos uma relação envolvente, entender as necessidades da turma e trabalhara literatura de modo que seja interessante e possível para os alunos.

Referências

- GARCIA, Atelane; BASOLI, Jones. *O ensino de literatura no ensino médio: Concepções do docente e sua prática na sala de aula* in **Anais do X Seminário de Iniciação Científica SóLetras** – CLCA – UENP/CJ - ISSN
- ZINANI, Cecil; SANTOS, Salete. *Ensino de literatura: Possibilidades alternativas* in *Anais do Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infante Juvenil* – CILLIJ – PUC/RS

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LITERATURA EM SALA DE AULA

Lorraina Almeida Serrão de Souza²⁶

Resumo

A importância do ensino de Literatura em sala de aula é um assunto que precisa ser discutido na comunidade docente e que abre a possibilidade de mudar o paradigma das práticas pedagógicas, a fim de tornar o aluno não somente um decodificador da língua, mas verdadeiramente moldado por ela para que consiga interpretar a si mesmo e o mundo.

Palavras-chave: Importância da Literatura. Práticas pedagógicas no ensino de Literatura.

Resumen

La importancia de la enseñanza de la Literatura en el aula es un tema que necesita ser discutido en la comunidad docente y que abre la posibilidad de cambiar el paradigma de las prácticas pedagógicas, con el fin de hacer del estudiante no sólo un decodificador de la lengua, sino verdaderamente moldeado por ella para que pueda interpretarse a sí misma y al mundo.

Palabras clave: Importancia de la Literatura. Prácticas pedagógicas en la enseñanza de la Literatura.

Introdução

A Literatura possui um papel fundamental na sociedade e na construção daquilo que somos enquanto seres humanos, coletivo e individualmente. Pensar nela como apenas uma diversão ou até mesmo uma disciplina escolar não dá conta de expor a sua importância e o seu papel social.

Apesar de seu papel social não ser o cerne de sua estrutura, apenas uma de suas muitas facetas, ela é de extrema importância para pensarmos na importância do ensino e apreciação dessa expressão artística, a escrita literária é uma possibilidade de encarar diversos *modus operandi* do que é viver e ser humano, a partir dela é que é possível se deparar com os mais diversos sentimentos humanos: ira, ciúme, inveja, amor, etc., e é também através dela que somos capazes de perceber as diversas facetas possíveis do que é um ser humano.

Como Antonio Cândido tão bem definiu em seu texto intitulado “O direito à literatura” (2011) no qual ele expõe a importância da literatura na vida do ser humano e como a sua presença é o que de fato nos humaniza, nas palavras do autor:

[...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (Ibid. 2011, p. 177)

Ou seja, a literatura é um direito inalienável do ser humano, e como tal precisa ser difundido entre todas as classes sociais e todos os níveis de idade, o confronto com a literatura é essencial na construção de cidadãos, mostrando a verdadeira importância do seu ensino em sala de aula e, principalmente, no verdadeiro ensino de uma apreciação literária.

²⁶ Graduanda em Português – Literaturas pela Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Importância da literatura em sala de aula

Pensar na importância da literatura no âmbito geral de uma sociedade nos convida a refletirmos o seu papel fundamental dentro de sala de aula, uma vez que esta precisa não só estar atrelada a acontecimentos historicamente datados, mas de fato contribuir para que o aluno a incorpore na sua vida como cidadão, partindo do pressuposto que ela é um direito.

Regina Zilberman, em seu artigo “Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?” (2009) levanta a discussão exatamente sobre a historicidade da literatura enquanto disciplina escolar, apresentando as diferentes relações da escola com o ensino de literatura desde a Grécia antiga até os dias atuais, observando como atualmente o ensino se utiliza da riqueza literária apenas como mera ponte para o ensino de língua, perdendo completamente o seu caráter apreciativo dos anos passados, o que acaba ocasionando num distanciamento do aluno com a verdadeira leitura e impossibilitando um mergulho profundo.

O texto utilizado como pretexto é uma realidade de nosso tempo atual desde a década de 1970, a partir do momento em que o ensino de leitura foi dissociado do ensino de língua e de produção textual, perdendo o seu caráter integrativo e deixando de estudar um passado e uma tradição que não são incorporadas na realidade do aluno:

O novo panorama escolar, vigente até os dias de hoje, caracteriza-se pela ruptura com a história do ensino da literatura, porque se dirige a uma clientela para a qual a tradição representa pouco, já que aquela provém de grupos aos quais não pertence e com os quais não se identifica. A nova clientela precisa ser apresentada à literatura, que lhe aparece diversificado e não modulado, tipificado ou categorizado; ao mesmo tempo, porém, fica privada da tradição à qual continua sem ter acesso, alargando a clivagem entre os segmentos que chegam à escola e a história dessa instituição. Se, no passado, a escola apoiava-se fortemente no ensino da literatura e, mesmo sem ter como meta formar leitores, acabava, às vezes, contribuindo para isso, no presente, dá as costas para a tradição e termina por privar os alunos de qualquer história. (ZILBERMAN, 2009, p. 15-16)

Os apontamentos de Zilberman nos leva a pensar em que tipo de leitor a escola está formando e qual relação é construída entre o aluno do Ensino Médio e a literatura, durante os seus estudos e nos anos posteriores enquanto cidadão.

A concepção de leitura que se debruça numa percepção de mundo, construção de imaginário e compreensão da realidade é fundamental para que possamos olhar para o leitor em desenvolvimento e perceber a importância de uma boa formação literária para a sua vida, o qual se dedica a sociologia da leitura, que “tem como objeto de pesquisa o leitor e considera que fatores sociais interferem no processo de formação do gosto da leitura [...]” (BUSE, 2011, n.d.), ou seja, negligenciar o ensino integrativo da literatura é dificultar a criação de um verdadeiro vínculo entre o aluno e suas características humanas.

Retirar o foco do ensino de literatura que aborde apenas a historicidade cronológica ou na mera utilização como pretexto para a língua, faz com que voltemos o olhar para o que realmente importa para essa disciplina: o leitor.

Uma vez que o olhar retorna para o objeto leitor, é necessário pensar nas mudanças que precisam ser realizadas no processo do ensino de literatura nas escolas, os textos literários precisam retornar para o contexto de ensino com uma proximidade histórica próxima a dos alunos, o que permite que os contemporâneos, e não apenas os cânones, estejam presentes no dia a dia do aluno, quebrando o gelo inicial e os pré-conceitos que rodeiam os livros e a leitura.

O amadurecimento enquanto leitor acontecerá, então, de maneira gradual dentro de um lugar comum que o possibilite adquirir o verdadeiro gosto pela leitura e lhe dê arcabouço o suficiente para que possa enveredar em leituras mais distantes de sua realidade, conforme corrobora Jobim (2009):

A introdução do texto literário em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma “gradação textual” para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil para ele, para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil [...] a partir do momento que despertamos a atenção do educando para a Literatura, a partir de textos mais “fáceis”, poderemos, com melhor efeito, introduzi-lo no mundo das linguagens mais “difíceis” (por exemplo, a do Barroco), ou no mundo dos temas que não fazem parte (ainda) de seu universo. (JOBIM, 2009, p. 117)

Apesar de ter ressalvas com os termos “fáceis” e “difíceis”, não acreditando que de fato esses termos estejam presentes no ensino, uma vez que não existe literatura difícil apenas literatura desconhecida, o que corrobora para a importância de um verdadeiro aprofundamento do aluno em sua linguagem, muitas vezes os problemas em leitura decorrem de uma falta de intimidade linguística no qual não há um verdadeiro conhecimento de sua língua materna.

O desenvolvimento de um leitor se dá a partir do momento em que ele sobe nos degraus da língua, conhecer a língua é o que possibilita que haja uma verdadeira entrega no ato de leitura.

Destarte a importância de um ensino de Literatura que seja integrativo com o ensino de língua, produção textual e conhecimentos históricos, pois é através da complementação dos outros campos de estudos que é possível desenvolver no aluno um leitor eficiente, proficiente e capaz de utilizar as ferramentas provenientes da leitura para a sociedade.

Referências bibliográficas

- BUSE, Bianca. “A disciplina de literatura no ensino médio e a (de)formação do leitor.” Santa Catarina: Periódicos UDESC, 2011.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura.” In: *Vários escritos*, por Antonio Candido, 171-193. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- JOBIM, José Luis. “A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar.” In: *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*, por Regina Zilberman e Tania M. K. Rosing (Orgs.). São Paulo: Global, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. “Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?” *Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* v. 5, n. 1 (jan./jun. 2009): 9-20.

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA PARA A FORMAÇÃO DE ALUNOS CRÍTICOS

Mariana Souza Paiva de Barros

Resumo:

O presente artigo visa proporcionar considerações no que tange a importância da aprendizagem de literatura brasileira contemporânea em razão de amparar a construção de leitores críticos já na educação básica. Logo, objetivando através da introdução desse espécime de fazer literário, que novas meditações acerca do sistema formador de imaginários sociais sejam formuladas, e, principalmente, que não se engessem as percepções acerca da literatura em si, isto é, que nossos alunos consigam esculpir suas concepções literárias a partir de uma abordagem que insira pertinências sociais significativas para estes.

Palavras-chave: literatura, contemporaneidade, aprendizagem, sociedade

Abstract

This article aims to provide considerations regarding the importance of learning contemporary Brazilian literature, in order to support the construction of critical readers already in basic education. Therefore, aiming, through the introduction of this type of literary making, that new meditations about the system that forms social imaginaries are formulated, and, mainly, that the perceptions about literature itself are not dull, and our students are able to sculpt their literary conceptions from an approach that inserts social pertinence for them.

Keywords: literature, contemporaneity, learning, society

Introdução

Durante o processo de formação escolar, são apresentadas ao aluno representações heterogêneas acerca da própria concepção de literatura, juntamente com as devidas justificativas para o aprendizado desta, como por exemplo, a permanência da disciplina em vestibulares e afins. Todavia, dificilmente lhe é esclarecido aquilo que acaba por ser uma das maiores potencialidades do ensino de literatura nas escolas: a observação das alteridades humanas e a formulação de críticas sociais pertinentes para a vida em sociedade. Isto é, entende-se que a aprendizagem de literatura por si só já é capaz de fortalecer a experiência crítica dos alunos, de forma a se manter valorosa para a vida escolar.

Sabemos que é possível traçar um paralelo entre as temáticas escolhidas no desenvolvimento das obras contemporâneas de literatura brasileira, e é viável verificar que cada vez mais, ainda que de forma progressiva, os tópicos que refletem a complexidade das relações sociais já estão presentes em muitos contos, crônicas, poesias, romances, entre outros. Apesar de não se apresentarem como regra, enredos que trabalham violências sociais, alteridades e subjetividades humanas estão se tornando recorrentes nesta esfera. A retirada da condição de sujeito de determinadas parcelas sociais, ou seja, a desumanização velada aplicada especificamente para algumas camadas de pessoas, é também matéria que grandes obras do contemporâneo se propõem a investigar.

Ainda que alguns feitos literários desse momento histórico exponham, mesmo que para exemplificar situações reais, conjunturas de brutalidade excessivamente acentuadas pela linguagem e ambientação, não se mostra sensato dispensar o papel que a aprendizagem desse modelo de literatura pode ocupar na formação escolar. Compreendendo não só a literatura, mas a arte de forma geral, como um possível instrumento humanizador, isto é, enquanto meio auxiliar para a arquitetura de ponderações no que diz respeito à nossa própria condição humana e social,

não se pode desconsiderar o potencial que a pesquisa de obras literárias contemporâneas tem para a edificação crítica dos alunos.

Paralelamente, é interessante e necessário averiguar a ainda insuficiente presença de mulheres e pessoas não brancas nos mercados editoriais brasileiros, atestando um cenário literário que se encontra em estado homogêneo, e como esta disposição pode ser trazida para a sala de aula em forma de debate. Isto é, seria mais do que adequado levantar a temática de desigualdade dentro do universo concreto da literatura, expondo como e porquê esta disparidade ocorre.

Caminhos teóricos

Apropriamo-nos aqui, do conceito de violência simbólica, explicado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, como o mecanismo utilizado para impor e manter determinados valores sociais, e, apesar de em grande parte representar implicações psicológicas, a violência física é mostrada como a última instância de seu desenvolvimento. Segundo o sociólogo, a própria instituição escolar poderia ser encaixada como uma das reprodutoras da violência simbólica, ao não assumir o papel de eixo transformador, propondo as mesmas metodologias e avaliações, sem levantar aos alunos questionamentos a respeito dos sistemas sociais a sua volta. Tendo em mente que, mesmo que não diretamente, o perfil temático das obras contemporâneas tem se ajustado para envolver dinâmicas sociais e suas violências, que ultrapassam a categoria do fisco e traduzem as normalizações das brutalidades em material literário, torna-se interessante englobar a teoria de Bourdieu em nossa discussão.

A pesquisa de Regina Dalcastagne, em *Um território contestado: literatura contemporânea e novas vozes sociais* mostra-se relevante para que se possa questionar o porquê da escassez de mulheres e pessoas não brancas ainda ser ressoante, mesmo se tratando de obras contemporâneas, ao mesmo tempo que o estudo científico de Maurício Silva em *Literatura e experiência de vida; novas abordagens no ensino de literatura*, nos possibilita, a partir desta reflexão, experimentar novas estratégias de docência no que tange a literatura, objetivando tornar a prática literária mais significativa para os alunos.

Utilizaremos como palco, principalmente, a obra literária *Leite Derramado*, do autor brasileiro Chico Buarque, publicada em 2009, na qual nos é posta a circunstância de Eulálio, que em um leito de hospital, já no fim de sua vida, se põe a contar sua história, mesmo que não haja interesse do interlocutor, ou que não haja um, como acontece predominantemente ao longo da narrativa. O conto *Duzem-Querença*, de Conceição Evaristo será tratado de forma a debater os constituintes sociais que agridem, inclusive no último grau da violência simbólica, as mulheres, especialmente, as negras. Também serão feitas referências, em menor escala, aos contos *Feliz aniversário* e *Venha ver o pôr do sol*, de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles respectivamente, com o objetivo de acrescentar exemplos práticos acerca de como este tipo de violência se faz presente na literatura brasileira contemporânea.

Literatura contemporânea e violência simbólica

Em *Leite derramado*, temos acesso ao íntimo e a psicologia de um centenário que, no ímpeto de narrar a própria vida, acaba por apontar, indiretamente, paisagens de violência social, nas quais ele mesmo ocupa, muitas vezes, o papel de ofensor. Em todo discurso construído por Eulálio, é possível identificar a propagação de ideais que naturalizam desigualdades, como recurso crítico do autor às cargas de devastação indubitavelmente presentes na configuração social brasileira.

No caso do protagonista referido, que na juventude ocupou um lugar de veemente prestígio social, conseguimos averiguar, a partir de sua ótica, suas intolerâncias de gênero, raça e, principalmente de classe, e seu esforço inconsciente para a manutenção de seus próprios privilégios. Nos é demonstrado, inclusive, um traço comportamental presente no âmbito contemporâneo ao

discutirmos este tipo de hostilidade: a negação de Eulálio no que diz respeito aos preconceitos de raça, sob a justificativa de que teria crescido ao lado de um rapaz negro. A incoerência da afirmativa pode ser ilustrada a partir da categorização da personagem Matildes, esposa do protagonista, que, embora seja uma mulhernegra, é descrita como “castanha”, descendente de mouros ibéricos e “morena”, como estratégia de Eulálio para desaceitar estar casado com uma mulher não pertencente ao mesmo conjunto social que ele. Ademais, condutas de Matildes são frequentemente entendidas pelo protagonista como vulgares ou impróprias, muitas vezes sendo alvo de repressões, evidenciando o perfil patriarcal atrelado a Eulálio.

Para além disso, nos é atestada a experiência de abandono emocional e coisificação nas idades mais avançadas, isto é, em razão de suas limitações físicas, o narrador sofre o processo de apagamento de suas subjetividades, não sendo mais lido enquanto sujeito em seu estado de velhice. Este traço é encontrado em outras obras contemporâneas que abordam a mesma temática, como por exemplo em *Feliz aniversário*, conto de Clarice Lispector, em que a protagonista, apesar de ter apoio financeiro, tem sua humanidade ignorada pela própria família. O desaparecimento emocional familiar no que diz respeito à protagonista, nos é deferido a partir de cenas em que as vontades pessoais da mesma são rejeitadas para que se favoreçam os desejos dos mais jovens. O desencadeamento de infantilização da figura do idoso é apresentado em ambas as obras em tom de crítica, tornando suas leituras voluntariamente problematizadoras no que tange à maneira com que a sociedade trata os mais velhos, para além do abuso físico. Retomando o conceito elaborado por Bourdieu, um dos aparatos mais marcantes da violência simbólica é justamente sua habilidade de se camuflar enquanto fenômeno natural, logo, podemos correlacioná-lo com as cenas trazidas por Chico Buarque e Clarice Lispector, uma vez que exprimem a trivialização com que o desamparo ao idoso se manifesta em nosso trato social.

Duzu-Querença, conto da escritora brasileira Conceição Evaristo, presente na coletânea Olhos d'água, submete, quase instantaneamente, o leitor à vivência de sua protagonista, Duzu, que, em muitos aspectos, infelizmente, acaba por traduzir a bagagem emocional suportada por inúmeras mulheres brasileiras, submetidas à prostituição devido à situação de pobreza. O conto retrata, com certa crueldade, o emaranhado de emoções no qual Duzu é inserida, e como a cor de sua pele é um fator determinante para que muito de sua circunstância se faça presente. Semostra clara a negativa de alteridade dirigida à mulher, principalmente à mulher negra, posto que a intersecção entre as relações de gênero e raça está caracterizada de maneira gritante pelas cenas que Duzu está sujeita. Neste caso, a personagem é fisicamente afetada pela configuração social que lhe é aplicada, tendo sua complexidade subjetiva sido alcançada pelo grau de gravidade mais extenso da violência simbólica, como citado anteriormente. Assim como a personagem Renata, de *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles, tem sua humanidade não reconhecida, ao ser morta por um ex-companheiro que não aceitava o término do relacionamento, Duzu tem a própria morte banalizada, não obtendo a empatia que seria esperada nesta situação.

Durante a leitura e análise do romance de Buarque e dos contos de Lispector, Evaristo e Telles, podemos concluir que toda violência simbólica exposta nos textos, é empregada enquanto artifício para que se possa elucidar e criticar os cenários sociais existentes. Leite derramado, assim como as outras obras contemporâneas referidas, trabalha diretamente as demandas sociais hodiernas, sendo oportuno para que se possa discutir questões de violência e alteridade em sala de aula. Por esse contexto, presumimos que, em nossa alternativa ao ensino e aprendizagem de literatura nas escolas, cabe, periodicamente, o envolvimento deste parâmetro de composição, ressaltada enquanto pertinência pedagógica com o fim de argumentar, explicar e elucidar aos interlocutores, os alunos, imaginários sociais, suas fontes e problemáticas. Dessa forma, enquanto for observada competência de desautomatização cotidiana oferecida pela literatura, como enfatiza Maurício Silva, construir perfis estudantis que valorizem o estranhamento e a problematização de paradigmas que, essencialmente nos são apresentados num viés de naturalização, se torna, com o passar do tempo, mais viável e provável.

Por via de regra, a literatura é contribuinte fundamental para o amadurecimento das concepções de cidadania, sendo, conseqüentemente, agente modeladora de novas perspectivas, afirmações identitárias e da inclusão social. Nessa perspectiva, compreendemos que, a seleção de obras literárias que interajam empiricamente com os impasses e questões sociais vigentes, seriam de grande valia para o aprendizado genericamente. As composições serviriam de alicerce ilustrativo para os alunos que nunca tiveram contato com as realidades materiais aludidas, ao mesmo tempo que para aqueles que se relacionariam de maneira prática com as situações expostas, poderiam ser proporcionadas, por intermédio dos professores, reflexões, ponderações e, se necessário, intervenções da própria escola.

Ademais, poderíamos pesquisar, em sala de aula, não apenas o porquê da crescente preferência por temáticas sociais durante a elaboração de criações literárias, mas também os motivos pelos quais ainda há carência de presença e, principalmente, de reconhecimento de criadores que ocupem posições sociais afastadas de privilégio. Atestou-se, por exemplo, por Regina Dalcastagne, que mais de 60% dos autores publicados entre 1994 e 2004 residiam nos estados do Rio de Janeiro ou São Paulo, e quase todos estavam inseridos em universos profissionais já privilegiados de produção criativa, isto é, acadêmicos e jornalistas, relatando uma preocupante preferência geográfica e de classe nessas conjunturas. Diferenciações de gênero e de raça também estão, infelizmente, inclusas dessa discussão, visto que, nessa parcela de autores publicados, 72,7% eram homens e 93,9% eram pessoas brancas. Portando, ao avaliarmos a condição desequilibrada dos prestígios no campo da literatura, esse ponto se torna mais uma discussão com possíveis frutos para ser trazida para as aulas.

Alternativas da aprendizagem literária

Reforça-se aqui que, substancialmente, a prática literária, além da sensibilidade e catarse estética proporcionada ao leitor, viabiliza não só a quebra de paradigmas e dogmas sociais há muito entranhados em nosso imaginário social, como também equalizar relações de poder subscritas através das relações sociais. Como especifica Maurício Silva:

Lidar com a literatura é, portanto, uma maneira de compreender melhor e mais a fundo uma espécie de instrumento capaz de desautomatizar nossa percepção do cotidiano, agindo no sentido contrário à padronização de nossa apreensão da realidade; de desenvolver nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo; de despertar nossa capacidade de indignação, criando em cada um de nós uma consciência crítica da realidade circundante; de alicerçar nossa conduta ética no trato social, a fim de aperfeiçoar nossas inter-relações humanas; de desenvolver nossa capacidade de compreensão e absorção da atividade estética, a partir de uma prática hermenêutica consistente. (SILVA, 2010)

É possível verificar a valência que a presença da literatura advinda dos momentos contemporâneos pode ocupar na formação escolar, posto que, sua tendência temática a tornar as engrenagens sociais visíveis em suas criações, pode agregar à já existente potencialidade presente na aprendizagem de literatura em todas as escolas literárias. Assim sendo, trazer para sala de aula exemplos de crônicas, contos, poemas ou romances pertencentes a este modelo, poderia se fundamentar uma boa estratégia pedagógica para que se acenda e aguçe nos alunos esta percepção crítica.

Da mesma maneira, a reunião de elementos que formatem questionamentos acerca da supressão ainda real de autores que fujam a predileção das editoras e até publicações independentes, como mulheres, pessoas negras, indígenas entre outros, pode gerar um acréscimo à discussão anteriormente levantada. Uma vez que, ao apresentar esses dados em sala de aula, nos

quais é demonstrado que a exclusão de grupos historicamente inferiorizados ainda é sistêmica, mesmo num viés contemporâneo, um novo e grave elemento seria adicionado ao debate, gerando uma pesquisa mais abrangente. Além disso, a dissonância de classe existente na escolha de quem será publicado e valorizado, poderia entrar enquanto amplificador da investigação, posto que, ainda permanece, inclusive por entre os alunos, o pensamento errôneo de que para se fazer literatura seria necessariamente preciso ser parte de um círculo privilegiado academicamente. Logo, durante a tentativa de desfazer esta ideia, seria possível, novamente com a presença do professor, desenvolver projetos de criação literária entre os próprios alunos, estimulando-lhes a escrita em diversos níveis.

Nesse contexto, Regina Delcastagne explica:

Por isso é preciso dizer, em primeiro lugar, que o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo. Sem dúvida, houve uma ampliação dos espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, blogs, sites etc. Isso não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma. (DALCASTAGNE. 2007)

Conclusão

Sabemos que em âmbito escolar, principalmente no ensino público, é certo que nos deparemos com experiências e existências distintas entre si, cada uma complexa à sua maneira, ao mesmo tempo que manifestando graus de semelhança em razão de realidades socioeconômicas e geográficas. Tendo em vista que cada aluno presente na sala de aula é possuidor de subjetividades específicas e, ao mesmo tempo, encontra-se aliado à vivências sociais enquanto parte de um coletivo, se torna notória a importância de oferecer-lhe recursos para ponderar sobre sua concretude e para que possa desfazer paradigmas acerca das experiências alheias.

Sob este alicerce, seria praticável gerir em sala de aula discussões e debates, tanto no que diz respeito ao elemento estético das obras, quanto a faculdade ponderativa na qual estão mergulhadas.

A carga de humanidade trazida pela inserção da literatura contemporânea na grade escolar, é de grande ganho para o macrocosmo social de maneira geral, posto que, são obtidas em sala de aula as mais diversificadas reflexões a respeito de nossas relações em sociedade. Logo, a já remanescente capacidade do ensino de literatura por si só em formar estudantes com faculdades críticas pode ser intensificada e impulsionada.

Referências

- BORDIEU, Pierre. *Questão de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- DALCASTAGNE, Regina. *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e novas vozes sociais*. Revista Iberic@l, número 2, p. 13-18.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro, Pallas, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro. Rocco, 2008.
- TELLES, L. F. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. Editora Ática, 1988.
- SILVA, Maurício. *Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura*. Dossiê: literatura e ensino, Porto Alegre, 2010.

CLUBE DE LEITURA: O TRABALHO COM CONTOS NA SALA DE AULA

Nicole Pereira Ribeiro²⁷

Resumo

O presente artigo visa discutir as dificuldades do ensino da Literatura na sala de aula e o modelo de ensino em voga, propondo o Clube de Leitura como um caminho para o trabalho com a literatura que fuja às aulas expositivas tradicionais e a historiografia da literatura. A pesquisa trás a proposta de rodas de leitura visando a análise de coletâneas de contos de autoria feminina, oferecendo contato direto com as obras aos alunos. Como resultado se teve o despertar de hábitos de leitura e interesse em conhecer mais obras literárias, como relatado pelos alunos.

Palavras-Chave: Literatura; Letramento literário; Clube de Leitura; Leitura; Análise de textos.

Abstract

The present article aims to discuss the difficulties of teaching literature in the classroom and the teaching model in vogue, proposing the Reading Club as a way to work with literature that escapes the traditional lectures and the historiography of literature. The research brings the proposal of reading groups aiming at the analysis of short stories written by women, offering direct contact with the works to the students. The result was the awakening of reading habits and interest in getting to know more literary works, as reported by the students.

Keywords: Literature; Literary literacy; Reading Club; Reading; Text analysis.

Introdução

Diante do fato de que os estudantes brasileiros não têm contato direto com obras literárias, visto que o ensino regular costuma se restringir a historiografia da literatura, pode-se concluir que há uma deficiência nesse ensino. No Ensino Médio, além de tratar apenas da literatura brasileira, o contato com esta se limita, muitas vezes, aos excertos presentes em livros didáticos ou poemas esparsos, utilizados frequentemente devido ao difícil acesso aos recursos necessários para se apresentar obras literárias completas aos alunos.

“O atual processo de leitura de Literatura não propicia um aproveitamento adequado da Literatura como fenômeno artístico, já que, muitas vezes, prioriza o ensino da história da Literatura ou o trabalho com fragmentos de obras literárias consideradas canônicas, não estimulando, dessa forma, o jovem estudante à prática da leitura.” (BUSE, 2011, p. 1)

Fugindo de uma tradição escolar onde somente são lidos clássicos infanto-juvenis como um pretexto para a análise linguística ou os grandes clássicos nacionais como um preparatório para os vestibulares, o objetivo é trabalhar com os alunos a leitura como um processo de fruição, como dito por Antônio Candido, recuperando a leitura apenas pelo prazer de ler e a busca pelo que o texto tem a oferecer e acrescentar, somado às próprias experiências vivenciadas pelos leitores, sem ter a análise metalinguística como objetivo final.

Com a pretensão de trazer a leitura como hábito do aluno e não uma obrigação pautada no currículo, surgiu a ideia de um projeto de clube de leitura, no qual serão abordados variados gêneros da literatura, desde contos ao romance, pretendendo trazer não apenas os livros clássicos, que são importantes para os alunos de ensino médio, mas também os *best-sellers* que são mais voltados para

²⁷ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

alunos dos últimos anos escolares. O objetivo deste projeto visa a inserção de um costume voltado à leitura e ao pensamento crítico, para que futuramente o aluno seja capaz de ler qualquer tipo de texto e analisá-lo, algo imprescindível para futuros graduandos.

O pensamento crítico da literatura pode e deve ser relacionado às suas referências históricas, políticas, culturais, sociais, assim como criar uma abertura para os alunos que não possuem interesse em ler. Desse modo, fazendo com que, através das leituras propostas para os encontros online, os alunos se iniciem como leitores e se tornem capazes de um pensamento literário e social crítico que ajudará em sua formação pessoal e escolar.

Fundamentação Teórica

Partindo do conceito de que a leitura é um bem incompressível, ou seja, um direito humano, é importante que esta seja oferecida aos estudantes, como uma forma de reparação do afastamento ocorrido ao longo dos anos com a maioria dos alunos. Segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, nos últimos quatro anos 4,6 milhões de pessoas deixaram de ler, o que retrata em dados o que os professores já conseguem perceber em sala de aula: os alunos estão lendo menos, seja pelo encarecimento dos livros, dificultando o acesso das classes menos favorecidas a esse tipo de arte, seja pela falta de incentivo da sociedade, incluindo a escola.

Antônio Candido denunciou essa questão em seu texto “O direito à literatura”, onde compara a leitura com os sonhos, necessários para a abstração da mente, auxiliando a suportar as dificuldades do cotidiano, a negação desse direito seria, segundo o autor, uma mutilação da personalidade, pois atua como formador desta. O texto literário possibilita a organização do mundo através da palavra e abre os olhos do leitor para as situações de restrição de direitos fundamentais, até mesmo negação deles.

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado, este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (CANDIDO, 1995, p. 177)

Seguindo a concepção de João Wanderley Geraldi de que a língua é uma forma de interação, este trabalho considerou que os sujeitos só conseguem produzir sentido por meio da troca com outros indivíduos, entendendo, portanto, a literatura como um processo de interlocução, onde o texto media a troca de sentidos entre o leitor e o autor, segundo Geraldi (2011, p. 72) um “encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita. Como o leitor, nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações (...).”

Por isso, a forma de clube de leitura pareceu a mais indicada, pois possibilita além da interação entre aluno e texto, também a interação com outros alunos, aumentando assim a troca de experiências com a leitura e possíveis interpretações do texto a partir da vivência de cada um, como dito por Rildo Cosson:

“Ler implica troca de sentidos não só entre escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” (COSSON, 2021, p. 27)

O objetivo era apresentar obras já consagradas, de forma a auxiliar o aluno nas suas dificuldades de compreensão e também introduzir obras de autoras contemporâneas que eram desconhecidas a eles, visando assim trazer temas do cotidiano e captar o interesse dos alunos nas obras escolhidas, assim como dito por Buse:

“Nossa sugestão, então, é que o professor inicie os trabalhos com a Literatura a partir da leitura de textos contemporâneos, que estejam mais próximos à realidade dos alunos (...). Partindo do mais contemporâneo, esse professor pode vir a conquistar o aluno e, após certa maturidade de leitura, este terá bagagem para ler uma obra clássica, compreender e apreciar, ou renegar, mas já com argumentos sólidos para isso.” (BUSE, 2011, p. 10)

Também foi preferido o trabalho exclusivamente com a literatura de autoria feminina, levando em conta que suas obras muitas vezes são preteridas no cânone e por isso muitos alunos conhecem poucas autoras brasileiras e estrangeiras, como o caso de Maria Firmina dos Reis, autora de “Ursula”, livro discutido com os alunos e que é considerado um clássico romântico esquecido pelo cânone literário.

Em suma, o objetivo geral do trabalho era auxiliar o letramento literário, possibilitando aos alunos a aquisição de uma autonomia leitora e um pensamento crítico acerca das obras, para que estabeleçam uma vida de leitura constante fora do ambiente escolar.

Metodologia

A metodologia do projeto é baseada na sequência básica elaborada por Rildo Cosson em seu livro *Letramento Literário* (2011), onde o autor apresenta um plano de trabalho com o texto constituído de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. No primeiro passo é feito a preparação do aluno para o contato com o texto, abordando questões sobre o tema da obra e relacionando com o conhecimento de mundo de cada leitor. Na introdução é apresentado o autor e a obra, contextualizando sua época de escrita, é importante também apresentar o livro físico para os alunos, enfatizando os elementos paratextuais como capa, orelha e quarta capa.

Em seguida, na parte reserva à leitura, o aluno tem o contato com o texto, sendo acompanhado pelo professor através do cronograma de leitura e auxílio na decifração da linguagem do texto. Por último, na interpretação ocorre a produção de sentido a partir da leitura do texto, nela os alunos apresentarão seu entendimento do texto e o professor irá conduzir a discussão, corrigindo possíveis erros.

Foi preferível que a motivação e a interpretação fossem realizadas juntas, visto que os encontros do clube são quinzenais, sendo então realizado um encontro com os alunos para discussão de suas experiências anteriores de leitura, debate sobre a escolha do trabalho exclusivo com autoras e apresentação da primeira autora e a obra escolhida. Para a leitura foi estabelecido um período de 15 dias, onde o acompanhamento com o professor seria realizado através de um grupo do Whatsapp, sempre ressaltando a importância de não contar o enredo para aqueles que estão menos adiantados na leitura.

Na interpretação é realizado um outro encontro onde os alunos podem debater sobre o texto, esclarecer dúvidas e, a partir da condução do professor, aprofundar-se na leitura. Uma parte importante da sequência básica é que o aluno compartilhe sua interpretação com outros, por isso foi escolhido como avaliação a resenha crítica, que seria publicada num perfil do Clube no Instagram, feito para essa finalidade.

As obras escolhidas para serem trabalhadas com os alunos foram “Olhos d’água” de Conceição Evaristo, “Laços de Família” de Clarice Lispector e “Filhos de Sangue e Outras Histórias” de Octavia Butler. Como recursos foram escolhidos o Google Meet para os encontros síncronos com os alunos, com duração de 1 hora, o Whatsapp para comunicação com eles, através de um grupo com a turma e o Instagram para apresentação do trabalho realizado e publicação das resenhas.

Resultados

Logo de início houve uma boa adesão a proposta do Clube de Leitura, o que causou surpresa por ser uma matéria eletiva para os alunos. As leituras foram bem recebidas e pode-se perceber que muitos não tinham tido contato com coletâneas de contos anteriormente, percebendo assim o sentido que trazem ao estarem juntos.

A leitura preferida dos alunos foi “Olhos D’água” de Conceição Evaristo, que apesar de uma linguagem mais direta e muitas vezes violenta, tem uma temática muito aproximada da realidade dos alunos. “Filhos de Sangue e Outras Histórias” também foi bem recebido, principalmente por ser uma ficção científica escrita por uma mulher, também e foi o primeiro contato de muitos com este gênero literário.

Como trabalho final foi proposto a elaboração de um comentário acerca de uma de obras lidas no Clube, onde os alunos puderam contar sobre suas experiências com os livros e qual foi o impacto em suas vidas cotidianas.

Os alunos se mostraram impactados pelas leituras realizadas e incentivados a conhecer mais sobre os autores apresentados, muitos relatando não ter tido contato anterior com a literatura produzida por mulheres negras como Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis e Octaviana Butler.

Conclusão

A experiência de mediação do Clube de Leitura proporcionou uma visão sobre o trabalho com literatura nas escolas. Pode-se perceber que o contato com as obras literárias gerou reflexão nos alunos, ajudando-os a entender situações do cotidiano, a refletir sobre violência, racismo e a situação das autoras no meio literário. Também houveram relatos de alunos que se sentiram motivados a ler outras obras, entendendo que toda leitura é válida.

Também foi uma experiência de oferecer a leitura como algo prazeroso, contrastando com os contatos com a literatura que os alunos relataram ter anteriormente. É imprescindível na formação de professores o contato direto com os estudantes, aprendendo a estabelecer metodologias, adequando-as de acordo com as necessidades de cada turma e sabendo colocar a teoria aprendida na graduação em prática. Como dito por Rildo Cosson:

“A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.” (COSSON, 2021, p. 17)

Referências Bibliográficas

- BUSE, Bianca. A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de) formação do leitor. Colóquio "Ensino médio, história e cidadania"-ISSN: 2236-7977, v. 1, n. 01, 2011
- BUTLER, Octavia E. Filhos de Sangue e outras histórias. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: Vários Escritos. 4. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 169-191.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2ª edição, 11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas Editora, 2016
- GERALDI, João Wanderley. O Texto na Sala de Aula. São Paulo: Ática, 2011.
- LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- DOS REIS, Maria Firmina. Úrsula e outras obras. Edições Câmara, 2018
- TOKARNIA, Mariana. Brasil Perde 4,6 Milhões de Leitores em Quatro Anos. Revista da Agência Brasil, Rio de Janeiro. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>>. Acesso em 31/01/2022.

ALITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO ENSINO MÉDIO

Raquel Barros do Amaral²⁸
Isabella Rocha Pontes²⁹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo conscientizar os alunos e os participantes do ambiente escolar acerca das inúmeras contribuições das autoras brasileiras na nossa formação enquanto indivíduos e seres sociais. Com este trabalho, pretendemos estimular o interesse estudantil em conhecer de perto grandes autoras contemporâneas e clássicas, sendo assim, nos apoiaremos criticamente nos teóricos Sônia Kramer, Ramón Grosfoguel, Anna Faedrich e Virgínia Woolf para fundamentar nossos estudos. A metodologia aplicada divide-se em três etapas: 1) Pesquisa e estudo teórico acerca da autoria feminina; 2) Escolha de autoras brasileiras a serem utilizadas no estudo; 3) Planejamento de uma aula de literatura para o ensino médio; 4) Aplicação prática da aula planejada. Os resultados apontam que o contato literário com a autoria feminina é muito benéfico para a categoria discente, uma vez que incentiva a atuação feminina epistemológica e combate o sexismo literário existente atualmente.

Palavras-chave: Literatura. Autoria. Feminina. Conscientização. Sexismo.

Abstract

This article aims to make students and participants in the school environment aware of the numerous contributions of Brazilian authors in our formation as individuals and social beings. With this work, we intend to stimulate student interest in getting to know great contemporary and classic authors up close, therefore, we will critically rely on the theorists Sônia Kramer, Ramón Grosfoguel, Anna Faedrich and Virgínia Woolf to support our studies. The methodology applied is divided into three stages: 1) Research and theoretical study about female authorship; 2) Choice of Brazilian authors to be used in the study; 3) Planning a high school literature class; 4) Practical application of the planned class. The results indicate that the literary contact with female authorship is very beneficial for the student category, since it encourages epistemological female performance and combats the literary sexism that currently exists.

Key words: Literature. Authorship. Female. Awareness. Sexism.

Introdução

A literatura de autoria feminina tem sido relegada à secundariedade por muito tempo, visto que a literatura canônica brasileira privilegia, majoritariamente, os autores do sexo masculino. A Associação Brasileira de Letras (ABL) demonstra a veracidade de tal afirmativa, uma vez que, de quarenta membros efetivos e vinte membros correspondentes estrangeiros, somente nove destes são mulheres, sendo estas: Ana Maria Machado, Rachel de Queiróz, Dinah Silveira de Queiróz, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira, Lygia Fagundes Telles, Fernanda Montenegro, Zélia Gattai e Nélida Piñon.

²⁸ Graduanda de Letras-Literaturas, UFF. Ex-Bolsista PIBIC/CNPq 2021/2022 em Literatura Portuguesa: "CENAS DE ESCRITA E DE LEITURA NA POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: PRÁTICAS DE COMPILAÇÃO".

²⁹ Graduanda de Letras-Francês, UFF. Bolsista PIBIC/CNPq 2021/2022 em Linguística: "ARGUMENTAÇÃO E MULTIMODALIDADE EM TEXTOS MIDIÁTICOS".

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

A escassa presença da autoria feminina na ABL, demonstra-se latente, também, nas escolas, uma vez que os livros didáticos e os próprios docentes, na maioria das vezes, não abordam as autoras brasileiras em sala de aula, e, quando ocasionalmente o fazem, a polêmica a respeito do sexismo literário não é debatido com os discentes, assim como a reflexão acerca dos dispositivos de exclusão literária não são aprofundadas, satisfatoriamente, em sala de aula.

Diante deste cenário, o presente artigo se faz necessário no sentido de propagar a qualidade e a quantidade das literaturas de autoria feminina no ambiente escolar, assim como tornar claro os incontestáveis dispositivos de exclusão destas nos cânones literários do Brasil. É de extrema importância propiciar aos alunos uma reflexão a respeito do preconceito contra a mulher, tanto no ambiente literário, quanto no ambiente profissional e artístico. Sendo assim, pretendemos, com este projeto, contribuir para uma educação brasileira pautada na heterogeneidade literária e na igualdade de propagação canônica, auxiliando o desenvolvimento de leitores conscientes e capazes de refletir sobre as temáticas de gênero.

Pressupostos teóricos

Neste artigo, utilizaremos como fundamentação teórica alguns textos que abordam, de forma diacrônica e sincrônica, a presença da mulher no âmbito literário e epistêmico da sociedade, além de promover reflexões acerca do lugar da literatura na constituição de indivíduos sociais. Inicialmente, pretendemos elucidar aos alunos o motivo pelo qual a leitura de textos literários é de extrema necessidade para a formação de leitores reflexivos e críticos, que aplicam os conceitos apreendidos nas leituras em suas vidas cotidianas.

Com o objetivo de explicitar tais questões, utilizaremos como base, para a exposição, os conceitos defendidos por Sônia Kramer em seu texto **Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais**. Neste texto, Kramer defende a posição de que leituras e escritas de textos são experiências coletivas que perpassam conhecimentos múltiplos do passado, possibilitando compreender e criticar o presente, além de vislumbrar mudanças necessárias ao futuro. A autora leva em consideração, com base em Walter Benjamin, a divergência entre vivência e experiência: na vivência, os conhecimentos se dissolvem no momento de sua realização – ou seja, são aplicados apenas no momento presente, que é finito; já na experiência, os conhecimentos são assimilados e tornam-se transmissíveis para além do momento presente – assim, os conhecimentos são apreendidos a partir da vivência e perpassados pelos indivíduos durante várias gerações, criando um saber coletivo.

Deste modo, a literatura como experiência torna-se uma fonte inesgotável de saberes, que possibilita aos indivíduos conhecerem os acontecimentos do passado, os quais formaram a nossa realidade atual; como, também, põe em questão injustiças já estabelecidas anteriormente e que persistem até o momento presente. Sendo assim, o estudo literário é um grande aliado para a formação de sujeitos sociais que refletem e conseguem criar alternativas para lutar contra as desigualdades e preconceitos sociais, promovendo uma "humanização" através da leitura e escrita de textos.

Em seguida, pretendemos nos aprofundar no processo de sexismo desde o século XVI até a contemporaneidade. Com este objetivo, nos embasaremos no artigo de Ramón Grosfoguel, intitulado **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Em seguida utilizaremos o artigo **Memória e amnésia sexista: repertório de exclusão das escritoras oitocentistas**, de Anna Faedrich; além do texto de Virginia Woolf intitulado **Profissões para mulheres**.

O artigo de Ramón Grosfoguel discute o processo pelo qual se deu o privilégio epistêmico mundial dos homens nas sociedades ocidentais. O autor afirma que este processo se deu a partir do genocídio e do epistemicídio - "destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos" (GROSFOGUEL, 2016, p. 26)- de inúmeros povos colonizados a partir do século XVI. Para Grosfoguel, os quatro grandes genocídios/epistemicídios da história do período colonial foram: contra os muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus; contra os povos indígenas do continente africano – e, depois, contra os aborígenes na África; contra os africanos aprisionados em seu território e escravizados na América; e, finalmente, o epistemicídio contra as mulheres europeias que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu, oralmente, e foram queimadas vivas, acusadas de bruxaria. Este último epistemicídio é o que mais nos importa no presente estudo.

Conforme Grosfoguel afirma, havia mulheres que eram grandes conhecedoras das áreas de biologia, astronomia, ética, dentre outras, e, por este motivo, ameaçavam a hegemonia epistêmica das sociedades patriarcais do sistema colonial, visto que disseminavam, oralmente, os seus conhecimentos ancestrais acerca do mundo e da vida para asua comunidade, propagando diversos saberes. Desta forma, a estratégia do sistema colonial para silenciar estas mulheres foi a acusação de que estas eram bruxas e deveriam ser queimadas vivas. O genocídio pelo fogo era tido como uma forma de "purificação" de seus atos e, ao mesmo tempo que matava seres humanos inocentes, eliminava a fonte de conhecimento daquela comunidade. Logo, percebe-se que desde o século XVI há uma tentativa de silenciamento das mulheres, que persiste, ainda hoje, nas sociedades patriarcais.

O artigo **Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas**, de Anna Faedrich, nos propõe grandes reflexões acerca de como ocorre o preconceito literário contra a mulher, de modo velado ou explícito. Para tal, a autora se utiliza do estudo de repercussão das obras de diversas autoras, tais como Amélia de Oliveira, Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Albertina Bertha, Narcisa Amália e Tereza Margarida da Silva e Orta. Damos destaque especial, aqui, a respeito da autora Amélia, citada no artigo de Faedrich, no qual apresentam-se trechos da carta de Olavo Bilac (noivo de Amélia) que a repreende por suas publicações poéticas e a desencoraja a continuar escrevendo, culminando no término de suas produções literárias. Em sua carta, Olavo diz "*Não me agradou ver um soneto teu no Almanaque da Gazeta de Notícias deste ano, [...] desagradou-me a sua publicação. [...] 'O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida'. _ Não é umagrande verdade?'*" (ELTON, 1954, p. 48-54 *apud* FAEDRICH, 2018, p. 166). Logo, vemos que a hostilidade de Bilac com respeito à escrita de sua noiva interrompe um talento em potencial, que nunca poderemos desfrutar.

Por fim, Faedrich afirma que a ementa das disciplinas de literatura brasileira favorecem, no geral, o cânone de escritores homens. No entanto, esta exclusão é justificada pelos mesmos através do fato de que as obras femininas eram inexistentes àquela época, pois não haviam direitos que permitissem a educação das mulheres. Todavia, vemos, através do artigo de Faedrich, que a literatura de autoria feminina não só existia, como também era publicada, sendo, no entanto, sufocada através de diversos mecanismos de coerção literária e sexista. Por fim, a autora afirma que há três argumentos utilizados acerca do apagamento das escritoras brasileiras da memória literária: "*1) a literatura é um espaço interdito às mulheres; 2) espera-se características específicas em publicações de mulheres; e 3) a crítica desqualifica suas produções literárias de forma explícita ou velada, com ou sem razão'*" (FAEDRICH, 2018, p. 165).

O texto **Profissões para mulheres** (2012), escrito e proferido por Virginia Woolf para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, aborda questões relativas às posições profissionais assumidas pelas mulheres na sociedade da década de 1930 (ano em que foi proferido). Neste texto, Woolf fala a respeito de sua carreira como escritora e afirma que a literatura é uma das profissões menos específicas para as mulheres. A partir desta afirmação, Woolf apresenta a imagem do “Anjo do Lar”, que seria um fantasma de mulher, que representa todo o ideal feminino de uma sociedade opressora e machista.

Em outra passagem do texto, Virginia Woolf afirma que a função deste “Anjo” era proteger o ego masculino, o lisonjeando e ludibriando, não expondo a sua verdadeira posição em relação aos atos masculinos. Este fantasma feminino era puro e não possuía opinião própria, estando sempre submetido ao desejo de outrem. Além disso, apesar de ser reservado e tímido, o fantasma era meigo e muito simpático. Em suma, o “Anjo do Lar” era o que hoje se configura através da expressão “pura, recatada e do lar”, enunciada pelas classes mais conservadoras da população mundial. Por fim, Woolf alega que todas as mulheres devem matar esse fantasma se quiserem adentrar na escrita literária e nas profissões ocupadas por homens.

Sendo assim, a autora escreve como exterminou o seu “Anjo do Lar”: *“Fui pra cima dela e agarrei-a pela garganta. Fiz de tudo para esganá-la. (...) Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita”* (WOOLF, 2012, p. 13). Logo, a partir deste texto, podemos constatar a difícil tarefa de ser mulher, sobretudo escritora, em uma sociedade patriarcal machista.

No entanto, observamos que muitas mulheres, apesar das inúmeras barreiras impostas, sobrepujaram todos os preconceitos e também mataram o “Anjo do Lar”, como podemos observar na brilhante citação de Simone de Beauvoir: *“O fato de que sou escritora: uma mulher escritora, não uma dona-de-casa que escreve, mas alguém cuja existência, em sua totalidade, é comandada pelo ato de escrever”*. Tal passagem nos demonstra a superação alcançada por esta mulher e nos vislumbra um novo futuro, no qual podemos exercer todas as profissões que almejamos.

Metodologia

Para a metodologia, parte-se aqui da perspectiva construtivista de Jean Piaget (2007), que entende a educação como um processo de construção de conhecimento por meio de reflexões feitas em resposta a estímulos externos que agem sobre eles, construindo e organizando seu aprendizado. Toma-se também a ideia de letramento literário de Rildo Cosson (2006), que conversa bem com a perspectiva de Jean Piaget quanto à construção do conhecimento:

Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (COSSON, 2006, p. 35).

A proposta deste trabalho dedica-se à imersão do aluno na autoria feminina e nas questões de gênero na literatura, portanto, levando em conta os dois pensamentos anteriores, a metodologia considerará que a progressão do leitor parte não só do interesse de quem lê o texto, mas também da forma como o assunto é introduzido e desenvolvido. Dessa forma, formulamos uma proposta de aula a fim de expor os alunos ao tema e ajudá-los a construir um entendimento maior sobre ele, assim como ampliar a autonomia de formar suas próprias opiniões sobre este assunto ou outros.

As obras literárias de ficção utilizadas aqui são “Amor”, de Clarice Lispector e “Slam das Minas: não seremos interrompidas”, do projeto Slam das Minas-RJ.

Proposta de aula

O primeiro passo para essa aula é oferecer aos alunos uma motivação para “entrar” no texto e essa motivação pode ser feita de forma lúdica e descontraída. Usaremos a apresentação do vídeo “Slam das Minas part. Drik Barbosa - Trincheira” ou, caso não haja acesso a equipamentos de suporte digitais, pode-se oferecer alguns poemas da obra “Slam das Minas: não seremos interrompidas”, produzido e organizado por Carol Dall Farra, Débora Ambrósia, Letícia Brito, Lian Tai, André Bak e Gênésis, do projeto Slam das Minas-RJ; um projeto que, por meio da batalha lúdica poética, oferecida pelo movimento artístico norte-americano Slam, busca oferecer um “espaço seguro e livre de opressões para o desenvolvimento da potência artística de mulheres” (SLAM DAS MINAS, 2017). Em seguida, após a leitura ou a exibição do vídeo, o docente deverá entregar uma cópia digital e/ou impressa, para cada aluno, do conto “Amor”, de Clarice Lispector, que deverá ser lido em conjunto, através da mediação do educador.

Finalizada a leitura, é importante que o(a) professor(a) peça aos alunos que relatem suas impressões em relação às obras e introduza o tema de forma sutil, incitando os discentes a chegarem às respostas por si próprios. Baseada nos textos **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI, Memória e amnésia sexista: repertório de exclusão das escritoras oitocentistas e Profissões para mulheres**, haverá uma introdução histórica acerca do sexismo e de suas formas de opressão, que poderá ser feita por meio de uma apresentação de slides dinâmica, expondo fatores sócio-históricos que sustentam o preconceito de gênero e demonstrar, assim, como ele pode afetar as obras literárias de autoria feminina, desde o apagamento da figura da mulher escritora (como foi o caso de Maria Firmina dos Reis, autora de **Úrsula**, dentre outras) até as críticas e os temas que se refletem em suas obras.

Então, os alunos serão impelidos a refletir sobre as obras que leram e identificar nestas quais que dizem respeito aos preconceitos de gênero e aos discursos sexistas estruturais, que pode ser comparados à imagem de “Anjo do Lar”, dado por Virginia Woolf, ou ainda à necessidade da “Ana”, de Clarice Lispector, que “viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado”. Ao debate iniciado por essas reflexões, o texto **Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais** servirá de apoio, já que defende uma visão da literatura como parte do processo de formação de sujeitos sociais.

Para finalizar a discussão, o(a) docente poderá pedir aos alunos que digam quais são suas obras literárias favoritas, sem importar o gênero ou ano. O quadro poderá ser utilizado para anotar os nomes dos livros e dos autores. Em seguida, os discentes deverão falar um pouco sobre o tema de cada um desses livros. O objetivo é levantar uma última reflexão sobre a relação dos temas dos livros com o gênero de seus autores.

Por fim, deverá ser dado aos alunos uma atividade para realizar em casa: ler os textos comentados durante a aula e escrever um pequeno trabalho expositivo-argumentativo, cujo tema poderá ser definido como “A opressão e o silenciamento na literatura feminina”. Ele deverá ser entregue no prazo de duas semanas, durante as quais o(a) docente estará aberto(a) a auxiliar os alunos com quaisquer dúvidas que surgirem ou dando acesso ao material de apoio.

Considerações finais

Em suma, através do presente artigo observa-se as inúmeras contribuições que as literaturas de autoria feminina podem proporcionar ao ensino médio. Os estudos empreendidos durante esta pesquisa informam que as autoras brasileiras têm sido secundarizadas nos estudos literários do ensino básico, logo, este trabalho faz-se necessário e atual para discutir a questão da autoria feminina.

Existem inúmeros benefícios deste estudo para os discentes do ensino médio, dentre estes, vemos como cruciais as questões de combate ao sexismo epistêmico e ao preconceito de gênero, existente em uma sociedade patriarcal que privilegia o estudo de cânones, em sua maioria, masculinos.

Sendo assim, não só os estudos teóricos, mas também as sugestões de aulas apresentadas aqui buscam ressaltar a importância da representatividade feminina na literatura. Logo, espera-se que, através deste artigo, muitos professores possam repensar algumas escolhas didáticas para a apresentação de autores brasileiros e possam fazer seleções que representem não só a diversidade cultural e étnica do Brasil, mas também a heterogeneidade de escritas dos diferentes gêneros humanos e literários existentes.

Referências

- BAK, Andréa; FARRA, Carol Dall; BRITO, Letícia; BARCELOS, Rejane; GÊNESIS. **Slam das Minas RJ**. Rio de Janeiro: Caderno 3, 2017.
- FAEDRICH, Anna. *Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas*. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, vol. 11, n. esp. (supl. 1), set. 2018, p. 164-177.
- GROSFUGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, jan./ abr. 2016, p. 25-49.
- KRAMER, Sônia. *Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais*. In: **Presença Pedagógica**, vol.6, n.31, jan./fev. 2000, p.17-27.
- LABORATORIOFANTASMA. Slam das Minas part. Drik Barbosa: Trincheira. **Youtube**, 4 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QjqmuPw3NGk>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- LISPECTOR, Clarice. *Amor*. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Editora Rocco Digital, 1998.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres*. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: LP&M, 2012, p. 9-19.

A PANDEMIA E O ENSINO DE LITERATURA NAS ESCOLAS

Tamires Marcello Rodrigues³⁰

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o ensino de literatura durante o período crítico da pandemia no Brasil. Com o uso de tecnologias de informação, escolas, professores e alunos adaptaram o ambiente escolar para o ciberespaço. O referido movimento tem pontos positivos e negativos, que serão abordados no decorrer deste artigo.

Palavras-chave: pandemia; educação; literatura; escolas

Abstract

This article aims to discuss the teaching of literature during the critical period of the pandemic in Brazil. With the use of information technologies, schools, teachers and students adapted the school environment to cyberspace. This movement has positive and negative points, which will be addressed in the course of this article.

Key words: pandemic; post-pandemic; literature; schools

Introdução

A literatura está presente na vida das pessoas desde os seus primeiros anos de vida. Para além do campo pedagógico, ela também é uma das formas de construção de consciência social, pensamento crítico e desenvolvimento cultural dos indivíduos. Por esse motivo, é de suma importância que o ensino de literatura nas escolas no período pós-pandêmico seja discutido e cada vez melhor elaborado, para que essa disciplina continue contribuindo ainda mais para o crescimento intelectual e cultural dos alunos.

O contexto da pandemia afetou milhões de estudantes no mundo inteiro durante dois anos. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. (Organização Panamericana de Saúde, mar. 2020)

No Brasil, além dos riscos de contaminação e todas as dificuldades enfrentadas pelo momento pandêmico, as desigualdades sociais foram ainda mais escancaradas. Para alguns estudantes, o fechamento das escolas significou não apenas uma parada no ensino, mas o fim dele. Com as dificuldades enfrentadas, muitos alunos não possuíam aparelhos tecnológicos para dar sequência ao ensino por intermédio de tecnologias digitais e, por isso, tiveram seu acesso à educação interrompido por tempo indeterminado.

Sendo assim, os danos ao ensino de milhares de crianças se refletirão pelos próximos anos, haja vista que, com o retorno às salas de aula, ainda que gradativamente, muitos alunos encontrarão dificuldades de adaptação devido à lacuna provocada pela ausência de acesso aos meios digitais de ensino durante o período pandêmico.

³⁰ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Diante disso, como tornar o ensino de literatura mais proveitoso em um dos momentos mais difíceis já enfrentados pela humanidade? Como reforçar o papel dessa disciplina a fim de fazer com que o momento seja minimamente amenizado? Para além, como usar as tecnologias de informação em favor do ensino de literatura nas instituições de ensino?

Pressupostos teóricos

Segundo Coll,

educar implica, entre outras coisas, em exercer uma influência sobre os destinatários da ação educativa com a finalidade de orientar as suas ações e os seus comportamentos a uma determinada direção. Educar comporta, no sentido mais nobre e profundo do termo, ajudar os seres humanos a tornarem-se donos do seu destino, a desenvolver e a adquirir as capacidades que lhes permitam atuar e interagir com os outros e com o ambiente de maneira construtiva. (COLL, 1999, p. v).

Evidencia-se, nos dias atuais, que a capacidade da internet de abrir inúmeras possibilidades de comunicação e interação entre as pessoas tem sido usada nos processos de ensino ao redor do mundo. Por intermédio dessa ferramenta, é possível mesclar mundos real e virtual, facilitando a realização de atividades sem que haja necessidade de locomoção, o que favorece, de certa forma, a integração entre os seres, independentemente da distância.

Sendo assim, a fim de não cessar por completo o ensino durante o período agudo da pandemia, grande parte das unidades de ensino optou por migrar para o ciberespaço. No entanto, ainda que vivamos em uma era quase que completamente dominada pelos meios digitais e tecnológicos, o ensino mediado por tecnologia não é favorável a todos os alunos..

As dificuldades no enfrentamento da pandemia e como isso afeta a relação com o ensino e a docência foram evidenciadas. Segundo o Jornal da USP, na cidade de São Paulo, por exemplo, cerca de 3,8 milhões de estudantes e cerca de 200 mil educadores e educadoras passaram pelo desafio de se readaptar ao ensino de forma remota. Com isso, os desafios enfrentados por docentes e discentes viraram alvo de estudo para que essa mazela fosse sanada.

Com o futuro da educação presencial nas escolas indefinido, foi preciso que alunos e professores se adaptassem rapidamente ao novo processo. Para fazer com que o ensino fosse o mais proveitoso possível, os corpos docente e discente reuniram esforços para ultrapassar o estresse e a sobrecarga impulsionados pelo ensino remoto implementado de forma paliativa e obter o maior proveito possível.

Metodologia

Com o intuito de ponderar acerca do ensino de literatura com o uso de tecnologias de informação, a base metodológica para esse artigo foi acompanhar durante um semestre uma turma de 6º ano de uma instituição de ensino privada. Para as aulas programadas, o objetivo era mesclar tecnologias de informação, livros para a faixa etária dos alunos e gêneros textuais muito comuns aos meios digitais.

Nas primeiras aulas, a professora introduziu o livro Harry Potter e a Pedra Filosofal, de J.K. Rowling, grande obra bem disseminada ao redor do mundo, o que ajudaria a despertar o interesse dos alunos, haja vista que conheciam o livro. Tendo em vista que o ensino por meios digitais instaurou uma maior dificuldade de prender a atenção dos discentes, a ideia era usar uma obra de renome para fomentar a leitura dos alunos.

Além da leitura, o gênero textual estudado pela professora foi a *fanfic*. As *fanfics* (abreviação da expressão *fan fiction*, que significa “ficção de fã”), como o nome entrega, são histórias fictícias criadas por fãs baseadas em personagens de livros, filmes, séries, quadrinhos, etc. As *fanfics* são muito utilizadas por fãs para dar perspectivas alternativas às personagens queridas, soltando a criatividade relacionada ao que esperavam de determinada obra. Em suma, o fã pode criar interações diferentes entre as personagens, formar pares românticos e ocasiões que não existem na obra original. Tendo em vista que essas obras são encontradas exclusivamente na internet, em fóruns e sites específicos para este tipo de conteúdo, o estudo foi feito pelos meios digitais já usados para as aulas dos alunos.

A professora trouxe exemplos de *fanfics* e o trabalho final relacionado ao livro Harry Potter e a Pedra Filosofal foi produzir uma *fanfic* relacionada à obra. Devido à identificação dos alunos dessa idade e ao conhecimento de *fanfics*, muitas das vezes lidas por adolescentes e jovens, os discentes demonstraram interesse imediato, o que facilitou o ensino. A partir disso, foram exercitados três diferentes âmbitos da literatura: a leitura, a discussão e a produção textual, todos realizados pelos alunos.

O saldo final foi positivo e as aulas foram extremamente benéficas para o ensino de literatura alternativa, fora dos moldes mais comumente utilizados em sala de aula, por vezes lidos como monótonos por muitos alunos.

Conclusão

Em vista do acima exposto, é possível concluir que a internet pode exercer papel essencial no ensino de todas as disciplinas, se usada sabiamente pelo corpo docente. Além disso, as dificuldades enfrentadas no período de pandemia aguda no país, serviram de exemplificação para a adaptação dos alunos aos novos moldes de ensino e também servirão para o retorno gradual à sala de aula presencial.

Com base nisso, foi fundamental a percepção do corpo docente em relação aos estudantes para entender suas necessidades e usar a tecnologia, tão presente na vida dos alunos, como ferramenta aliada para o ensino de literatura e outras disciplinas. Ao se inserir no mundo dos alunos, o professor ganha aliados na sala de aula e faz com que o ambiente exerça o papel que deve exercer: ser lugar de troca de experiências e conhecimentos, tendo em vista que se trata de um espaço de aprendizagem mútua.

Por fim, é importante perceber e usar as vantagens do uso de tecnologias de informação nas instituições de ensino para auxiliar na administração das aulas e no aprendizado dos alunos. Assim, será possível conciliar os meios digitais e as salas de aula presenciais para fomentar o ensino de literatura, tanto a clássica, já disseminada nas escolas, quanto a literatura no campo digital, como as *fanfics*.

Referências

- COLL, César; MONEREO, Carles. *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010. Tradução Naila Freitas. Consultoria, supervisão e revisão técnica: Milena da Rosa Silva.
- MARIA, Luzia de. *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. *Histórico da Pandemia de COVID-19*. mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 19 fev. 2022.
- VALENZUELA, S. T.; RUIZ, R. C. *Ensino remoto em tempos de pandemia: leitura e produção de textos para crianças e jovens*. *Literartes, [S. l.]*, v. 1, n. 14, p. 227-256, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2021.192308. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/192308>. Acesso em: 19 fev. 2022.